

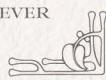


PF
Os COMEDORES DE

Polenta

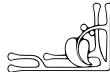
A SAGA DA FAMÍLIA DUARTE
DESDE OS AÇORES
ATÉ O SUL CATARINENSE

ORGANIZADOR
MARIO DUARTE CANEVER





Os COMEDORES DE *Polenta*



A SAGA DA FAMÍLIA DUARTE
DESDE OS AÇORES
ATÉ O SUL CATARINENSE

Fundação Universidade de Caxias do Sul*Presidente:*

Dom José Gislon

Universidade de Caxias do Sul*Reitor:*

Gelson Leonardo Rech

Vice-Reitor:

Asdrubal Falavigna

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:

Everaldo Cescon

Pró-Reitora de Graduação:

Terciane Ângela Luchese

Pró-Reitora de Inovação e Desenvolvimento Tecnológico:

Neide Pessin

Chefe de Gabinete:

Givanildo Garlet

Coordenadora da EDUCS:

Simone Côrte Real Barbieri

Conselho Editorial da EDUCS

André Felipe Streck

Alexandre Cortez Fernandes

Cleide Calgaro – Presidente do Conselho

Everaldo Cescon

Flávia Brocchetto Ramos

Francisco Catelli

Guilherme Brambatti Guzzo

Jaqueline Stefani

Karen Mello de Mattos Margutti

Márcio Miranda Alves

Simone Côrte Real Barbieri – Secretária

Suzana Maria de Conto

Terciane Ângela Luchese

Comitê Editorial

Alberto Barausse

Università degli Studi del Molise/Itália

Alejandro González-Varas Ibáñez

Universidad de Zaragoza/Espanha

Alexandra Aragão

Universidade de Coimbra/Portugal

Joaquim Pintassilgo

Universidade de Lisboa/Portugal

Jorge Isaac Torres Manrique

*Escuela Interdisciplinar de Derechos**Fundamentales Praeeminentia Iustitia/**Peru*

Juan Emmerich

Universidad Nacional de La Plata/
Argentina

Ludmilson Abritta Mendes

Universidade Federal de Sergipe/Brasil

Margarita Sgró

Universidad Nacional del Centro/
Argentina

Nathália Cristine Vieceli

Chalmers University of Technology/Suécia

Tristan McCowan

University of London/Inglaterra



Os Comedores de

Polenta

A SAGA DA FAMÍLIA DUARTE
DESDE OS AÇORES
ATÉ O SUL CATARINENSE

ORGANIZADOR
MARIO DUARTE CANEVER



® ao organizador

1ª edição: 2024

Preparação de Texto: Giovana Letícia Reolon

Leitura de Prova: Maria Teresa Echevenguá Maldonado

Editoração: Igor Rodrigues de Almeida

Capa: Ana Carolina Marques Ramos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Universidade de Caxias do Sul

UCS – BICE – Processamento Técnico

C732 Os comedores de polenta [recurso eletrônico] : a saga da família Duarte desde os Açores até o Sul Catarinense / organizador Mario Duarte Canever. – Caxias do Sul : Educs, 2024.

Dados eletrônicos (1 arquivo)

Apresenta bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web.

Vários autores.

ISBN 978-65-5807-364-2

1. Família - História. 2. Genealogia. I. Canever, Mario Duarte.

CDU 2. ed.: 929.52DUARTE

Índice para o catálogo sistemático

- | | |
|-----------------------|--------------|
| 1. Família - História | 929.52DUARTE |
| 2. Genealogia | 929.5 |

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Carolina Machado Quadros – CRB 10/2236

Direitos reservados a:



EDUCA – Editora da Universidade de Caxias do Sul

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 –
Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218
2197

Home Page: www.ucs.br – E-mail: educa@ucs.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO I	7
<i>Lavíno Santos Thizon</i>	
PREFÁCIO II	9
<i>Luiz da Silva Duarte</i>	
APRESENTAÇÃO	II
<i>Mario Duarte Canever</i>	
CAPÍTULO I	13
Família Duarte: origem e trajetória	
<i>Mario Duarte Canever</i>	
CAPÍTULO 2	40
Família de Marta da Silva Duarte (Paladini)	
<i>Jorlei Paladini</i>	
CAPÍTULO 3	50
Família de Santos da Silva Duarte	
<i>Jaime da Silva Duarte</i>	
<i>Luiz da Silva Duarte</i>	
CAPÍTULO 4	94
Família de Maria da Silva Duarte (Rinaldi)	
<i>Mônica Rinaldi</i>	
<i>Elisangela Rinaldi Margheti</i>	
CAPÍTULO 5	102
Família de Antônio da Silva Duarte (Nico)	
<i>Zenilda Possato Duarte</i>	
<i>Cristina Possato Duarte</i>	
CAPÍTULO 6	120
Família de Ana da Silva Duarte (Canever)	
<i>Mario Duarte Canever</i>	
<i>Maria Duarte Canever</i>	
CAPÍTULO 7	144
Família de Angelina da Silva Duarte (Rinaldi)	
<i>Terezinha Duarte Rinaldi</i>	
CAPÍTULO 8	161
Família de Elizia da Silva Duarte (Antonello)	
<i>Maria Antonello Somariva</i>	

CAPÍTULO 9**I70**

Família de João da Silva Duarte (Joanin)
Jucélia Duarte

CAPÍTULO 10**I77**

José da Silva Duarte (Juca)
Luiz da Silva Duarte
Mario Duarte Canever

CAPÍTULO II**I88**

Família de Joana Andrade da Silva
Eracilda Fontanela

CAPÍTULO I2**224**

Árvore Genealógica – Ascendência de Liriano João Duarte
Mario Duarte Canever

CAPÍTULO I3**234**

Árvore Genealógica – Descendência de Liriano João Duarte
Mario Duarte Canever
Cristina Possato Duarte
Zenilda Possato Duarte

PREFÁCIO I

Sou Lavino Santos Thizon e vou contar um pouco da linda história da família Duarte. A família Thizon morou muitos anos em Rio das Furnas. Não lembro o ano em que o Sr. Liriano e a Sra. Flora vieram morar próximos, tornando-se vizinhos. Eram pessoas do bem e a amizade prevaleceu conosco e com toda a comunidade. A minha mãe e a dona Flora se tornaram comadres. Mesmo com pouca terra (não muito boa), a família Duarte fazia o possível para manter-se. A vida naqueles anos era difícil para todos da comunidade, pois pouco se colhia para vender e para se conseguir algum dinheiro. Mesmo com dificuldades, o casal Duarte criou uma família exemplar, convivendo harmoniosamente com toda a comunidade.

Em 1952 mudei para Tubarão com minha esposa e mensalmente ia ver a família que havia ficado em Rio das Furnas. Após três anos, todos vieram para Tubarão, exceto meu pai, que já havia falecido. Vieram a mãe e mais seis irmãos para trabalhar no comércio, em um hotel. Foi mais ou menos nessa época que a Ana Duarte veio morar conosco e estudar.

O Casal Duarte realmente formou uma família exemplar. O Santos foi por muitos anos capelão, preparou centenas de jovens para Deus e cidadãos para a sociedade. A Maria foi tão importante onde andou que mereceu destaque nos livros do Rio Hipólito e do Rio das Furnas escrito pelo Pe. Elias. Lembro-me de que, como vizinhos e amigos, sempre que possível nos encontrávamos. Foi em um desses encontros que combinamos de que a Ana iria morar conosco, para ajudar

nos trabalhos da pensão e estudar. Isso foi muito bom para os dois lados! Era uma moça simples e educada e conviveu com minhas filhas harmoniosamente. Após os estudos voltou para casa, não me lembro se para as Furnas, para dar aulas. Depois encontrou o Olívio, com quem se casou e formou outra bela família.

As pessoas do bem só colhem bons frutos! Viva a família Duarte! Viva o Liriano e a Flora e seus descendentes!

*Tubarão, março de 2024
Lavino Santos Thizon (90 anos)*

PREFÁCIO II

Depois das elogiosas palavras do Sr. Lavino, prosseguimos por aqui com um certo sentimento de ego massageado e ainda mais orgulhosos de pertencer a essa laboriosa família. Povo simples, honesto e trabalhador. Não é sempre que se obtém uma manifestação tão simpática assim vindas de uma pessoa “de fora” e, portanto, isenta de interferências, que conheceu de perto muitos dos nossos antepassados.

Mas falemos do livro, como surgiu e o que encontraremos nele.

É este um trabalho feito com muitas mãos, sob a batuta de um Duarte aguerrido que foi a fundo nas pesquisas: Mario Duarte Canever, neto do Liriano, filho de Ana Duarte e Olivio Canever. Mario tomou a frente para que este livro se tornasse realidade.

Cada uma das famílias, a partir dos troncos (filhos do Liriano), teve a oportunidade de contar sua própria história e expor suas fotografias mais significativas, tudo em um capítulo exclusivo, o que possibilitou grande interação entre seus membros, propiciando uma busca ao passado, por suas lutas, e suscitando lembranças sublimes. Com isso, todos passaremos a conhecer melhor uns aos outros, além de deixar um legado histórico para nossos descendentes.

Mario começa o livro relatando as origens da família Duarte. Para isso foi fundo nas pesquisas, chegando até nossos antepassados que vieram de Portugal (Açores). Muito do que é dito nos ajuda a compreender o que

somos hoje, nossa forma de agir, reações... Integra essa parte também a árvore genealógica, seguindo a linha paterna. Na sequência vêm os capítulos de cada uma das famílias descendentes de Liriano, começando pela família de Marta, a mais velha dos filhos, e terminando com a família da Joana. O capítulo final apresenta a árvore genealógica completa dos ascendentes e descendentes de Liriano.

É uma família que valoriza a reunião de parentes, estar junto com os familiares, mas, à medida que passa o tempo e com a expansão de seus membros, é natural que gradativamente ocorra um distanciamento entre seus agrupamentos. Então, este livro busca, primeiro, resgatar nossa história, conhecer melhor nossos antepassados, saber nossas origens e, assim, nos entender melhor. Busca também deixar um legado para gerações futuras que certamente, como nós, se interessarão por sua história. Sua leitura será ótima e esclarecedora.

Luiz, neto do Liriano (filho de Santos)

APRESENTAÇÃO

Ao longo de muito tempo vários membros da nossa família tentaram arregimentar energia para a realização de um encontro, e eis que em 22 de julho 2001 conseguimos realizar o primeiro encontro da família Duarte em Orleans/SC. Esse encontro foi excelente e desastrado ao mesmo tempo! Todos/as os/as filhos/as do Liriano e da Flora ainda estavam vivos/as e todos/as estavam pronto/as para participar do evento, mas a força do universo nos impidiu de conhecer tios, tias, primos e primas vindos do Paraná. Ficaram muito próximos, trancados na Serra do Corvo Branco, já nas cercanias do local onde o Liriano e a Flora, no princípio dos anos 1920, fixaram sua primeira residência como casal. Foi uma pena, mas de alguma forma acumulamos energia para um segundo encontro realizado em janeiro de 2017, em Rio das Furnas, também em Orleans/SC. Um terceiro encontro foi realizado em janeiro de 2018, dessa vez em Dois Vizinhos/PR. Finalmente, um quarto encontro foi organizado em janeiro de 2020 na comunidade de Rio Hipólito, em Orleans/SC. Foi no terceiro encontro, lá em Dois Vizinhos, que a ideia de publicarmos um livro de nossa família emergiu. E de pronto já tínhamos um título para o livro, mas não tínhamos ideia do que contar, do que narrar, enfim, em bom português: ninguém sabia escrever um livro.

Duarte é teimoso e inteligente! Estes são atributos que vinham à tona nas conversas de família desde que éramos pequenos e vivíamos nos costões da Serra Geral no sul de Santa Catarina. Não por inteligência, mas por

teimosia fomos seguindo no intuito de fazermos um livro, e eis que agora o temos acabado. Os *Comedores de Polenta: A Saga da família Duarte desde os Açores até o Sul Catarinense* é uma obra coletiva do esforço de muitos primos e primas que se engajaram e fizeram jus à tradição da nossa família de que para comer a polenta é preciso antes plantar, colher e fazer outros processos com o milho.

O título do livro faz alusão ao fato de a polenta ter estado presente na nossa família há muito tempo. Nossa avô, Liriano, era conhecido por “Polenta e Toccio ou Totcho”, em razão de se alimentar apenas com polenta e molho. Já para nós, netos e netas, enquanto vivíamos nas casas de nossos pais, a polenta era servida pelo menos uma vez ao dia. Que atire a primeira pedra quem não viveu isso!

Este livro narra uma saga! A saga de uma família de viventes teimosos que lutaram por melhores condições! Somos muito gratos aos nossos ancestrais, especialmente à nona Flora e ao nono Liriano. Somos muito gratos aos nossos pais, que seguiram comendo polenta e nos deixaram o legado de que, para termos a polenta, é preciso plantar, cuidar, colher e escolher o milho para só depois levá-lo para o moinho. Muito obrigado a todos/as que fizeram parte desta obra!

*Boa leitura!
Mario Duarte Canever*

CAPÍTULO I

Família Duarte: origem e trajetória

Mario Duarte Canever

Quem eram e de onde vieram nossos ancestrais?

“Era uma vez o verbo e o verbo se fez carne” (Passagem bíblica, João 1:14). A origem da família Duarte é incerta! É possível que na época de Adão e Eva algum “Duarte” já estivesse perambulando pela Terra. É certo, porém, que no Dilúvio, na Arca do Noé, um dos membros da expedição salvadora era Duarte! Isso não tem contestação! Por quê? Porque somos sobreviventes. Nos tornamos alguém a partir de outros que vieram antes, que estão aqui desde o princípio. Se os “Duartes” são um exemplar da espécie presente há tanto tempo, não é de se estranhar que haja registros de nossos familiares em várias paragens, como em Portugal, Espanha, França, Estados Unidos, Inglaterra, alguns países da África e vários países latino-americanos, incluindo o Brasil.

Há registros de Duartes por todos esses lugares, e, embora haja controvérsias, é consenso que o sobrenome é de origem ibérica (Portugal e/ou Espanha). Segundo uma versão dessa história, o sobrenome Duarte derivou do nome próprio Eduardo (do germânico Eadweard), oriundo da língua anglo-saxônica, cujo radical *ead* significava “bens ou riqueza” e *weard* significava “guarda”. Assim, os Eduardos são os “guardiões de riquezas”, e, por consequência, os Duartes também. Essa versão da origem do sobrenome é herdada do rei de Portugal Dom

Duarte I (1391-1438), conhecido como o “eloquente” pelos seus dotes poéticos e linguísticos. Dom Duarte I herdou o prenome do bisavô, o rei da Inglaterra Eduardo III, que viveu entre 1312-77. A partir daí, muitos populares que não tinham uma identificação familiar passaram a adotar Duarte como sendo seu, como sendo seu identificador, seu sobrenome.

Outra versão da origem do sobrenome reza que ele é oriundo do País Basco, vindo da palavra “Huarte”, de *ur*, que significa “água/rio”, e *arte*, que significa “entre”. Portanto, seria algo como “gente do entre águas ou entre rios”. Há também outras versões menos populares, como aquela que preconiza que o sobrenome tenha surgido na Espanha, mais precisamente em Sevilha, na Andaluzia. Não importando a origem, hoje somos muitos Duartes espalhados pelo mundo, tendo famílias sem ligação alguma.

No Brasil, como no resto da América Latina, o sobrenome foi trazido pelas hordas de imigrantes que vieram para cá, a partir de Portugal, mas especialmente das ilhas dos Açores, da Madeira e das Canárias (no caso espanhol) localizadas no Oceano Atlântico. Então, se o sobrenome Duarte surgiu em Portugal, passou para as ilhas (Açores) primeiramente, para em um segundo momento vir para o Brasil. A imigração açoriana para o Sul do Brasil, principalmente para Santa Catarina (Florianópolis, conhecida como Desterro na época), ocorreu principalmente em meados do século XVIII. Há registros de que mais de quatro mil açorianos desembarcaram no litoral catarinense entre 1748 e 1754 (Pagotto, 2004). A maior parte se instalou na ilha e nos arredores da ilha de Florianópolis, povoando as regiões contíguas como os municípios de São José, Palhoça e Santo Amaro da Imperatriz nas décadas seguin-

tes. Dentre esses muitos imigrantes açorianos, alguns eram Duarte, e foram estes que geraram milhares de descendentes hoje fixados principalmente na Grande Florianópolis, mas também no Sul catarinense e no resto do país.

A saída (emigração) dos Açores foi motivada por vários fatores que dificultavam a sobrevivência, como as atividades sísmicas e vulcânicas presentes nas ilhas (vulcões), a superpopulação, as crises alimentares e as razões políticas (Piazza, 1992). Contudo, há controvérsias em relação à emigração ter sido um pedido dos açorianos à Coroa Portuguesa como possibilidade de fugir da miséria ou, ao contrário, a causa da colonização ter sido os interesses militares da Coroa Portuguesa de tomar posse definitiva do Sul do Brasil (Ferreira, 2006). Para um dos maiores entendidos nesse período, o historiador açoriano e autor de *Açores nas encruzilhadas de setecentos* (1740-1770), Avelino de Freitas Meneses, a causa definitiva era militar. A vinda dos açorianos (colonos) foi para ocupar um território, com funções militares definidas e organizados em companhias (Meneses, 1993).

Interessante notar que a política de ocupação promovida pela Coroa Portuguesa por meio dos açorianos era um processo colonizatório baseado em casais. Entre 1748 e 1752, os casais açorianos eram selecionados ou se candidatavam livremente para emigrarem para o Brasil. Aqui, serviam como proteção para os territórios meridionais e fronteiriços (Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e tinham também a incumbência de explorar a agricultura. A Coroa prometia benesses para os que emigravam, como glebas de terras, mantimentos e instrumentos de trabalho. Obviamente, a maior parte das promessas não foi cumprida, o que gerou grandes dificuldades para as famílias nos primeiros anos após

a chegada (Comissoli, 2009). A esperança do governo era a de que a ocupação pudesse resultar em um grande aumento da povoação, gerando prosperidade e riqueza, e em tempos de guerra houvesse assegurada a defesa do território.

O emigrante sempre é alguém a procura de algo! No caso dos açorianos, os casais certamente queriam uma vida melhor, mais confortável, com mais terra e menos riscos do que na terra natal. Quem eram esses emigrantes? Quais suas ocupações nos Açores? Entre os homens aqui chegados, segundo Ferreira (2006), havia lavradores (maioria), pedreiros, pescadores, carpinteiros, barbeiros e alfaiates. Entre as mulheres, a maioria era fiadeira, outras tecedeiras, costureiras e lavadeiras.

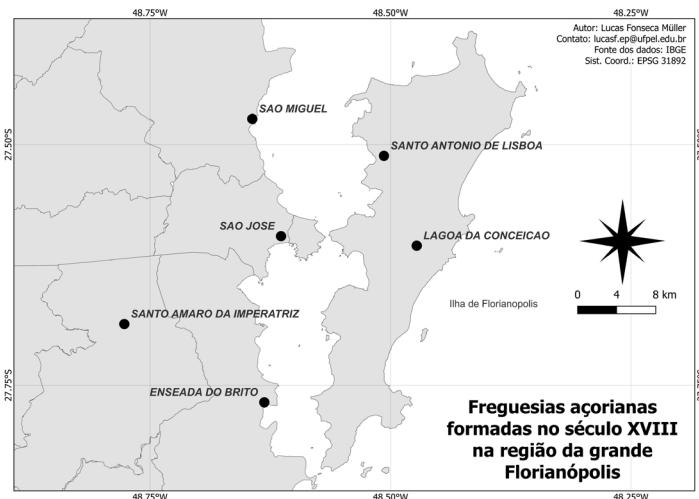
Aqui, viviam da agricultura de subsistência e da pesca. Aprenderam com as outras populações já fixadas na região a forma de cultivar a terra, substituindo a alimentação original por alimentos, como a mandioca (Pagotto, 2004). Ainda pouco sabemos sobre o modo de vida dos primeiros imigrantes Duartes, tampouco sobre suas famílias e costumes. Contudo, é de supor pelos registros históricos que eram muito religiosos, cultivavam a terra, tinham famílias numerosas, eram em sua maioria pobres, entre outras características comuns entre os demais imigrantes recentes. Baseados na literatura, especialmente aquela focada em resgatar a história dos açorianos no Brasil e, mais especificamente em Santa Catarina (Ferreira, 2006; Pagotto, 2004), vê-se que até o fim dos anos 1700 os açorianos, mesmo longe de sua terra natal, mantinham-se essencialmente como açorianos. Foi no século XIX que deixaram-se abrasileirar, assumindo comportamentos demográficos e culturais similares a outras populações residentes no Brasil. No século XIX e na primeira metade do século

XX, conforme Ferreira (2006), essas populações perderam a memória da sua ascendência, não sabendo a procedência de seus ancestrais. Foi somente na segunda metade do século XX que muitas tradições de origem açoriana foram resgatadas, conferindo e recuperando a identidade desses descendentes que tinham “esquecido” sua origem.

Em Santa Catarina, as povoações foram fundadas inicialmente pelos vicentistas (bandeirantes) e portugueses em meados do século XVII. As primeiras foram Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco (São Francisco do Sul), Nossa Senhora do Desterro (Florianópolis) e Santo Antônio dos Anjos da Laguna (Laguna). A partir de meados do século XVIII foram constituídos outros núcleos, denominadas de “freguesias”, fundadas pelos açorianos. Destacam-se as seguintes freguesias que foram localizadas na ou ao redor da antiga Desterro, atualmente a cidade de Florianópolis: Nossa Senhora das Necessidades da Praia Comprida (atualmente distrito de Santo Antônio de Lisboa), Lagoa da Conceição, São Miguel “da Terra Firme” (atualmente parte do município de Biguaçu), São José “da Terra Firme” (São José), Nossa Senhora do Rosário de Enseada de Brito (Parte do município de Palhoça).

Os Duartes, desde que chegaram na Grande Florianópolis, habitaram freguesias (Figura 1). Ainda não sabemos ao certo qual delas, mas é bem possível que nossos ancestrais viveram nas freguesias do continente, pois a história oral conhecida os vincula à vila de Santo Amaro de Cubatão (atualmente a cidade de Santo Amaro da Imperatriz), a qual foi fundada por famílias que emigraram do litoral e das freguesias de São José e da Enseada de Brito, localizadas relativamente próximas de Santo Amaro da Imperatriz.

Figura 1 – Localização das freguesias açorianas formadas em meados do século XVIII na Grande Florianópolis.



Fonte: Google Earth, adaptada.

E quem são os nossos antepassados que emigraram dos Açores? Quais são seus nomes e sobrenomes? Na tentativa de identificá-los, empreendemos uma pesquisa no site “familysearch.org” para a constituição familiar a partir dos nossos ancestrais conhecidos. Assim, começamos pelo nosso avô Liriano João Duarte, nascido em Santo Amaro da Imperatriz no ano de 1892. Liriano era filho de João José Duarte, nascido em 1868, e Benvinda Luiza da Rosa, ambos também nascidos em Santo Amaro da Imperatriz. A próxima geração (nossos trisavós) era de José Luis Nunes Duarte, nascido em Santo Amaro da Imperatriz por volta de 1829, e Clementina Maria da Silva (1833-1873), nascida em Florianópolis. Os nossos tetravós eram Felisbino Duarte da Silva, nascido em São José antes de 1790, e Esperança Maria Caetana, nascida na Lagoa da Conceição em 1787.

Os pentavós eram José Duarte da Silva (1765-1847) e Joaquina Rosa de Jesus, nascida por volta de 1771, ambos em São José. Nossa hexavô era José Duarte de Almeida, nascido na ilha de São Miguel nos Açores, e sua esposa Maria de Jesus, nascida por volta de 1749 em Florianópolis. Ufa, chegamos no primeiro ancestral Duarte não nascido no Brasil. Contudo, José Duarte de Almeida era o pai da pentavó Joaquina Rosa de Jesus, e não do seu esposo José Duarte da Silva. Ou seja, nosso pentavô José Duarte da Silva adquiriu o sobrenome do pai da noiva, o que era relativamente comum à época, principalmente quando o noivo tinha origem mais humilde do que a noiva. Portanto, a história da nossa família nos prega mais essa surpresa, visto que pela tradição dos países ibéricos geralmente os filhos recebiam o sobrenome da mãe e do pai, mas o que permanecia na descendência era o sobrenome do pai do noivo. Como pode ser visto na Figura 2, os pais do nosso pentavô José Duarte da Silva eram Antônio José Pacheco e Maria da Encarnação Machado, ambos nascidos nos Açores.

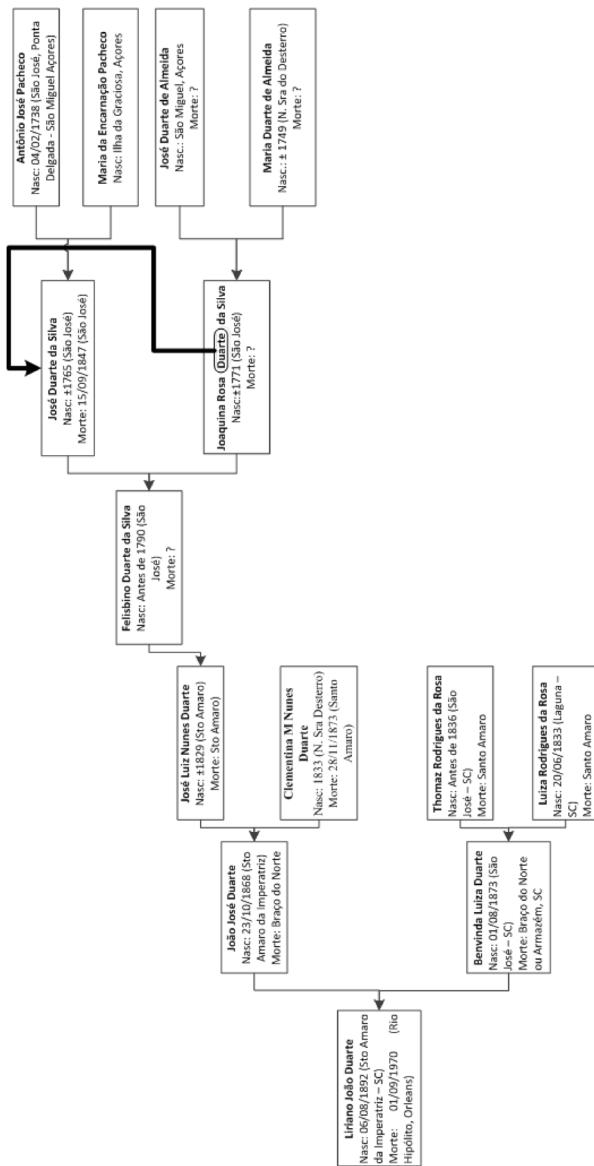
Ao todo cada um de nós tem 128 hexavós, considerando os ancestrais maternos e paternos. Assim, na linha dos Duartes, temos 64, 32 velhinhos e 32 velhinhos que viveram há muito tempo, tendo um tal de José trazido dos Açores um sobrenome diferente de Duarte (talvez Pacheco ou Machado), mas que se tornou Duarte ao casar-se aqui no Brasil com nossa pentavó Joaquina Rosa de Jesus.

A nossa pesquisa seguiu um rastreamento simplificado, seguindo a linha paterna na tentativa de rastrear a origem do sobrenome Duarte. Portanto, não nos aprofundamos nos sobrenomes da nossa avó materna, esposa do vô Liriano, Flora Joana da Silva.

Ao todo, se considerarmos os sobrenomes dos nossos ancestrais, até a hexa geração, teríamos muitos sobrenomes, sendo os mais frequentes: da Rosa, da Silva, Nunes, Caetano, de Jesus, da Ascenção e muitos outros que ainda precisamos elucidar. Na Figura 2, apresento alguns dados dos nossos ancestrais, especialmente até a terceira geração após a geração do *nonno* Liriano. Mas o assunto para o qual mais quero chamar a atenção do estimado leitor é a origem do sobrenome Duarte em nossa família. Veja que o sobrenome Duarte, como já mencionei acima, é oriundo da família da nossa pentavó Joaquina Rosa Duarte da Silva. Para o leitor interessado sobre nossa ancestralidade, há informações sobre todos os nossos ancestrais no site Family Search. Você pode pesquisar por Liriano João Duarte e montar toda a árvore, em muitos casos, até bem antes de 1750. Ademais, há também a opção de conhecer todos os nossos ancestrais no capítulo final deste livro, no qual apresentamos as gerações anteriores de cada bisavô/ó (pais do Liriano) até o primeiro ancestral não nascido no Brasil¹.

¹ Esta pesquisa nos foi possibilitada pelo professor de História da Universidade Federal de Santa Catarina, Prof. Sérgio Luiz Ferreira, que, além de compartilhar conosco um ancestral, é alguém que conhece muito sobre a imigração açoriana.

Figura 2 – Ancestrais de Liriano (nossa avô) até o surgimento do sobrenome Duarte.



Fonte: Elaboração própria a partir da plataforma “Family Search”.

Portanto, de posse da árvore genealógica de nossos ancestrais, agora sabemos que todos vieram dos Açores (Figura 3). Alguns eram nossos hexavôs/ós e outros nossos heptavôs/ós que nasceram em quase todas as ilhas do arquipélago que está situado no Atlântico Norte, a uma distância média de mil e seiscentos quilômetro da capital Lisboa.

Figura 3 – Arquipélago dos Açores e suas ilhas.



Fonte: Adaptado do Google Earth.

De Santo Amaro da Imperatriz para Braço do Norte (Rio Pequeno)

O ano era 1898 quando, não se sabe exatamente por quais motivos, os nossos bisavôs João José Duarte e Benvinda Luiza da Rosa ressolveram deixar a terra natal para buscar uma vida nova em outras paragens. Saíram de Santo Amaro de Cubatão, à época já alçada à condição de freguesia, com três crianças, a filha mais velha Maria, o nosso avô Liriano, com seis anos de idade, e

Realina, na ocasião a filha mais nova. O destino era o Sul catarinense, a região de Braço do Norte.

Pouco sabemos sobre a vida dos bisavós em Santo Amaro de Cubatão (atualmente Santo Amaro da Imperatriz), pois os “antigos” falavam apenas “meias palavras”, conforme informação pessoal de Antônio da Silva Duarte (tio Nico), em 13 de dezembro de 2022. Os nossos pais e tio/as conheceram os seus avós João e Benvinda, os quais eram tratados carinhosamente por “o velhinho e a velhinha Duarte”. Eles nos contaram que o casal viveu na região da atual cidade de Braço do Norte, onde tiveram mais oito filhos. Trabalhavam na roça, mas não eram proprietários das áreas onde moravam, pois não requereram a posse da terra junto ao Estado e/ou não a compraram de terceiros que já a tinham requerido antecipadamente. Viviam nas margens de rios, onde a pesca era abundante!

Sabe-se que embora não detivessem a posse formal da terra, faziam algumas plantações e criavam animais (principalmente galinhas, porcos e vacas), que eram utilizados na própria alimentação. Naquela época a região de Braço do Norte estava sendo colonizada por imigrantes de origem alemã e italiana, os quais, embora também fossem pobres e passassem as agruras da falta de recursos, tinham emigrado recentemente da Europa. Estes, assim como outros imigrantes europeus, já tinham noção dos avanços trazidos no bojo da Revolução Industrial, portanto tinham conhecimentos e experiências aos quais nossos bisavós não tinham tido acesso até então. Além disso, os imigrantes europeus vinham sedentos por adquirir terras, por ser senhores, capitalistas, e não escravizados ou trabalhadores maltrapilhos nos campos e nas construções feudais de uma Europa que se modernizava rapidamente. Os nossos ancestrais,

os Duartes, ao contrário, ainda não tinham assimilado esses valores morais. Trabalhavam basicamente para “viver”, não tinham uma lógica acumulativa.

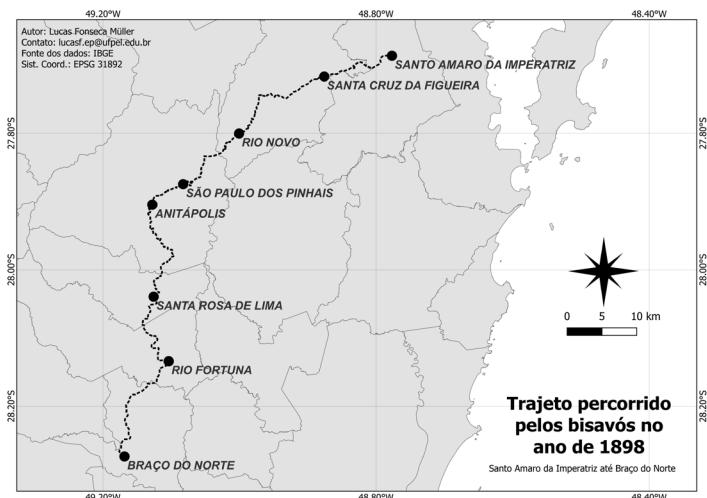
Se tinham experiência na arte de cultivar a terra e criar animais, também não sabemos com certeza! Sabemos, sim, que plantavam mandioca, e nossos bisavós viviam perto de rios. Lembro-me da minha mãe (Ana Duarte Canever) contar que tinham por hábito construir a casa e passá-la (vendê-la) adiante para os imigrantes alemães. Isso os fazia estar em constantes movimentos, buscando novos lugares para a nova casa, que oportunamente também seria vendida.

Nossos bisavós saíram, portanto, da convivência de descendentes de açorianos em Santo Amaro para uma realidade nova e complexa, na qual os descendentes de alemães e italianos predominavam. Por que mudaram? Certamente por alguma razão muito séria! Alguns falam que os nossos bisavós saíram de Santo Amaro às pressas, motivados por escaramuças políticas que fervilhavam à época na região de Desterro (atualmente Florianópolis). Outros falam que o motivo foi a ocorrência de uma epidemia de peste (possivelmente malária) que os forçou a fugir. É certo, porém, que quem migra sempre tem um ou mais motivos. E nossos bisavós emigraram para o Sul catarinense em busca de vida melhor.

Pelos relatos de nossos tios e pais, a trajetória não foi fácil. Crianças pequenas, fome, pobreza e doenças. Já no deslocamento de Santo Amaro para Braço do Norte o preço pago foi alto, pois estavam com crianças e poucas condições de transporte. O trajeto foi feito por estradas que serpenteavam rios, serras íngremes e o perigo constante dos ataques de indígenas que naquela época habitavam a região de Anitápolis (Figura 4). Pouco sabemos dessa viagem, a não ser por meio de algumas

falas da tia Maria (Marica/Cotinha) e da tia Angelina, sobre fazerem uma parada em Anitápolis, junto ao Rio da Prata! Elas contaram que nosso avô Liriano viajou em um jacá² preso no lombo de um cavalo.

Figura 4 – Mapa com o trajeto feito pelos bisavós (João José e Benvinda Luiza) com três filhos, em 1898, de Santo Amaro a Braço do Norte.



Fonte: Adaptado do Google Earth.

Chegados a Braço do Norte, não sabemos exatamente onde fixaram residência. Sabemos, no entanto, que viveram por muito tempo em terras de Pedrinho Becker na comunidade de Rio Facão (localizada entre Braço do Norte e Grã Pará). Conforme relatos da tia Marica, moraram ali por mais de quarenta anos. É possível que tenham criado os filhos nessa localidade. Também conforme relato da tia Angelina, Liriano comentava que seu pai não era muito afeito ao trabalho (o termo uti-

² Cesto feito de taquara ou cipó trançado que na época era usado para transporte de cargas preso no lombo de cavalos e mulas.

lizado na época para expressar alguém que não gostava de trabalhar era “vadio”), o que possivelmente explica o porquê de nunca ter adquirido um pedaço de terra. Ainda conforme a tia Angelina, nosso avô comentava que o pai dele (bisavô João) dizia a seguinte frase para sua esposa Benvinda: “Tu dá conta da farinha que eu dou conta da caça”.

Figura 5: Velhinhos Duartes (João José e Benvinda Luiza Duarte, na segunda foto com uma criança).



Sabemos por meio de relatos dos/as tios/as que nosso bisavô, junto com seu filho Antônio, esteve em uma ocasião em audiência com o governador do estado de Santa Catarina requerendo uma área de terra que tinha sobrado da empresa colonizadora nas proximidades de São Ludgero. Contudo, conforme informações dos/as tios/as, o bisavô comentou tal empreitada para os “ale-mães”, os quais interferiram junto às autoridades para o não empossamento da referida área pela família Duarte.

As informações orais que nos foram passadas por tios e tias nos levam a crer que nossa bisavó Benvinda tinha sangue indígena. Nas palavras da tia Marica, ela era “luxuosa de sabedoria” e, quando velhinha, muito exigente, principalmente em relação às crianças que faziam badernas. Ainda conforme a tia, ela se gabava que quando jovem era muito ligeira na execução das atividades. Hoje nos parece óbvio que esta tenha sido uma

de suas principais características, visto a quantidade de atividades que era obrigada a executar para alimentar, vestir e educar onze filhos. Penso que esse atributo tenha sido passado para suas descendentes, já que nossas mães também eram muito hábeis e apresentavam a objetividade e a rapidez como característica.

Dos onze filhos que criaram, três faleceram jovens (Braz, Jordilina e Salvador), sendo que os demais tiveram famílias numerosas. Abaixo listam-se os filhos dos nossos bisavós João e Benvinda a partir de anotações realizadas em 1997, por ocasião de visita à tia Honorina, que era irmã mais nova do avô Liriano. Posteriormente, em 2001, nossa prima Síria Duarte Cardoso, filha de Viriato Duarte, que também era irmão do Liriano, ajudou a melhorar as informações.

- ☒ Maria Duarte, nascida em Santo Amaro da Imperatriz, casou-se com Antônio Vicente da Silva e tiveram os seguintes filhos: Maria, Paulino, João, entre outros. Viveu em Armazém/SC, onde residem muitos de seus descendentes.
- ☒ Liriano Duarte, nascido em Santo Amaro da Imperatriz, casou-se com Flora Joana da Silva, morando inicialmente em Braço do Norte e posteriormente nas comunidades de Rio das Furnas e Rio Voador, ambas em Orleans/SC. Tiveram dez filhos: Marta, Santos, Maria, Antônio, Ana, Angelina, Elizia (Elisa), João, José e Joana.
- ☒ Realina Duarte, nascida em Santo Amaro da Imperatriz, casou-se com Osório Marsal e tiveram os seguintes filhos: Marta, Lisdino, Norberto, entre outros. Mudaram-se para Criciúma, onde ainda residem muitos dos seus descendentes.

- ☒ Luiza Duarte, nascida em Braço do Norte, casou-se com Vitorino Martins e tiveram os seguintes filhos: Maria, Jordilina, João, Augusta, Manoel, entre outros. Mudaram-se para Criciúma/SC, onde também residem muitos de seus descendentes.
- ☒ Braz Duarte, nascido em Braço do Norte, faleceu solteiro, sem deixar filhos.
- ☒ Viriato Duarte, nascido em Braço do Norte, também se mudou para Criciúma/SC ainda jovem, casou-se com Candinha e tiveram os seguintes filhos: Estelita, Néri, Síria, Brascídio, Jacy, Antônio, Onório, Iolanda, Leoclézio e Valéria. Os descendentes vivem em Criciúma/SC, Abelardo Luz/SC, Ji Paraná/RO, Sinop/MT, Joinville/SC, Xaxim/SC, Guarapuava/PR, Manguirinha/PR.
- ☒ Vergínia Duarte, nascida em Braço do Norte, casou-se com Manoel Vicente da Silva e tiveram os seguintes filhos: Pedro, Bonino, Cecílio, João, entre outros. Ao que consta, seus descendentes residem no município de Armazém/SC.
- ☒ Jordilina Duarte, nascida em Braço do Norte, faleceu jovem, com 13 anos, sem deixar filhos.
- ☒ Salvador Duarte, nascido em Braço do Norte, faleceu muito jovem, sem deixar filhos.
- ☒ Honorina Duarte, nascida em Braço do Norte, casou-se com Antônio Elias e tiveram os seguintes filhos: Denísio, Maria, Antônio, entre outros. Mudou-se para Criciúma e seus descendentes residem em Içara/SC e Criciúma/SC.
- ☒ Antônio Duarte, nascido em Braço do Norte, casou-se com Augusta Marcolino e não se sabe se tiveram filhos. Por último, residiram em Criciúma/SC.

Liriano João Duarte

Juventude, casamento e os primeiros tempos em Rio das Furnas

Pelo que consta, Liriano era um jovem tímido, trabalhador, temente a Deus, pobre, de bom coração e muito bom dançarino. Embora não tenhamos certeza do ano de seu casamento com Flora, pois não encontramos o registro do matrimônio religioso, eles devem ter casado por volta do ano de 1920, pois sua primeira filha, Marta Duarte Paladini, é de maio de 1921. Oficialmente o casamento no civil se deu em Braço do Norte, em 18 de março de 1926. Portanto, Liriano teve uma longa solteirice, pois nasceu em 1892. No período de solteiro, viveu nas cercanias de Braço do Norte (Rio Pequeno, Rio das Furnas) e era diarista/jornaleiro (trabalhava de jornada) nas casas de famílias de imigrantes alemães e italianos, que nessa época já estavam progredindo e necessitavam de mão de obra. Liriano trabalhava muito e era um homem muito forte, embora pequeno. Tinha o hábito de trabalhar mais, de fazer as tarefas bem e mais rápidas exatamente quando o patrão não estava presente no local do trabalho. O avô Liriano era conhecido pelo apelido “Toccio ou Totcho” em razão dos seus patrões o alimentaram com polenta, a qual era consumida pelo nosso avô apenas “chuchada” em molho, sem carne e/ou outros acompanhamentos.

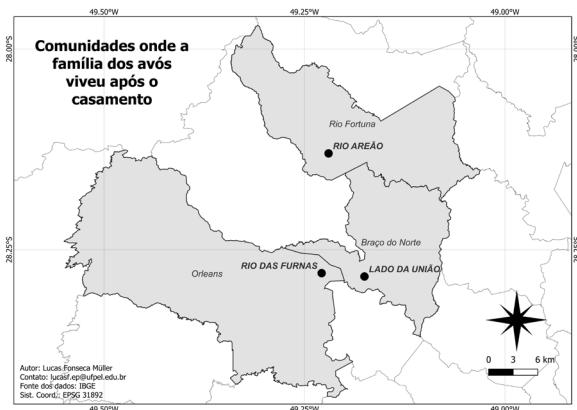
Por volta de 1920, Liriano conheceu Flora. A *nonna* Flora era filha de João da Silva (também conhecido como João Pinheiro) e Mariana da Silva. O casal “da Silva” vivia na região de Braço do Norte com os quatro filhos (Deca, Flora, Joana e Adolfo). Certo dia, o *nonno* Liriano trabalhava nas vizinhanças da residência dos da Silva e lá avistou a *nonna* Flora, junto com sua irmã

Joana. Reza a lenda que nessa ocasião ele teria dito: “Aquela baixinha é minha”. Em outro momento, encontraram-se em um local onde havia um baile e ele a tirou para dançar, mas ela não quis. Naquela época não dançar com um homem que convidasse uma mulher (o que significava “negar uma marca”) poderia ser encarado como uma rejeição, um desprezo, e muitos homens ficavam revoltados com a atitude da mulher. Na mesma ocasião, soubemos que outro candidato também se aventurou a convidar a *nonna* para dançar, mas, pelas informações que nos foram passadas, o *nonno* Liriano a impediu de fazê-lo. Liriano era “dançador”, enquanto Flora não gostava de dançar.

Liriano e Flora, após casados, foram morar em Rio Areão (Figura 6), comunidade atualmente pertencente ao município de Rio Fortuna. Lá tinham uma propriedade, mas não sabemos como esta foi adquirida, se com a ajuda dos pais ou com as economias acumuladas pelo próprio Liriano. Viveram pouco tempo lá e ainda antes da primeira filha (Marta) nascer, em 1921, ou logo após o seu nascimento foram morar na comunidade Lado da União, em Braço do Norte, na casa da irmã Maria, que era casada com o Antônio (Antoninho) Vicente. Permaneceram ali por pouco tempo até o nascimento do segundo filho, Santos, em 1925. Conforme relato da tia Angelina, a *nonna* Flora dizia que a cunhada Maria era muito exigente, e o que ela mais queria era residir em uma casa só para a sua família. E isso não demorou muito para acontecer, pois em seguida adquiriram uma propriedade de 5,5 hectares na comunidade do Rio das Furnas, local onde Liriano já havia trabalhado quando era solteiro. Ali nasceram os demais filhos e filhas: Maria (Cota, Cotinha, Marica), em 1927; Antônio (Nico), em 1930; Ana, em 1933; Angelina, em 1935;

Elizia, em 1937; João (Joanim), em 1939; José (Juca), em 1944; e, finalmente, Joana, em 1950.

Figura 6 – Locais onde a família de Liriano e Flora moraram nos primeiros tempos.



Fonte: Adaptado do Google Earth.

Em Rio das Furnas encontraram uma comunidade majoritariamente de descendentes de italianos. A *nonna* fez muitas amizades, e, em razão da necessidade de alimentar os filhos, todos, um a um, foram incentivados a trabalhar nas casas dos colonos. No caso das meninas, cuidavam de crianças e/ou ajudavam nas lides da casa, enquanto os meninos trabalhavam na roça. Nessa comunidade todos os filhos foram alfabetizados e participavam ativamente na comunidade, tanto na igreja como nos eventos festivos. A família Duarte era pobre! Os relatos de pessoas que conheceram a família de Liriano e Flora na época evidenciam que eles viviam com falta de roupas, de alimentos, de cuidados e de higiene. A casa era de barro (pau a pique) e pequena para tantos filhos. A terra era pequena e já se encontrava totalmente exaurida. Então, era necessário plantar

em terras de terceiros. Para tal, pagavam a metade ou a “terça parte” (quando o dono da terra era bonzinho, como no caso da família de Reinaldo Schilikimann) da produção para o dono da terra.

Em um desses anos de desespero por falta de produção e fome que se avizinhava, o *nonno* resolveu se mudar com a família para uma propriedade arrendada na comunidade de Rio Pinheiros. Moraram ali por algum tempo, mas, em razão da frustração de safras e por terem que pagar metade para o dono do terreno, retornaram novamente para o Rio das Furnas, porém a casa já não estava em condições de ser habitada. Tiveram que reconstruí-la. Isso foi por volta de 1940. Mais ou menos na mesma época o *nonno* quebrou uma das pernas após cair do carro de bois. Ele estava conduzindo o carro na região do “Vai e Volta”, retornando para o Rio das Furnas em um morro abaixo. Os bois dispararam e ele não conseguiu pará-los nem sair de cima do carro. Teve fratura exposta e dizem que ficou cerca de um ano na cama até que os ossos se soldaram naturalmente.

Figura 7 – Família completa com a filha Marta e o neto José Felix (por volta de 1948). Em pé, da esquerda para a direita: Elizia, Maria, Angelina, Ana, Santos, Antônio. Sentados, da esquerda para a direita: Marta e o neto José Felix, *nonna* Flora, Nono Liriano, João e José (na frente). A filha Joana, nessa data, ainda não era nascida.



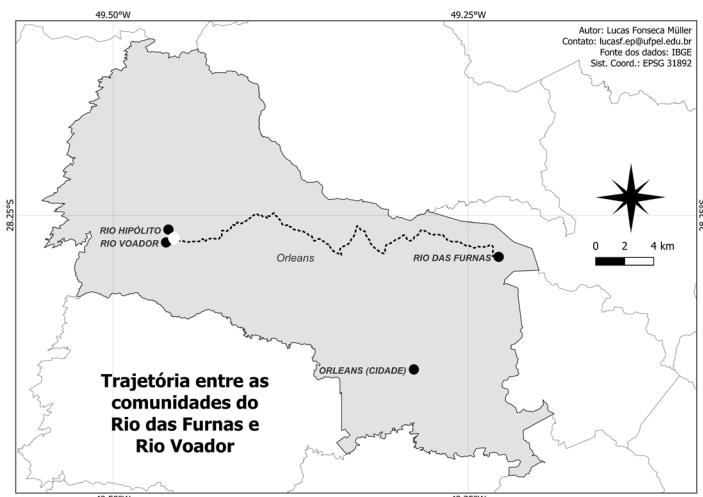
É do conhecimento dos familiares que o *nonno* sofria de uma doença mental, possivelmente um tipo de esquizofrenia. Não sabemos se ela já havia se manifestado antes de ele se casar, mas há registros de um episódio impactante no ano de 1925, logo após o nascimento da tia Marica. Os filhos, as filhas e, especialmente, a *nonna* passaram trabalho com a doença dele. No início procuraram todos os remédios ao alcance, assim como benzedura, viagens até o mar na região da Cabeçudas em Laguna para acalmá-lo, etc. Nada foi capaz de resolver. As crises eram constantes, e nos períodos mais críticos ele passava as noites cantando, orando e acreditando ser Jesus Cristo. Dizem que nesses momentos não se podia contrariá-lo, e ele passava os dias em casa, sem ir ao trabalho. Sabe-se que seus pais tinham preocupação, cuidado com ele, e que procuravam ajudar a *nonna* Flora, aconselhando-o e abrigando-o quando havia necessidade. A mãe contava que após essas crises ele trabalhava muito, sem “arredar o pé” enquanto não terminasse o serviço. Era na roçada, na capina, na colheita, nos engenhos, na madeira ou na derrubada do mato. Não importava, era de abaixar a cabeça e só parar quando tudo estivesse terminado.

A mudança para o Rio Voador

O Rio das Furnas já não comportava a família Duarte. Era preciso mais terra, pois os filhos estavam ficando adultos e queriam espaço. A primeira a casar-se foi Marta, depois, na sequência, Santos. Quando os filhos homens se casavam era costume na família Duarte eles receberem a entrada (primeira parcela) do terreno para onde iriam morar. No caso do tio Santos, ele recebeu um montante e comprou uma área de terra em Rio Voador (localidade próxima à costa da serra também

no município de Orleans), mas acabou não indo morar nessa área. O local era de muito difícil acesso, distante de Orleans, mas a área de terra era maior. Santos, já naquela época, era capelão da comunidade, e, somando motivos de um lado e de outro, quem foi morar no “Voador” foi a família de Liriano e Flora e seus filhos solteiros. Isso em 1950!

Figura 8 – Do Rio das Furnas para Rio Voador.



Fonte: Adaptado do Google Earth.

Na primavera de 1951 ocorreu o maior incêndio da história do Sul catarinense, o qual teve início com a queima dos campos nos Aparados da Serra (região de Bom Jesus/RS). O maior estrago ocorreu entre a Serra do Rio do Rastro e a comunidade da Janela Furada, em Orleans, ou seja, exatamente na região para onde foram morar os Duartes. O estrago foi grande nos Costões da Serra, destruindo florestas bem como matando e afugentando animais e pessoas. Como nessa época a família Duarte já morava na Costa da Serra, em Rio

Voador, passaram muito medo, visto que a casa e os galpões eram de madeira, portanto, muito suscetíveis às fagulhas de fogo levadas pelo vento.

Após esse primeiro momento de muita tensão, a paz voltou na família Duarte. Os filhos estavam se tornando jovens adultos, como Maria, Nico e Ana. Logo em seguida, as filhas Angelina e Elizia também se tornaram adultas. Então, na primeira metade dos anos 1950, a comunidade do Rio Voador/Rio Hipólito teve o acréscimo de cinco jovens, sendo quatro das mais belas moças da localidade. Logo essas moças foram se casando, à exceção de Ana, que só contraiu matrimônio em 1966. O tio Nico também se casou em meados dos anos 1950, enquanto a tia Elizia e o tio Joanin tiveram seus casamentos mais tarde, no início dos anos 1960.

Os relatos que nos chegaram desse período dão conta de que os jovens Duartes se integraram fortemente com as demais famílias da comunidade. Viviam em harmonia, participavam ativamente da comunidade, da igreja. Parece-me que esse foi um momento de muita felicidade e vibração. Contudo, as dificuldades com o avô Liriano continuavam, e episódios psicóticos eram frequentes. Era comum o *nonno* falar nas celebrações religiosas, expressando sua fé com louvores e acreditando ser enviado de Deus naquelas paragens (conhecido como complexo messiânico, na psicologia). Os filhos compreendiam a doença do *nonno*, mas tinham dificuldades de aceitá-lo. A economia familiar ia bem nessa época, pois a propriedade tinha solos férteis e o clima era bom. As maiores dificuldades estavam relacionadas às doenças do *nonno* Liriano e do filho Juca. Ademais, o local da residência que ficava acima do penhasco do Rio Voador era outro limitante. Para acessarem a estrada geral do Rio Hipólito havia a necessidade de atravessar

dois rios (Rio Voador e Rio Hipólito), ambos pequenos em tempos secos, mas ameaçadores em tempos de enchentes, sem pontes, o que dificultava a travessia em dias chuvosos.

Com o casamento dos filhos Maria, Nico e Angelina e a saída de Ana de casa para estudar, em 1956 residiam com os pais apenas Elizia, Joanin, Juca e Joana. No início dos anos 1960, Elizia casou-se e Joanin também saiu de casa, primeiramente para aprender o ofício de dentista e depois para trabalhar em São Joaquim, já como dentista prático. Portanto, no início dos anos 1960, a família estava reduzida, contando apenas com os filhos Juca e Joana, além do casal Liriano e Flora. É relevante registrar que ainda na segunda metade dos anos 1950 um novo desafio surgiu no seio da família Duarte. Dessa vez as dificuldades eram com o adolescente Juca, que vivia tempos rebeldes e com frequentes crises de transtornos comportamentais e psicológicos. Portanto, desde essa época Juca teve uma vida diferente dos demais filhos, sendo alimentado e protegido pelos pais e posteriormente pelos irmãos.

Nosso avô, Liriano, faleceu em 1º de setembro de 1963, com 70 anos. Deixou dez filhos e muita história, mas o legado principal foi o que me aventuro a denominar de “o grande salto”! Foi na geração deles, dos nossos avós, que nossa família teve o maior incremento socioeconômico entre todas as demais gerações. Nossos avós, em especial o Liriano, eram filhos de pais semi-terra. Foi ele, com a ajuda inestimável da *nonna* Flora, que adquiriu terra por meio de trabalho árduo. Mesmo com o sucesso da geração seguinte (dos nossos pais) e da nossa, a contribuição relativa da geração dos nossos avós é superior às mais recentes. Foram eles que se integraram às sociedades mais “modernas” e absorveram

costumes e tradições dos imigrantes italianos e alemães. Foram eles que, embora analfabetos, possibilitaram os primeiros registros de filhos alfabetizados.

Após o falecimento do *nonno* Liriano, a *nonna* Flora continuou morando em Rio Voador com os filhos Juca e Joana. Joarin casou-se em 1963 e foi morar na cidade por um curto período. Em 1964, a filha Ana, após os estudos e um período em que residiu em Santa Izabel, São Joaquim, retornou para lecionar na comunidade de Boa Vista. Inicialmente residiu com a sua mãe, a irmã Joana e o irmão Juca em Rio Voador, posteriormente adquiriu uma terra na comunidade de Boa Vista e os levou para morarem com ela. Em 1966, com o casamento da Ana, Flora, Joana e Juca retornaram para a casa do Rio Voador. Nessa época o tio Joarin já havia retornado e morava em casa contígua à residência da *nonna*.

Em 1968, a filha Joana foi morar com sua irmã Ana em Rio Capivaras Alto, Lauro Muller. Assim, a partir de 1968, a *nonna* morou praticamente sozinha, visto que o filho Juca passava muito tempo fora de casa. Dada a ausência do Juca, principalmente durante meados dos anos 1970, e para não ficar sozinha, ela residiu cerca de dois anos na Costa da Serra, junto das suas filhas Maria e Angelina. Nesse período muitos netos participaram das idas e vindas nas casas dos tios para acompanhar a *nonna* em suas visitas. Ela, sempre acompanhada por um/a dos/as netos/as, visitava os/as filhos/as, às vezes embarcada em uma charrete (aranha), mas na maioria das vezes andava a pé. As estradas eram muito ruins, mas ela era forte, embora já estivesse com mais de 70 anos. Para nós, netos, era uma alegria participar dessas viagens. Por outro lado, também era uma alegria receber a *nonna* em nossas casas.

Em 1978, após longa ausência, o tio Juca retornou para casa, assim a *nonna* Flora voltou a residir em Rio Voador, permanecendo ali até 1981, quando, junto dos filhos Joanin e Juca, adquiriu um terreno no bairro Coloninha, vindo a morar naquela comunidade até 1990. Já bastante idosa, iniciou uma longa peregrinação nas casas das filhas Maria, Ana e Angelina, até o seu falecimento em 20 de novembro de 1994 em Rio Capivaras Alto, município de Lauro Muller.

Figura 9 – *Nonna* Flora com seu vestido azul³.



A *nonna* Flora era uma pessoa dinâmica, doce, de fala mansa, mas podia ser enérgica quando necessário. Era analfabeta, mas sabia muitas coisas e se virava bem com as contas! Foi aposentada do INSS por muitos anos e vivia com um salário-mínimo que era suficiente para fazer frente aos gastos domésticos e apoiar nas não poucas necessidades do tio Juca. Ela se preocupava e

³ Todas as fotos e imagens com fontes não destacadas pertencem a acervos particulares de membros da família.

cuidava muito dele, pois ele era só! Deixou um legado de afeto com as crianças, de cuidado com os doentes e de proteção e amor com os seus, especialmente os filhos mais necessitados.

Referências

COMISSOLI, Adriano. Do Arquipelágoo Continente: Estratégias de sobrevivência e ascensão social na inserção social açoriana nos Campos de Viamão (Séc. XVIII). **AEDOS – Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS**, Porto Alegre, v. 2, n. 3, 2009.

FERREIRA, Sergio Luiz. **Nós não somos de origem:** populares de ascendência açoriana e africana numa freguesia do sul do Brasil (1780-1960). 2006. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

MENESES, Avelino de Freitas. **Os Açores nas encruzilhadas de setecentos:** poderes e instituições. Berkeley: Universidade dos Açores, 1993.

PAGOTTO, Emilio Gozze. **Variação e identidade.** [S.l.]: UFAL, 2004.

CAPÍTULO 2

Família de Marta da Silva Duarte (Paladini)

Jorlei Paladini

Marta Duarte da Silva Paladini é a primeira dos dez filhos do casal Liriano João Duarte e Flora Joana da Silva Duarte. Nasceu em 5 de maio de 1921, na comunidade de Rio Areão ou mesmo na comunidade “Lado da União”, ambas pertencentes ao município de Braço do Norte, em Santa Catarina. É descendente de portugueses (parte de pai) e franceses (parte da mãe da *nonna* Flora). De família praticante da religião católica, participavam ativamente das atividades religiosas da comunidade. Filha de pequenos agricultores, Marta, assim como seus irmãos, aprendeu cedo a dureza do trabalho braçal para ajudar a trazer o sustento para a família. Eram cultivados, principalmente, mandioca, batata, arroz e milho, que eram a base da alimentação. O baixo conhecimento de técnicas de plantio, a adubação e as sementes de má qualidade bem como o terreno pedregoso eram fatores que influenciavam na baixa produtividade. Criavam, também, algumas vacas que forneciam o leite e outras poucas cabeças de gado, que serviam para abate. Além disso, criavam galinhas e porcos para o consumo próprio. Não havia luz elétrica. Utilizavam lampiões de querosene para amenizar a escuridão. A carne, utilizada para alimentar a família, era salgada e seca ao sol (charque) e posteriormente guardada em recipientes com banha de porco. Família era numerosa, pobreza e escassez de alimentos eram

desafios que precisavam ser enfrentados a todo custo. Marta começou a ir à Escola Primária da comunidade (Rio das Furnas), depois frequentou por algum tempo o convento, pois era seu grande sonho ser uma freira. Trabalhava junto com as irmãs no hospital e amava esse trabalho, mas devido às poucas condições de sua família não conseguiu prosseguir seus estudos. Relatava que o ensino era bom, com professores severos, principalmente porque ainda eram tempos que antecediam a Segunda Guerra Mundial. Durante a guerra não eram permitidas a leitura e/ou a propagação dos idiomas italiano, alemão ou japonês, proibidos nesse período. Seguidamente surgiam histórias de pessoas que eram punidas por falarem uma das três línguas citadas ou fazerem comentários que pudessem ser entendidos como subversivos. As dificuldades eram grandes para conseguir cadernos ou livros. Muitas vezes ela e seus irmãos usavam uma vareta qualquer para desenhar, escrever ou fazer contas no chão, na terra. Sempre que possível, pegavam emprestados livros da escola e liam. Marta gostava muito de ler e, por não ter outros livros, aprendeu esse ofício na bíblia, nos horários livres em que não tinha que ajudar na lavoura ou nos cuidados da casa. Aprendia de tudo um pouco e, na maioria das vezes, sozinha, errando e acertando.

Figura 1: Marta e Hermínio em passeio.



Com o passar dos anos, e já com mais experiência, vivendo em Rio das Furnas com sua família, conheceu Hermínio Manoel Paladini, com quem se casou na igreja de Orleans no dia 18 de julho de 1944, aos 22 anos de idade. Hermínio era de uma família numerosa, sendo um dos filhos mais velhos, nascido em 11 de julho de 1922 na comunidade de Rio Belo, no município de Orleans. Eram descendentes de italianos, trabalhavam na agricultura, principalmente com a produção de milho, feijão, arroz, criavam galinhas, algumas vacas leiteiras que forneciam o leite para fabricação de queijo, manteiga, nata. Hermínio nunca frequentou a escola devido às dificuldades. Quando casados, viveram na comunidade de Rio Belo até os meados dos anos 1950, quando resolveram vender a terra e comprar outro pedaço na comunidade de Rio Cafundó, próximo do Costão da Serra (cercanias da comunidade do Rio Hipólito, município de Orleans). Ali viveram alguns anos e foi o local onde nasceram alguns filhos, principalmente os mais velhos. O local era de topografia

muito acidentada e distante! A fertilidade das terras no início era ótima, mas após alguns anos de cultivo já não produzia bem. Foi por meados dessa época, e influenciada por Hermínio, que a família Duarte se mudou do Rio das Furnas. Hermínio era muito eloquente e com facilidade convenceu o sogro a comprar terras próximas do Costão da Serra.

Devido às inúmeras dificuldades e às constantes hordas de imigrantes que nessa época (por volta dos anos 1950) começavam a procurar novas fronteiras agrícolas no Oeste de Santa Catarina e no Sudoeste do Paraná, Hermínio também fez a viagem de reconhecimento. Ao chegar ao Paraná juntamente com outras pessoas, encantou-se pelas copas das árvores intactas (verdes), secas por causa do inverno rigoroso. Voltando para casa, em Santa Catarina, incentivou sua esposa Marta da Silva Duarte e o seu cunhado Antônio da Silva Duarte a migrarem para o Paraná. Assim, em 1958, resolveram aventurar-se para o Sudoeste do Paraná, mais precisamente para a comunidade de Ouro Verde do Iguaçu, localizada no então município de Francisco Beltrão, às margens do Rio Iguaçu.

Hermínio, que era muito eloquente, não teve dificuldades de convencer sua esposa e seu cunhado (Antônio “Nico” Duarte) a migrarem. Ele estava especialmente empolgado com a quantidade de terras férteis e água em abundância e os convenceu de que o Paraná seria o local ideal para as duas famílias viverem. Ali, poderiam plantar e montar moinhos e serrarias. Foram oito longos dias de viagem de Rio Hipólito até o desconhecido Paraná em cima de um caminhão, no qual as famílias levaram apenas o necessário para iniciar a nova vida. Metade da carroceria do caminhão foi ocupada com sacos de polvilho que foram produzidos pela

família do Hermínio. Na outra metade ficaram as duas famílias, além de roupas e outros pertences. Apesar da dificuldade e do cansaço, esse era um momento de festa, principalmente para as crianças, que não estavam acostumadas com o pão de padaria. Vieram de Santa Catarina os filhos Maria Salete, José Felix, Ivone, Luiz, Augusto, Valério, Mário e Jacinto. Ao chegarem a Ouro Verde, o caminhão parou no moinho da família Buratto. Descarregaram tudo ali e aguardaram por mais ou menos cinco dias para depois seguirem a pé, pela mata, até chegarem ao local onde se instalariam.

Figura 2: Hermínio e Marta em frente à residência.



Hermínio comprou uma gleba de terras e Antônio outra. O preço das terras era baixo, se comparado com os atuais. Nos primeiros meses tiveram que morar embaixo de uma lona, até construírem uma casa de madeira, a qual tinha a parte dos quartos com assoalho de madeira e a cozinha de chão batido. Ouro Verde do Iguaçu era uma comunidade onde viviam aproximadamente quinze famílias naquela época. José, apesar da

pouca idade, lembra que havia um hotel, cujo dono era Primo Topanotti, e um comércio, grande para a época, ao qual eles iam, de vez em quando, buscar mantimentos. As estradas eram de chão batido e em dias de chuva ficavam lamaçentas e escorregadias. Quando precisavam comprar coisas que não havia em Ouro Verde, deslocavam-se a pé por seis quilômetros até a comunidade mais próxima, que era Boa Esperança do Iguaçu. Mesmo assim, a facilidade de locomoção e o acesso a alimentos era maior do que em Santa Catarina.

Hermínio desmatava e arrumava a terra para cultivar milho, feijão, mandioca, batata doce e cana e fazia o seu próprio açúcar. Como não havia luz elétrica, os peixes e outras carnes eram conservados como charque, da mesma forma que faziam em Santa Catarina. Na comunidade não havia uma Escola Primária, e somente bem mais tarde é que foi contratado um professor da comunidade que tinha um pouco mais de estudo para ensinar as crianças. Para a escola foi alugada uma casa de madeira lascada, a qual era administrada pelo município de Francisco Beltrão. Havia muita dificuldade de se conseguir um professor para lecionar na escola devido à distância.

Figura 3: Marta e Hermínio rodeados por filhos e netos em Boa Vista do Chopin.



Figura 4: Festa de aniversário de 90 anos de Marta.



A família residiu em Ouro Verde por muitos anos e ainda vivenciou os últimos perrengues da revolta que tinha acontecido 1957, envolvendo posseiros, companhias colonizadoras e Poder Público pela posse da terra.

Hermínio, além da agricultura, inovou ao construir um moinho no qual fabricava quirera, polvilho e farinha de milho, de trigo e de mandioca e, mais tarde, passou a descascar arroz. O moinho era em sociedade com seu cunhado, baseada na troca de produtos, e quando um lote de porcos era vendido o valor era dividido entre as duas famílias.

Algum tempo depois, Hermínio comprou um novo pedaço de terra onde construiu uma casa grande, de madeira, para abrigar sua família. Em 1960, com a emancipação de Dois Vizinhos, Boa Esperança do Iguaçu deixou de pertencer a Francisco Beltrão e passou à categoria de distrito de Dois Vizinhos. Até o ano de 1969 só havia Escola Primária em Boa Esperança do Iguaçu. Hermínio e Marta Paladini lutaram muito para criar seus filhos, ele sempre lutando com o moinho e criando suínos para o sustento de sua família.

Figura 5: Marta com alguns dos filhos.



Em 1987, já morando num lote comprado por eles, em Boa Esperança do Iguaçu, ele foi abatido por uma doença. Sofreu muito e lutou pela vida por longos quatro anos, mas no dia 15 de novembro de 1991 perdeu essa luta, porque o câncer tinha tomado conta do seu corpo. Marta Paladini ficou sozinha, com os filhos já criados e todos casados, residindo no centro da cidade e aposentada. Viveu ali até sofrer um derrame. A partir de então, impossibilitada de caminhar e fisicamente dependente, foi morar com seu filho José Félix Paladini, com o qual ficou por cinco anos, vindo a falecer no dia 2 de maio de 2011.

Figura 6: Marta Duarte, por volta de 2011.



A vida foi seguindo seu curso, os filhos cresceram e formaram suas famílias. Hoje, dos dez filhos, Salete e Luiz são falecidos, oito estão vivos. Três deles permanecem em Boa Esperança do Iguaçu e os outros se espalharam por outros municípios vizinhos e apenas a Ivone foi se aventurar por terras mais distantes, em Tangará da Serra, no Mato Grosso.

Seus filhos são os seguintes: Salete Paladini nasceu em 1944 e faleceu em 9 de julho de 1999, teve 2 filhos e 4 netos; José Felix Paladini nasceu em 1946, tem 3 filhos, 3 netos e 2 bisnetos; Ivone Paladini Veronese nasceu em 1949, tem 6 filhos e 12 netos; Luiz Paladini nasceu em 1950 e faleceu em 20 de maio de 1999, teve 4 filhos e 8 netos; Augusto Paladini nasceu em 1952, tem 2 filhos e 2 netos; Valério Paladini nasceu em 1955, tem 5 filhos e 2 netos; Mario Paladini nasceu em 1956, tem 2 filhos e 3 netos; Jacinto Paladini nasceu em 1957, tem 4 filhos e 7 netos; João Paladini nasceu em 1960, tem 3 filhos e 5 netos; Moacir Paladini nasceu em 1965, tem 7 filhos e 2 netos.

Marta e Hermínio deixaram um legado de 10 filhos, 38 netos, 48 bisnetos e 3 trinnetos. Unidos pelo amor e pela resiliência, nossa família enfrenta os desafios com coragem e celebra cada conquista com gratidão, construindo, juntos, um legado de força e esperança para as futuras gerações.

CAPÍTULO 3

Família de Santos da Silva Duarte

*Jaime da Silva Duarte
Luiz da Silva Duarte*

Santos da Silva Duarte e Pascohina Furlan Duarte tiveram uma vida dedicada ao trabalho, ao sustento e ao encaminhamento dos filhos⁴. A foto abaixo retrata o dia do casamento ocorrido no ano de 1950. Após, o casal fixou residência na comunidade do Rio das Furnas, município de Orleans, de onde saíram somente em fins dos anos 1980, quando foram morar na cidade de Gravatal/SC.

Figura 1: Foto de casamento de Santos e Pascohina.



⁴ Na elaboração deste texto faz-se necessário registrar as importantes contribuições dos filhos e netos que enviaram aos organizadores deste livro valiosas impressões, dados e fatos relevantes da família. Além de destacar que muitos destes dados estão referidos no livro *Do norte da Itália ao Sul de Santa Catarina. Origem e descendência de Josué Furlan*, de autoria da sobrinha Edina Furlan Rampinelli, destacada escritora e professora em Orleans/SC, que retrata a história da família de Pascohina Furlan Duarte (descendente de italianos), esposa de Santos da Silva Duarte.

Figura 2: Pascohina e Santos quando já estavam morando em Gravatal/SC.



Figura 3: Santos em momento de descontração.



Preliminarmente apresenta-se um breve histórico de vida de Santos da Silva Duarte, que na definição

dos seus filhos foi um homem muito trabalhador, persistente, humilde, honesto e comprometido com a comunidade na qual viveu.

- ☒ Esposa: Pascohina Furlan Duarte.
- ☒ Data nascimento: 08/06/1925 (Rio das Furnas, Orleans/SC).
- ☒ Data falecimento: 10/10/2001 (Gravatal/SC).
- ☒ Filiação: Liriano João Duarte e Flora Joana da Silva.
- ☒ Irmãos: 09.
- ☒ Escolaridade: 4º ano do Primário.
- ☒ Filhos: 10.

Origem e características familiares

Nas próximas páginas, estão estampadas as certidões de nascimento, casamento e óbito de Santos. Documentos essenciais para traçar a linha tempo biológico de nosso progenitor. Note que, na certidão de nascimento ele foi registrado na cidade de Grão Pará/SC, embora tenha nascido no município de Orleans/SC, e o registro ocorreu apenas quando ele já tinha 14 anos de idade.

Figura 4: Certidão de nascimento de Santos e Pascohina.

CERTIDÃO INTEIRO TEOR DE NASCIMENTO
NOME
SANTOS DA SILVA DUARTE
MATRÍCULA
105932 01 55 1939 1 00006 178 0001866 11

Certifico que a pedido da parte interessada, revendo os Livros de Registros de nascimentos deste cartório, encontrei no Livro A-6, folhas 178 nº 1866 o seguinte teor:
Aos dezesséte dias do mês de Abril do ano de mil novecentos e trinta e nove, nesta Vila de Grão Pará, Comarca de Orleans, Estado de Santa Catarina, em meu cartório compareceu Liriano João Duarte, que de acordo com o Decreto-Lei nº 116 de 24 de Fevereiro do corrente ano e a petição devidamente despachada pelo M.M. Doutor Juiz de Direito da Comarca, apresentada hoje, a qual fica arquivada neste cartório, declarou o seguinte: Que no dia 8 de junho de 1925, no lugar Rio das Furnas, deste distrito, nasceu uma criança do sexo masculino, de côr branca, filho dele declarante e de Dona Flóra Joana da Silva, residentes neste distrito no lugar Rio das Furnas, de profissão lavradores, naturais deste Estado, tendo a criança sido dado o nome de **SANTOS DA SILVA DUARTE**. Que são seus avós paternos João Duarte e Benvenida Luiza da Silva, e avós maternos João da Silva e Maria da Silva. Do que para constar lavrei este termo que depois de lido e achado conforme vê assinado por Bertoldo Kirchner: por não saber o declarante escrever e pelas testemunhas Teodoro Faust, comerciante, e Francisco Robens, operário, ambas residentes nesta Vila, e por mim Oficial do Registro Civil que o escrivi e assinei. Assinaram este ato: Sezefredo da Silva Cardoso, Bertoldo Kirchner, Theodoro Faust e Francisco Robens. Anotação: Casou-se no dia 20 de setembro de 1954 perante o juiz de paz da cidade de Orleans com D. Pascohina Furlan, sendo o assento lavrado no livro de casamento B-7, folhas 54, sob o termo 1437, conforme comunicação que fica arquivada neste cartório. Grão-Pará, 6 de dezembro de 1955. Trasladado hoje: Eu, Sabrina da Silva, Escrevente Substituta, que subscrevo, dou fé e assino em público e raso.

O referido é verdade e dou fé.
Grão Pará - SC, 16 de fevereiro de 2022.

SABRINA DA SILVA
Escrevente Substituta

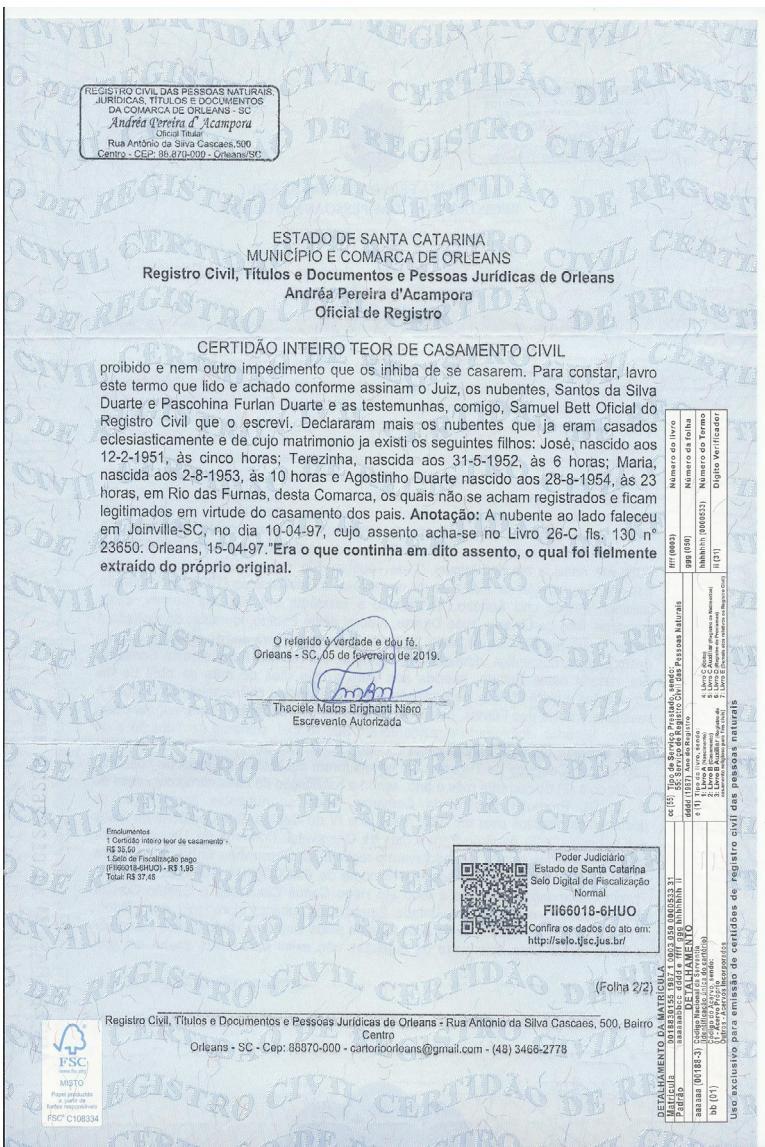


NOME DO OFÍCIO:
Escrivaria de Paz de Grão Pará
OFICIAL REGISTRADOR:
SILVANA KOCH PEREIRA
MUNICÍPIO/COMARCA/U.:
Grão Pará, Braço do Norte - SC
ENDERECO:
Rua Presidente Getúlio Vargas, 372, Centro - CEP:
88890-000 - epazgp@gmail.com - (48) 3652-1526
Digitado por: SABRINA DA SILVA

Emolumentos
1 Certidão inteiro teor de nascimento - R\$ 41,11
1 Selo de Fiscalização pago (GKG68874-A8E0) - R\$ 3,11
Total: R\$ 44,22

Naquela época era comum realizarem apenas o casamento religioso inicialmente. No caso de Santos e Pachóina, o casamento no civil ocorreu quando o casal já tinha quatro filhos (José, Terezinha, Maria e Agostinho), conforme se vê na foto seguinte.

Figura 5: Certidão de casamento de Santos e Pascohina.



O falecimento ocorreu em um hospital da cidade de Joinville, onde ele estava internado para tratamento de

doença do figado, no ano de 2001. Na ocasião, Santos já estava viúvo há alguns anos e morava um pouco em Gravatal, um pouco em Joinville.

Figura 6: Certidão de óbito de Santos.

**REPÚBLICA FEDERATIVA DO
ESTADO DE SANTA CATARINA
MUNICÍPIO DE JOINVILLE
COMARCA DE JOINVILLE**

Ofício Joinville Rua Conselheiro Neves, Centro (047) 422-5093/422-6222

**Adilson Pereira dos Anjos
Oficial do Registro Civil das Pessoas Naturais
Karin Colin de Souza
Oficial Substituto**

Certidão de Óbito

CERTIDAO DE ÓBITO

DERTIFICO que, sob N° 29772, às Folhas 252, do Livro nº 0046-0,
de registro de Óbito, encontra-se o Assento de:

SANTOS DA SILVA DUARTE

falecido Hospital Dona Helena, JOINVILLE SC

aos dez dias do mês de outubro do ano de dois mil e um,
10/10/2001. às 06:05 às seis horas e cinco minutos

do sexo masculino, cor: branca

Profissão: aposentado

Natural: ORLEANS-SC

Residente: JOINVILLE-SC

Idade: 76, setenta e seis anos de idade, estado civil: viúvo
Filho de: Liriano João Duarte, falecido e da Flora Joana da Silva,
falecida

Declarante: JDAD DA SILVA DUARTE

Atestado de óbito Firmado pelo Dr. Pierry Otaviano Barbosa

Causa Morte: INSUFICIENCIA HEPATICA-CIRROSE.

O sepultamento foi feito no cemitério São Sebastião de Gravatal-SC.

Observações: REGISTRO GRATUITO, DE ACORDO COM A LEI N° 9.534/97. O falecido era eleitor, deixou bens e inventário, não deixou testamento conhecido, deixou 18 filhos:dele com 31 anos, Terezinha 49, Maria 46, Agostinho 47, Anselmo 45, Jaime 44, Luiz 42, Fausto com 41, Maria 39, João com 36.O falecido era viúvo, tendo sido casado pelo cartório de Orleans-SC no I-27-B lote 34 sob n°1349.

Referido é Verdade a Dou Fá
Joinville, 18 de outubro de 2001
Maria J. de Souza
OFICIAL

Vale ressaltar que Santos, originário de família simples e lutadora pela subsistência, nasceu na localidade de Rio das Furnas, município de Orleans/SC, em 8 de junho de 1925. A família de seus pais era numerosa para os padrões atuais. Eram nove filhos e uma adotada de nome Joana, a qual veio juntar-se à família ainda

bebê quando sua mãe faleceu. Formou-se, assim, um grupo familiar composto de doze pessoas.

Segundo relatava Santos, o pai dele, Liriano João Duarte, era uma pessoa muito doente, o que dificultava seu trabalho contínuo na roça. A situação era ainda mais agravada pela insuficiência de terras para o cultivo de alimentos em quantidade que permitisse a produção necessária para o sustento de todos. O grupo familiar obrigava-se, então, a arrendar terras de terceiros, pagando para isso um terço da produção obtida, parcela que fazia muita falta à mesa.

O ambiente de carência e sobrevivência no limite dos recursos não impedia a família de ajudar os semelhantes. Andarilhos, trabalhadores temporários e caminhantes que passavam pela localidade e que ao cair da noite pediam para dormir na casa mais próxima eram invariavelmente encaminhados para a casa de Liriano. Dizia-se que ali não se negava uma pousada. De fato, era comum os filhos do Liriano contarem no futuro, aos seus filhos, histórias de interações com essas pessoas estranhas quando pequenos.

A religiosidade e a capacidade de trabalho foram marcas importantes

A religiosidade teve uma presença muito forte naquela família, especialmente em Santos, que desde jovem dispôs-se a celebrar como capelão o culto dominical na igreja, tanto que permaneceu morando em Rio das Furnas quando todos os demais familiares optaram por se mudar para a localidade de Rio Hipólito, também no interior do município de Orleans, em busca de áreas maiores para a lavoura, evitando, assim, o pesado encargo do arrendamento que pagavam pela utilização das terras de terceiros em Rio das Furnas.

Atendendo a apelos de alguns representantes da localidade para que ficasse em Rio das Furnas, Santos não se mudou. Vislumbravam nele um ativo cidadão para ações comunitárias, notadamente nas atividades da igreja. De fato, assim foi. Ele exerceu a atividade de capelão por 40 anos, conduzindo rezas, enterros, novenas, etc. E ia além: era comum ser chamado por vizinhos com problemas de conflitos familiares entre irmãos ou parentes, a fim de oferecer aconselhamento e intermediar alternativas de solução que amenizassem as desavenças, restabelecendo a harmonia nos lares em atrito.

Nesse período dispunha-se também a participar de entidades de desenvolvimento social, como o clube “4S”, valorosa iniciativa governamental da época que, juntamente com a antiga empresa pública de extensão rural denominada ACARESC, muito contribuiu para a evolução das comunidades rurais, melhorando a produtividade das lavouras e incrementando a produção de hortaliças e o saneamento básico nas residências com orientação para as famílias, práticas muito bem-vindas em uma época em que a verminose estava impregnada na população, mais intensamente nas crianças, sendo comum morrerem em decorrência disso.

Se por um lado a permanência de Santos em Rio das Furnas ajudou no fortalecimento do alcance dos objetivos dessas entidades e melhorou a interação entre os membros da comunidade, por outro a situação familiar dele não evoluiu na mesma proporção. Trabalhava de dia na roça e à noite numa fecularia de mandioca a fim de conseguir alguma renda adicional.

A religiosidade teve papel importante na família. Procurava-se seguir com rigorosa disciplina o catolicismo, e o envolvimento no que se acreditava era grande. A frequência no culto de domingo era lei na família, até

porque o Santos era o capelão de igreja, e se houvesse ausências eram prontamente percebidas por ele.

Não temos lembranças de uma falta deliberada de alguém no culto de domingo. Isso nunca ocorreu, por isso não se tem como avaliar as consequências de um fato assim. Qual seria o resultado para o filho pego em falta nesse aspecto? As rezas também ocorriam em casa, diariamente, antes das refeições.

O casal Santos e Pascohina também rezava todo dia antes de dormir e ao levantar da cama ao amanhecer. Como a casa não tinha forro, os filhos ficavam escutando as orações que o casal fazia em voz alta lá no quarto.

Figura 7: Aqui ele participa de uma encenação na Igreja de Gravatal acerca da parábola do semeador, referência à importância de contribuir com boas ações para o bem. Uma outra explicação para essa parábola do semeador é a de que todos colhemos exatamente o que plantamos. Lei da causa e do efeito.



Santos, o capelão do Rio das Furnas

Sobre Santos, capelão de Rio das Furnas por mais de 40 anos, transcreve-se um texto do Padre Elias Della Giustina publicado em seu livro⁵ sobre aquela comunidade do município de Orleans em 2016:

Quem não lembra do “seu Santo”? em 1987 recebeu uma homenagem da comunidade pelos 44 anos de capelão, de doação plena e total à comunidade. E quando dizemos plena e total não é uma força de expressão. Foi o que literalmente ele fez. Aos 18 anos teve um problema sério na vista que o obrigou a ir se tratar em Porto alegre, na Santa Casa de Misericórdia, onde ficou internado por 7 meses. Voltando para sua terra recuperado, assumiu ser capelão, substituindo o Cristiano Cordioli. E ficou 44 anos, até 1987. Durante todos esses anos honrou o compromisso que um dia assumiu, sem ter nenhum preparo. O serviço ao culto, exigia a presença dele nos domingos e dias santos, nos velórios e enterros e nas celebrações especiais. Além de capelão, foi catequista que preparava as crianças para a primeira comunhão. [...] Nos enterros fazia a oração na casa do defunto, a encomendação do corpo na igreja e as orações no cemitério. [...] Participou de muitos cursos, encontros e reuniões para se adaptar. A partir de 1970 já não rezava mais o terço, mas a celebração da palavra, o culto dominical. Nos cursos de formação para capelões que eu mesmo ministrei na Diocese de Tubarão, nos anos de 1977 e 1978, o Santos Duarte se fazia presente. E muito interessado, se mostrava entusiasta no seu ministério.

Padre Elias, em seu livro, também relata um depoimento de Santos justificando o motivo de ter assumido a função de capelão da comunidade:

Quando estava no hospital, sentindo que poderia perder a visão, esse era o seu diagnóstico, fez uma promessa na Nossa Senhora Aparecida. Se fosse curado dedicaria a sua vida para a igreja. Não chegou a especificar no que, mas essa seria a sua decisão. E fez o tratamento bem feito, recuperando totalmente a visão. Estava total-

⁵ DELLA GIUSTINA, E. Rio das Furnas – 128 Anos de Colonização Italiana: Centenário da Instalação do Distrito. Orleans: Soller, 2016. p. 125.

mente recuperado e poderia ir embora. Foi se despedir das que conhecera no hospital, as Irmãs, os enfermeiros, os empregados. Procurou por uma enfermeira preta que todas as noites vinha dar-lhe os remédios. E lhe disseram: “neste hospital não trabalha nenhuma enfermeira preta.” Ele concluiu que a Madrinha fizera a sua parte, agora era hora dele cumprir a sua.

Interessante realçar que o Santos “capelão” tinha uma peculiaridade: durante os cultos verbalizava com ótima dicção e extrema clareza. Falava alto, fazia as leituras de maneira totalmente audível. Bem diferente de quando estava em casa, visto que em diversas ocasiões nos diálogos com familiares custava-se a entender o que ele dizia. Para agravar, detestava repetir-se.

Dificuldades e enfrentamentos

Os filhos nasciam um a cada ano, sendo o total de dez. Sobreviviam com dificuldades. A esposa, Pascohina, tinha sérios problemas de saúde, tendo que recorrer constantemente aos vizinhos em busca de transporte para ir ao hospital. Deslocar-se até o médico era apenas o começo da busca por solução, depois vinham as despesas hospitalares e a insuficiência de recursos para pagar o hospital e adquirir os remédios, comprados apenas parcialmente, em geral, comprometendo a agilidade do restabelecimento. E a angústia era grande.

Para amenizar essa situação de penúria no que se refere à assistência à saúde, Santos optou por empregar-se como zelador de estradas na prefeitura de Orleans, obtendo os benefícios da previdência social e um salário-mínimo mensal. O trabalho na prefeitura era extremamente pesado, uma vez que, com apenas enxada, picareta, pá e carrinho de mão, era responsável pela manutenção de estradas interioranas que ligavam os municípios de Orleans, Grão

Pará, São Ludgero e Braço do Norte. Tempos de muitos sacrifícios e trabalho.

Registra-se também que, com poucas terras para trabalhar e formação escolar até o 4º ano do primário, o rendimento mensal era pouco, mas o máximo a que se podia chegar dadas as circunstâncias.

Cedo ele percebeu que a solução para uma vida melhor para os filhos residia no incentivo aos estudos a qualquer custo, ainda que para isso tivessem que se deslocar a pé por longas distâncias diariamente, morar em casas de estranhos ou ir para educandários religiosos. Não se admitia a renúncia à luta. Desistir estava fora de cogitação. A persistência deveria ser a regra. E assim foi. Trata-se de uma família que bem exemplifica a mobilidade social.

Todos os filhos saíram cedo de casa, sendo que três, ainda crianças ou na adolescência, foram para seminários de congregação religiosa (Irmãos Maristas). A irmã Terezinha se casou aos 20 anos e foi morar em Gravatal, enquanto os demais, ao completarem 18 anos, foram para Joinville trabalhar e continuar seus estudos.

E foi assim que, dos dez filhos de Santos e Pascohina, sete têm curso superior e dois são formados em cursos técnicos. A filha Terezinha, já falecida, trabalhou a vida inteira como proprietária de um pequeno comércio em Gravatal.

Santos estudou até o 4º ano do Ensino Primário, mas sempre gostou muito de ler. Lia tudo o que chegasse em suas mãos. Sempre se interessava em se manter atualizado das notícias por meio do rádio e da televisão. De fato, era o que poderíamos chamar de autodidata.

O filho Jaime lembra das diversas vezes em que conversava com o pai sobre política e assuntos relacionados

à atualidade e à conjuntura econômica e social do país. Isso, inclusive, o influenciou a militar politicamente, tendo sido vereador em Joinville por dois mandatos e deputado estadual de Santa Catarina. Sem dúvida, por influência do pai.

Pascohina não foi alfabetizada, mas era muito inteligente, perspicaz, bem-humorada, solidária, com excelente memória e incentivadora para que os filhos estudassem. Ela sempre manifestou um sentimento de frustração por não saber ler nem escrever. Sabia apenas assinar o nome. Sem dúvida, um espírito muito evoluído que contribuiu fortemente para a formação dos filhos e a harmonia do lar.

Figura 8: Primeira fotografia da família inteira, por volta do ano de 1968. Da esquerda para direita, em pé: Paulo, Luiz, Jaime, Anselmo, Agostinho, Maria, Terezinha e José. Sentados: Santos, Pascohina e Marta. O pequeno na frente de todos é o caçula João.



Figura 9: Esta é uma foto que também apresenta a família reunida. Não se sabe exatamente quando foi obtida, mas com certeza foi em um daqueles períodos de férias ou de Natal na década de 1980 em que a turma toda que trabalhava fora (especialmente em Joinville) vinha para casa interagir melhor com os pais e irmãos, contar histórias e falar de suas lutas na vida profissional na cidade grande. Foi um período muito bom. Até mesmo na foto nota-se um ambiente de descontração e camaradagem.



Mudança de Rio das Furnas para Gravatal

Em 1987, já aposentado das atividades na prefeitura, depois de um fraterno almoço dominical no salão da igreja, oferecido à família pelos moradores de Rio das Furnas, em reconhecimento pelos anos de desprendimento dele em prol daquela comunidade, mudou-se juntamente com a esposa para a cidade de Gravatal/SC, onde viveu serena e tranquilamente por mais quatorze anos, vindo a falecer na cidade de Joinville aos 76 anos. Deixou-nos muitos ensinamentos para viver bem, em especial humildade, persistência na busca por melhorias e desprendimento em prol dos semelhantes.

Figura 10: A comunidade de Rio das Furnas ofereceu a ele essa lembrança em agradecimento pelos anos de convivência no local.



Também em Gravatal, Santos participou das atividades da comunidade e da igreja, tendo desempenhado a função de ministro da eucaristia e participado juntamente com a esposa Pascohina do grupo da terceira idade e do apostolado da oração.

Na verdade, a mudança de residência para Gravatal representou para Pascohina um retorno às origens, uma vez que nasceu na comunidade de São Miguel, localizada naquele município, tendo lá vivido até se casar, quando se mudou para Rio das Furnas, onde residia o marido. Assim, o período que passaram em Gravatal foi tranquilo em razão da oportunidade de convivência com vários parentes.

Gosto pela pesca e residência na praia

Um dos maiores prazeres de Santos era a pescaria. Quando já residente em Gravatal, juntamente com a esposa Pascohina, passou diversos períodos numa casa

que possuíam na praia de Enseada, em São Francisco do Sul, cidade vizinha a Joinville, onde já residiam diversos filhos.

Era um verdadeiro apaixonado pela pescaria, fosse no mar ou no rio. Tinha grande paciência e habilidade para tal atividade. Orgulhosamente, gostava de registrar fotograficamente êxitos nas empreitadas. Não tinha tempo ruim. Para pescar estava sempre disposto.

Figura 11: Aqui ele estava na praia de Enseada, local em que gostava de pescar no mar e nos rios da região, às vezes de barco acompanhado por um filho, geralmente Anselmo.



Apelo pela manutenção da união dos filhos

Os momentos de sair de casa ou mesmo partir após o término de períodos de visitas eram sempre de tristeza para Santos e Pascohina. Invariavelmente, os filhos

eram acompanhados até o desaparecer na curva da estrada por olhares contemplativos e chorosos dos pais.

Pascohina sempre prezou por realizar festas, especialmente por ocasião do Natal. Acolhiam filhos, genros, noras e netos com extremo prazer, satisfação e amor. O Natal em família era muito aguardado por todos.

O principal conselho ou apelo de nossos pais foi o de que não se quebrasse a cadeia de união entre os filhos e de que um fosse solidário com o outro em momento de eventual dificuldade. Inúmeras vezes, Santos fazia referência à força de um feixe de varas, em contraponto à fraqueza da individualidade.

Seguindo essa linha, sete dos filhos de Santos e Pascohina adquiriram uma propriedade, com ampla casa ao lado do terreno em que viveram, na localidade de Rio das Furnas, em Orleans/SC, como forma de possibilitar um ponto de encontro e manter estreitamento no relacionamento entre eles.

O filho Anselmo construiu nesse terreno uma réplica da casa original onde residiam quando estavam na companhia dos pais. Infelizmente o terreno em que nasceram e cresceram foi adquirido por uma terceira pessoa que lá edificou granjas de porcos e alterou substancialmente a topografia do terreno.

De qualquer modo, foi uma tentativa de manter unido o feixe de varas mencionado pelo pai. Até quando não se sabe, eis que o tempo se encarrega de impor dificuldades.

Nessa casa, lá em Rio das Furnas, encontra-se afixado um quadro emoldurando um texto muito interessante intitulado “De todos Furlan Duarte a todos os irmãos Furlan Duarte, de autoria de Luiz, filho de Santos e Pascohina”, que foi escrito alguns meses após

a partida deles. Ela faleceu em 1997 e ele em 2001. O texto está reproduzido a seguir:

Nosso irmão aceite este pouco de vinho. São apenas uns goles, mas este líquido simboliza um pouco da luta e suor de todos nós, também do teu, de nosso pai e da mãe. Lembra também os momentos agradáveis de nossa convivência.

Pode não ser doce, mas seu lado amargo representa as dificuldades que nós, tu, o pai e a mãe enfrentamos juntos: as repetidas e longas caminhadas; nossos relacionamentos nem sempre transcorreram harmônicos como se esperava; o dinheiro insuficiente para o remédio da mãe; o calçado que faltou, a roupa que não nos aquecia adequadamente; a teimosia de nossa perspectiva em olhar outrem sempre de baixo para cima, observando somente suas qualidades e esquecendo as nossas próprias; e outras, nosso irmão, que decerto temos e tens, diversas já há muito superadas, e outras mais que, silenciosa e corajosamente, também enfrentas na persistência da melhoria constante. Muito tempo tem passado. Hoje somos todos grandes. A ti juntaram-se outros familiares que, como nós, muito te estimam. Essas lembranças nos vêm agora porque aproximam as nossas origens e fortalecem os laços que nos unem. Nos trazem saudade dos bons momentos de nossa convivência, que podemos associar ao leve e agradável aroma do vinho que ora lhe oferecemos. Bebida simples como nós, tu e nossos pais. Neste momento apenas um símbolo para juntar lembranças agradáveis. Lembranças do tempo em que caçávamos vagalumes nas noites estreladas de dezembro; em que alegres e cheios de curiosidade recebíamos os irmãos que em férias retornavam do seminário, e muito nos contavam sobre cidades e pessoas de longe e diferentes. Tínhamos orgulho deles; juntos tomávamos um banho refrescante no rio; animadamente buscávamos um galho no velho e bondoso pinheiro, paciente testemunha de nossa luta e crescimento, majestosa árvore que uma vez por ano cedia um de seus ramos que com a mãe enfeitávamos para abrilhantar o tão esperado natal, festa de família reunida, comida e pratos com balas e bolachas coloridas ao amanhecer, comemoração de poucos, mas suficientes brinquedos.

Lembras irmão? No inverno íamos dormir ouvindo o coaxar da sapalhada e, ao amanhecer, pelas frestas das janelas víamos o sol brilhando sobre o branco da geada na grama lá fora. Enquanto a mãe assobiando enigmática música ia, aos poucos, acalmando o barulho da bicharada, distribuindo-lhes a esperada comida.

Minutos depois nos encarapitávamos na cozinha disputando um pouco de calor do fogão à lenha. Alegres vestígios do tempo em que o pai e a mãe compartilhavam de nosso dia-a-dia. Partiram não sem antes mostrar e iluminar nossos caminhos; desejar e lutar pela nossa realização; subir os degraus mais difíceis em busca de nosso amparo; bater as menos receptivas portas. Partiram em paz e são grandes agora. Entendemos sua lição de humildade e disposição para a vida em plenitude, apesar de quedas e espinhos.

Estejam com Deus!

À tua saúde e realização!

Maio de 2002

Sem dúvida, um lindo e profundo texto, que bem retrata a realidade enfrentada nesta numerosa família, com reflexo no caráter, na ética e na formação individual e coletiva. Em síntese, é o forjar no contexto das dificuldades que invariavelmente nos leva a valorizar as conquistas e trilhar o caminho da evolução.

Figura 12: Ambiente festivo no casamento da Alexsandra, filha da Maria, em Blumenau/SC, ocorrido em 4 de dezembro de 1999. Atrás, em pé: José, Terezinha, Maria, Agostinho, Anselmo, Jaime, Luiz e Marta. Na frente: Paulo, Santos e João.



Figura 13: Esta foto é de 6 de junho de 2014, na festa de casamento de Liara, filha de Jaime. O pessoal está chique!



Tributo aos nossos pais: depoimentos de filhos e netos

Neste capítulo, filhos de Santos e Pascohina desejam externar sentimentos que demonstram gratidão pela contribuição dos progenitores às suas vidas.

José da Silva Duarte

José é o filho pelo qual o Santos tinha um carinho especial, possivelmente por ser o primeiro a nascer entre todos, ou por outros motivos que às vezes nem os pais sabem explicar. Casou-se em 22 de maio de 1975 com Emilia Barbosa Damas em Joinville/SC, cidade onde moram até hoje. Têm três filhos: Alexandre e as gêmeas Mônica e Carina. José foi o primeiro a sair da roça. Depois os irmãos seguiram o mesmo caminho, saindo para estudar e trabalhar. Ele é empresário.

Meu pai

O pai normalmente era calmo e falava mansinho, mas na hora de uma oração, da leitura de uma parte da bíblia ou do “nervoso” o tom e a voz eram outros. Com os bois, ele no “rabo de arado”, também a calma dele ia para as cucuias, brigava até com a sombra! Ninguém o aguentava, nem os bois, nem a gente e nem a mãe! Ficava um bicho de brabo, as veias saltavam no pescoço! Chutava até os cachorros!

- ☒ Muito trabalhador! Antes do sol nascer até a noite escura!
- ☒ Honesto nos negócios ao extremo!
- ☒ Mentir, pra ele, era um crime hediondo!
- ☒ Uma teimosia que dava raiva! Teimoso que nem uma mula!
- ☒ Uma persistência infernal, fora do controle! Se ele colava uma coisa na cabeça ia até o final e, se dava errado, corrigia alguma coisa e fazia tudo de novo! Era de matar o nego! Ia até bater a cabeça na parede!
- ☒ O pai era um homem de respeito, muito respeitado pelos seus amigos, e ele também os respeitava.

☒ Carinhos: poucos, difícil ele fazer um carinho nos filhos, daria para contar nos dedos de uma mão e ainda sobrariam dedos!

☒ Abraços: poucos, raros e bem mal-feitinhos, displicentes!

☒ Palavras bondosas e amorosas para os filhos: raras!

☒ Mas isso, não quer dizer que ele não amasse todos os seus filhos, era a maneira dele, ele só não era tão chegado a essas “intimidades”, vamos dizer assim.

Ele foi pároco ou capelão na Igreja de Rio das Furnas durante quarenta anos. Deu doutrina para todos os filhos dos colonos daquela época. Fez o enterro de todos que morreram naquela época. Ele e seus amigos lá das Furnas eram muito unidos, todos ajudavam de alguma forma. Na igreja tinha três, quatro corais: das crianças, Filhas de Maria, Coração de Jesus e o coral geral da igreja. A gente ia ao culto do domingo e era a coisa mais linda de se ver, a igreja sempre cheia. Quando tinha missa não havia lugar para todos dentro da igreja.

Em Rio das Furnas, na verdade, existe só uma rua, e essa rua leva o nome dele e de mais um amigo dele! Ele tinha uma grande “paixão”, uma grande tristeza: não ter dado continuidade nos estudos. Isso doía no coração dele. Quando pequeno, queria muito estudar, mas não teve chance, e isso o deixou bastante chateado, desiludido.

E ele fez uma coisa: já que não conseguiu estudar, então que os seus filhos estudassem.

Esta foi a grande sacada dele: fazer os filhos estudarem. Inculiou na cabeça de cada filho, todos os dias, todas as horas, em todas as oportunidades, que a única saída era estudar.

E ele não perdia nenhuma oportunidade de mostrar e dizer isso. Ele vivia “inticando” com todos os filhos, usando frases em português e “contas”, tipo “Se eu comprar 1 kg de banana por 10 cruzeiros, quanto custam 5 kg?” e mil e outras perguntas. E isso ele fazia quando a gente estava “carpindo uma decepada” ou cortando “trato” pra vaca, arrancando batata para os porcos ou roçando o pasto. Ele insistia muito nessas coisas.

Eu era e sou ruim de “conta de cabeça”, então não era fácil acertar aquelas perguntas dele. Mas fiz uma jura para mim mesmo: “Um dia vou estudar tanto, tanto, e mostrar pra ele que eu também vou saber”!

Uma vez, na volta das férias, em julho, ele ia construir um banheiro e mais umas coisinhas. Daí perguntou: “José, tu que é estudado, quantos tijolos eu tenho que comprar?”. Calculei e disse: “O pai compra 1.280 tijolos, na verdade o pai vai gastar 1.250, 30 é de folga/quebra”.

Em dezembro voltei de férias e ele já tinha acabado a construção e lá no lado estava um monte de tijolos empilhados, daí eu perguntei: “Ué, vai construir mais alguma coisa?” e dei um sorrisinho maroto. Aí ele disse: “Pois é, eu não acreditei na tua conta”!

Meu!!! Ninguém viu a minha cara de satisfação, mas eu tenho certeza de que ele viu, mas não se importou, acho até que ficou muito contente.

Com essa insistência dele, conseguiu que meus irmãos andassem 6 km de ida e volta até Braço do Norte para estudar. Saíam às 5 da tarde e voltavam 11 da noite, e isso não um dia, uma semana, um mês, mas sim durante quatro anos.

Ele não deixava as crianças pegarem sol forte na cabeça, sempre com chapéu, e quando tinha sol muito quente ele mandava a gente pra sombra: “faz mal pra cabeça e cabeça é feita pra estudar”, dizia ele.

E não cansava de dizer: “A única saída que vocês têm é ESTUDAR”.

Uma lição que levei para toda a minha vida.

Saí de casa para estudar nos Irmãos Marista com 12 anos. Só vinha nas férias de julho e dezembro, e olha lá. Voltei para casa com quase 21, saí de lá porque comecei a ver que mulher é coisa boa!

Mas eu queria fazer faculdade, e isso ali na região não tinha. Meu amigo Marcarini me chamou para vir para Joinville. “Aqui tem faculdade”, disse ele.

Aí o pai conversou comigo:

“Pois é, meu filho, quando você saiu com 12 anos eu até não fiquei muito preocupado, por que lá os Irmãos Maristas iam cuidar de você, mas agora você vai para Joinville, nem sei onde fica isso, não tenho como cuidar de você, tem gente má nesse mundo, você pode dizer para mim que vai estudar e lá depois fazer outras coisas, e coisas ruins, então não esquece que você é o exemplo para os teus irmãos, eles te admiraram, o que você fizer eles vão atrás, então vou te dar uma recomendação, uma só: FAÇA O CERTO”. E

continuou: “Quando você tiver dúvida do que fazer, lá você não vai ter ninguém, é só você mesmo, então te faça esta pergunta: QUAL É O CERTO? Muitas vezes fazer o errado é muito mais fácil. Nem sempre você vai acertar, mas, se errar tentando fazer o certo, é mais fácil recomeçar e fazer o certo. Agora, se você souber qual é o certo e fazer o errado e se ‘estrepar’, não vai ficar contente e vai ficar com raiva de você mesmo. Você, com certeza, muitas vezes vai ser chamado de ‘troux’ por fazer o certo, vai perder coisas, dinheiro, vai sofrer, mas lá na frente você vai ver que ainda é melhor FAZER O CERTO. Num problema, pensa antes, não resolva na hora, senta num cantinho só você e pensa, pensa que você vai saber certinho o que é o certo”.

E isso eu levei para a minha vida. Nem sempre acertei, na hora achei que era o certo. Teve casos que tive dez segundos pra decidir, outros alguns minutos, outros alguns dias, e, do mesmo modo, para sentir os resultados, houve casos que já senti em minutos, dias, ano e casos que levei quinze anos para ter certeza de que a minha decisão de fazer o CERTO foi a certa mesmo!

E me escreveu um bilhete, que carrego na minha carteira até hoje:

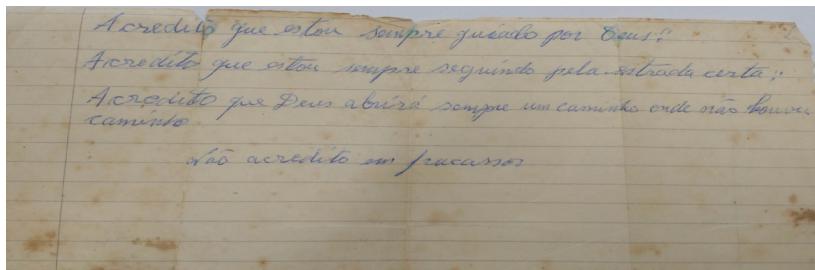
“Acredito que estou sempre guiado por Deus.

Acredito que estou sempre seguindo pela estrada certa.

Acredito que Deus abrirá sempre um caminho onde não houver caminho.

Não acredito em fracassos!”

Figura 14: Este é um bilhete que guardo até hoje como lembrança!



Alguns arrependimentos

Não ter convivido mais com ele. Não ter levado ele mais vezes para pescar comigo, ele adorava pescar. Na verdade, convivi pouco com o meu pai. Saí de casa com 12 anos e voltei com 21, só vinha nas férias, e olha lá. Depois vim para Joinville e continuei a conviver muito pouco com ele.

Recomendações dele sobre com quem me casar

Depois de uns tempos que eu estava em Joinville, numa dessas festas de final de ano, a conversa rolou para o lado de mulher, namoro, essas coisas.

Daí ele me disse, na primeira oportunidade:

“Olha, José, você tem que namorar mulher aqui da região, que você conhece, aqui tem mulher bonita, ancas largas para ganhar filhos fortes, seios grandes pra sustentar os filhos e trabalhadeira, daquelas que ajudam o marido, né? Não vai pegar essas mulheres da cidade, que só ficam em casa se arrumando, se penteando, pintando os “beiços”, passando cremes, pintando as unhas. Elas vão gastar tudo o que tu ganhar só nessas besteiiras e trabalhar, que é bom, nada!” Fiquei olhando para ele, vi que ele estava falando sério e completei:

“É, e o pai não acredita, elas pintam até as unhas dos pés!”

Aí ele arrematou: “Ué, pra que pintar as unhas dos pés? Onde já se viu, ora, pintar as unhas dos pés?!”

Daí eu disse: “Ah, pai, é tão bonita uma mulher com as unhas dos pés bem pintadas, na hora do bem bom a gente começa desde as unhas dos pés, uai!”

Aí, ele não aguentou: “O quê? Começar pelas unhas dos pés, lá embaixo? Até tu chegar lá em cima, ‘babau’! Já era!”

Ri um monte! Mas esse era o pensamento dele.

Algumas lembranças e saudades

Pescar com ele ali no rio, para baixo do seu Aníbal da Didi.

Me lembro de que, às vezes, para atravessar o rio, ele me carregava nas costas. “Do outro lado tem um pociinho com uns carás bem bonitos”, dizia ele.

De noite a gente ia pescar jundiá, meu! No escuro vinha aquele jundiá saltitando com aqueles ferrões e a gente tinha que cuidar, porque doía pra burro.

O pai era muito bom pescador.

A minhoca? “Só a parte da cabeça, a parte viva”.
“A linha tem que ser bem fina, anzol o menor que puder”.

“Nada de barulho, nada de dar tapa em pernilongo na beira do rio”, dizia ele.

Ele era o “bicho” naquelas pescarias dele.

As vezes ele e mais alguns amigos iam pescar juntos domingo à tarde. Começavam lá em cima do rio e iam descendo. Podia contar, ele pegava tanto quanto os outros juntos.

Mais tarde ele encontrou um concorrente, o cara pegava que nem ele. Reclamou um monte daquele amigo! Era o seu Aníbal.

Meu pai tinha alguns defeitos (dizem!)

Minha mulher diz que ele vinha da praia, com os pés cheios de areia, calção molhado e pingando água, dava duas batidinhas com os pés na soleira da porta, entrava e sentava no sofá.

Também dizia que, às vezes, ele pegava o prato e ia comer na sala, na frente da TV. No final ela achava espinhas de peixe, farelos de bolo e pão, café derramado e outros restos de comida no sofá e no chão da sala. Eu nunca vi ele fazer essas coisas, até hoje acho que é intriga de nora.

Meu pai uma vez comprou um carro, um chevetão. Contam as “boas línguas” que, de tanto barro que tinha dentro do carro, depois de uns três meses tinha grãos de feijão, milho e até uma batatinha brotando no tapete do carro.

Eu não acredito numa coisa dessas. Por outro lado, às vezes tenho dúvidas, porque tenho um irmão que “puxou” muuuuito o pai e aconteceu igualzinho com ele, tinha brotos de feijão, milho e até uma cebola bem repolhuda!

A árvore põe os seus frutos bem próximos, né?

Uma viagem inesquecível

Acho que eu tinha 8 ou 10 anos, no máximo. Ele andava normal, mas eu tinha que andar “no trotinho” para acompanhá-lo.

Fomos das Furnas até o Rio Hipólito, por Orleans. Meu! Isso dá uns 30 km. Fomos ver a nonna.

Saímos de madrugada, clareou o dia bem pra frente de Orleans, sei lá aonde.

Lá pelas tantas paramos para fazer um lanche, a mãe tinha feito uma “trouxinha”. Paramos numa fonte de água. O pai pegou a água com a palma da mão, eu não consegui e pensei: “um dia também vou conseguir pegar água com a palma da mão”. Daí ele pegou a água com uma folha de caité.

Lá pelas tantas eu estava morto de cansado e comecei a perguntar se faltava muito para chegar na nonna. Ele me enrolou de curva em curva: “Ah, tá perto, é depois daquela curva”. E haja curva, nunca vi tanta curva e nunca chegava.

Mas depois de mil curvas lá estava a entrada da casa da nonna, atravessamos um rio, subimos um morro cheio de pedras e lá estava a nonna de braços abertos. Valeu a pena. Ficamos lá alguns dias. Chovia tanto, tanto que a gente não conseguia andar sem escorregar e cair, mas a nonna não caia, não, ela dizia: “Para não cair, dá passinhos bem curtinhas e enfia bem os dedos dos pés no barro, daí você não escorrega”!

Do nonno e da nonna

Me lembro muito pouco.

Do nonno, lembro que ele era alto, magro, cabelos brancos, não me lembro de mais nada. Estava sempre lá embaixo no paoi ou coisa parecida, acho.

Da nonna, fui poucas vezes lá ver ela. Só sei que ela também falava baixinho, normalmente calma, e que, quando ficava braba, também mudava tudo, o tom da voz e as palavras saiam bem diferentes. Tinha uma paciência de Jó, persistente e muito trabalhadeira.

Terezinha Duarte Vicensó

Figura 15: Osvaldo e Terezinha.



Figura 16: Anadia, Lara, Terezinha, Tayane, Gustavo e Tania.



Figura 17: Tânia, Renato e a filha Tayane.



Terezinha teve duas filhas: Tânia e Anádia. Ela casou-se em 29 de julho de 1972 com Osvaldo Comeli Vicenço, e a família morou em Gravatal/SC, cidade de residência dela até falecer em 17 de abril de 2018. O casal, muito trabalhador e austero com suas economias, inicialmente trabalhava na lavoura, depois Osvaldo passou a trabalhar como assalariado em um bar de propriedade de um parente dele. Diante da oportunidade oferecida por esse parente, Osvaldo comprou o bar, passou a administrá-lo e tornou aquele ponto comercial

o carro-chefe dos negócios da família por décadas, só encerrando as atividades com o falecimento do casal. Enquanto atendiam no bar também tinham criação de gado e alguma roça. Alguns dos irmãos da Terezinha moraram com ela em Gravatal, tendo oportunidade de ajudar a família e estudar em uma colégio da cidade, o que era facilitado pela proximidade do estabelecimento, evitando, assim, o longo trajeto para ir à escola enfrentado para os que ficavam em Rio das Furnas.

Maria da Silva Duarte

Figura 18: Maria com as filhas Aline, Naiara e Alexsandra. A foto foi obtida na cerimônia de formatura da Aline em Psicologia.



Maria casou-se em 26 de janeiro de 1977, em Joinville/SC, com Nilton da Silva, de quem muito tempo depois veio a separar-se. Inicialmente era enfermeira, depois, mudando-se para a cidade de Blumenau/SC, dedicou-se ao ramo de segurança contra incêndio e, na sequência, à produção de chocolate. Tem três filhas: Alexsandra, Naiara e Aline. É considerada a “mãezona” da família, sempre disposta a colaborar e apoiar no que for possível.

Meu pai: um exemplo de trabalho

O pai era um exemplo de trabalho, responsabilidade, idoneidade e esforço. Um trabalhador digno, correto, confiável. O lema dele era “Sempre lutar, nunca desistir”. Perseverança era o nome dele. Mesmo naquela imensa dificuldade e pobreza, naquela lonjura, ele sempre acreditou que nós todos venceríamos... O pai e a mãe nos ensinaram a “tirar leite de pedra”. A religiosidade, a fé, o rosário todos os dias, de manhã e à noite, os nossos pais rezavam e eram marcantes as orações antes das refeições...

Na comunidade de Rio das Furnas, o pai foi capelão durante mais de quarenta anos. Ele era quase uma autoridade lá, porque as famílias em atrito chamaravam o pai para intermediar a paz entre os irmãos. Houve um tempo em que o pai realizava até velórios e sepultamentos...

Agostinho da Silva Duarte

Figura 19: Em pé: Edésio, Adriana, Marlene, Marcus Augustus, Giovani, Eduardo, Vanessa e Rodrigo. Sentados: Ângela Maria, Agostinho e Thays.



Agostinho casou-se em 17 de julho de 1975, em Belo Horizonte/MG, com Ângela Maria Damas. Eles têm três filhos: Adriana, Vanessa e Marcus Augustus.

Atualmente moram em Joinville, cidade em que ele atua como empresário do ramo de lubrificantes. É o filho de Santos que atualmente mais mantém contatos, integração e amizades com a comunidade de Rio das Furnas. Lá ele adquiriu uma propriedade, onde fica por longos períodos. A população local gosta dele, sendo uma verdadeira ponte entre a comunidade e a família Duarte.

Anselmo da Silva Duarte

Figura 20: Em pé: Fábio e a esposa Roberta, Heron, Shiran e esposa Grasiela, Nathan e Ana Luiza. Sentados: Shirley e Anselmo com as netas Raffaella e Serena.



Anselmo, desde que saiu da roça na juventude, mora em Joinville/SC, mas normalmente encontra-se no sítio da família, onde se sente mais à vontade. Sempre foi um grande incentivador de encontros familiares, disponibilizando generosamente espaço para a realização desses momentos festivos.

Minha família

Eu sou Anselmo da Silva Duarte. Sou casado com Shirley Fátima dos Santos Duarte e temos quatro filhos: Roberta Heloise Duarte Kruger, casada com Fábio Luiz Krüger; Shiran Rafael Duarte, casado com Sandra Grasiela Chaves Duarte; Heron Gabriel Duarte, que vive com Maxime Ottogalli; e Ana Luiza Duarte, casada com Nathan Lengler Lermenn. Temos também uma netinha chamada Serena Duarte Lermenn.

Roberta é formada em Direito e exerce a função de gerência na empresa da família (Contra Chama Comércio de Extintores e Equipamentos Ltda e Guardian Sistemas Contra Incêndio Eireli). Fábio é formado em Administração e é proprietário da empresa Multiseg Comércio de Equipamentos de Segurança Eireli. Eles residem em Joinville/SC.

Shiran é formado em Design e Arquitetura, e Sandra Grasiela (ou Grasi) é formada em Tecnologia de Informação, ambos são proprietários da empresa Semper Construtora e Incorporadora Ltda, muito engajados em causas sociais. Residem também em Joinville/SC.

Heron é formado em Sociologia e Cinema e trabalha no setor de hotelaria. Quis alçar voo solo e hoje reside em Paris, na França. Maxime é formado em Turismo e Hotelaria, trabalha como diretor de hotel e reside em Paris, na França.

Ana Luiza é formada em Design de Moda, e Nathan é formado em Engenharia Civil e Direito. Ambos são proprietários da Camposampiero Villagio Turístico em Campo Alegre/SC e residem em Campo Alegre/SC, com nossa linda netinha.

Minha trajetória empresarial

Eu, Anselmo, trabalhei na roça até os 18 anos e depois vim morar em Joinville/SC junto com outros irmãos. Estudei o Ensino Médio como Técnico Mecânico. Me casei em dezembro de 1979. Trabalhei nove anos na Tigre Tubos e Conexões e mais seis na Bucka Spiero, que fazia parte do mesmo grupo da Tigre. Com o fechamento da Bucka Spiero, em 1989, fundamos, eu e minha esposa, a empresa Contra Chama Comércio de Extintores e Equipamentos Ltda, que em março de 2022 completou 33 anos.

Estamos aposentados e vivemos a maior parte do tempo no sítio em Campo Alegre/SC, principalmente por causa da pandemia, que obrigou todos a ficarem mais isolados...

Posso dizer que minha trajetória foi de muito trabalho, persistência e dedicação à família. Me considero um Furlan Duarte vencedor.

Estamos aposentados e vivemos, em parte, da renda das empresas e de alguns imóveis alugados. Desde o início incentivei meus filhos a estudarem, porque se o Brasil quiser chegar a ser um país com mais igualdade social é só por meio da educação. De maneira nenhuma é pelo regime socialista ou comunista, pois são regimes falidos... É só observarmos os países que deram certo, como, por exemplo, a Coréia do Sul e outros muitos países.

A herança de meus pais

O pai Santos, com todas aquelas dificuldades, com dez filhos, sempre nos mandou estudar. Muitas vezes não tínhamos dinheiro nem para comprar um livro sequer, mas nos virávamos, emprestando com os colegas, tirando cópia ou o que fosse. O pai foi uma pessoa com muita visão nesse quesito. Tem outros tios que também fizeram o mesmo.

O pai gostava muito de pescar, tinha muito conhecimento de pesca em rios. Quando foi possível, em 1997, compramos uma casa na praia de Enseada em São Francisco do Sul (distante cerca de 60 km de Joinville) e um barquinho, e assim, por uns oito anos, pescávamos no mar. O José, nosso irmão mais velho, deu umas dicas sobre pescaria no mar. Ficávamos das seis da manhã até umas três da tarde pescando um tanto longe da costa. Nesses dias de pescaria, era o dia inteiro o pai contando histórias do nonno e dos irmãos. Ele sempre dizia “Coitado do papai!” quando se referia a alguns negócios que o nonno fazia. Uma dessas histórias conta que o nonno comprou um terreno e ficou muito preocupado em como pagar, e aí começou a “variar”, o que, nas palavras dele, queria dizer ficar meio “tan-tan” das ideias, se é que me entendem...

Então tiveram que interná-lo, e os remédios eram muito fortes, por isso ele dormia muito.

Quando voltou, para a alegria de todos, estava bem, mas sempre tinha grandes dificuldades em fazer negócios.

Eram várias as pescarias e, invariavelmente, muitas as histórias...

Também contou certa vez uma história de quando ele era adolescente. Contou que na época começou a sentir problemas de visão. Mandaram-no para Santa Casa em Porto Alegre/RS sozinho de trem. E lá ele ficou por uns tempos meio esquecido (o que hoje parece até meio surreal). Ele contava que na época só pingavam umas gotas de remédio no olho todos os dias.

Para retribuir o trabalho das freiras e ajudar a custear as despesas da sua estadia, ele ajudava as freiras na limpeza e nas leituras de orações que eram bem frequentes, e em função dessas leituras desenvolveu a habilidade de ler, o que facilitou para ele se tornar, mais tarde, capelão em Rio das Furnas, localidade de Orleans/SC, onde moraram por muitos anos.

Sua estadia na Santa Casa em Porto Alegre, pelo que ele contava, só terminou devido à troca da gerência daquela instituição, o novo coordenador começou a fazer uma nova avaliação dos pacientes e, avaliando-o, disse para o pai que ele já não tinha mais nada e que podia voltar para casa.

Ele contava que sofreu por anos muita discriminação por não ser descendente de europeus como a grande maioria das famílias que moravam na localidade de Rio das Furnas. Nas palavras dele, ser “brasileiro” não era motivo de orgulho por aquelas bandas na época. Eram chamados de “brasileiros” os que não eram descendentes de alguma família de imigrantes europeus, sejam alemães ou italianos – ele teve muita resistência em ser aceito como capelão naquela localidade. Na realidade, ele contava que havia muitas dificuldades na família do nonno por falta de terra. Ele e a família costumavam trabalhar “a meia na terra dos outros”, como ele falava, que significa plantar em terras de terceiros e dividir a colheita entre quem plantou e o dono das terras.

O pai foi um herói, sempre muito honesto, trabalhador e persistente. Sempre focado no que ele acreditava. Tinha também muitas dificuldades em fazer negócios – talvez por medo de perder o pouco que se tinha! Até hoje me lembro de a mãe falar pra ele:

“Troca essa vaca, Santos, dá pouco leite!”. Ele ficava brabo, e isso dava umas boas encrencas...

Hoje temos um grupo de WhatsApp da família, que chamamos de “Infuchados” por causa do pai, e esse termo é motivo de muitas risadas! Tenho muita saudade dele!

Vocês, primos, que têm seus pais ainda, valorizem muito, convivam mais com eles, conversem mais, escutem mais as histórias, porque depois só restam saudades.

O pai não terminou o Ensino Primário porque dizia que o professor (se não me engano, chamado Roque) batia muito nele. Contava que era ele quem mais apanhava. Nunca entendi o porquê. Ele se sentia frustrado porque não estudou. Nisso tive algo incomum com ele, só que, no meu caso, eu não queria estudar. Apanhava para sair de casa para a escola, e na escola apanhava também do professor Romaldo, porque não tinha feito as tarefas, não queria ir ao quadro, etc. Estudei assim até o 3º ano e desisti! Depois de quatro anos o pai um dia me falou: “Tu vais ficar pra burro mesmo?”. Isso, porque todos os irmãos continuaram a estudar e eu já tinha me conformado em ficar na roça.

Só que aquelas palavras foram tão duras que mexeram com o meu ego de rapaz naquela época. Resultado: fui no vizinho, o seu Antônio Schmoeller, pedi emprestado cinco cruzeiros pra pagar a matrícula e passei a andar treze quilômetros por dia até Braço do Norte com meus irmãos para poder continuar os estudos. Acabei não fazendo faculdade, mas concluí o Curso Técnico em Mecânica. Sempre tive comigo a vontade de sair daquela situação de dificuldade.

Lembro que na minha adolescência escrevi esta frase na minha bicicleta: “Sou o que sou, não o que dizem”. E na contracapa do meu caderno escrevi: “Que Deus dé vida longa aos meus inimigos, para que assistam de pé a minha vitória!”

Acho que essa vontade e essa garra me ajudaram a superar as dificuldades gigantes que eu, um menino da roça, encontrei quando vim para Joinville começar a vida e construir uma família. Hoje posso agradecer a Deus e me orgulhar da nossa trajetória e de todas as oportunidades que tivemos!

Jaime da Silva Duarte

Figura 21: Aos fundos, Juliano e a esposa Marina, depois Jaime, Lidia, Liara e o esposo Fábio com a pequenina Cecilia no colo. Na frente, os três filhos de Juliano e Marina: Sofia, Alice e Heitor.



O Jaime é advogado em Joinville/SC, cidade onde mora com sua esposa Lidia Noêmia Rodrigues Duarte. Eles se casaram em 15 de novembro de 1980 e têm dois filhos: Juliano Augusto e Liara Jamili. Como advogado, atuou na área privada e pública no município de Araquari. Atualmente já está aposentado como procurador municipal. Teve atuação na política na condição de vereador (dois mandatos) por Joinville e deputado estadual por Santa Catarina. A vocação pela atuação política estava presente desde cedo na psicologia do Jaime. Desde jovem lia muito e se interessava por temas abrangentes relacionados ao bem-estar da população de um modo geral. É o político da família. Normalmente encontra-se no sítio, onde se sente melhor, e é muito hospitalero, recebendo netos, amigos e parentes.

O valor da minha herança

Considero o transcurso da vida uma corrida de revezamento, em que cada um cumpre a tarefa de vencer etapas até entregar o bastão para outro continuar a corrida. Sendo assim, a história nunca começa conosco. Apenas damos prosseguimento. Nessas circunstâncias é imperioso reconhecer mérito naqueles que também contribuíram para alcançar a marca da chegada.

Faço essa comparação para dizer que, para alcançar o estágio em que me encontro atualmente, devo muito aos meus antepassados, especialmente aos avós e aos pais. Com certeza, sem a contribuição deles não seria possível chegar até aqui.

Tem aquele ditado popular que afirma que a fruta nunca cai longe do pé – quando muito, rola um pouco distante –, numa alusão ao fato de que as pessoas sofrem influências dos antepassados na formação e no caráter. Eu creio nisso. Somos muito reflexo de nossos pais.

Com relação aos meus avós e pais, avalio que tenho muito deles. Ouso dizer que me espelho em muitas de suas características, especialmente nos momentos de dificuldades e dúvidas de como agir ou tomar decisões. Invariavelmente, fico a imaginar o que eles fariam se estivessem a enfrentar idêntico problema. Com base nisso, decido o que fazer.

Sem dúvidas, nossos pais e avós tinham muitas qualidades, destacando-se a humildade (às vezes até em excesso), a extrema capacidade para o trabalho, a honestidade, a solidariedade e a perseverança na busca de objetivos. Às vezes eram um pouco “infuchados”, tinham vacilos nos momentos de decidir alguma coisa, mas sempre praticantes do bem.

Quanto a privações de bens materiais que pelas dificuldades deles não me foram ofertados – tanto que usei o primeiro par de sapatos na vida somente aos 16 anos –, não tenho direito de reclamar. Afinal, fiziam mais do que podiam, dadas as circunstâncias da época. Foram excelentes pais, que pelo exemplo, mais que pelas palavras, apontaram o caminho que deveríamos seguir e o jeito de caminhar. Obrigado e gratidão pela valiosa herança que recebi. Foi o suficiente e o necessário para continuar a corrida.

Célula Amorosa
Por Sofia de Vasconcellos Duarte, 15 anos, bisneta,
neta de Jaime e filha de Juliano.

Não conheci os bisavôs Santos e Pascohina, sou mais uma das numerosas pessoas que não tiveram o privilégio de ouvir suas lembranças, memórias que os fizeram em sua essência e passaram para seus filhos, ensinamentos valiosos, costumes da família, espírito trabalhador. Nunca fui uma pessoa muito religiosa, mas digo de forma serena que espero avidamente um dia poder encontrá-los e dar um rosto aos emissores originais das narrações.

Estranho sentir falta de alguém que nunca encontramos, porém no fundo, com tantas de suas histórias contadas por seus descendentes, encontro-me os identificando ao menos um pouco. Por vezes a família se vê separada por seus compromissos, desencontros e eventuais deveres, todavia sempre se encontra tempo para as reuniões que cada vez mais nos ajudam a nos afastar de problemas para nos aproximar da família. Na medida em que vivemos pelo amor, pelos princípios e, o mais importante, pelo contato, compreendemos sua importância. Só percebemos que sentimos falta de algo quando o perdemos. Ao se afastar é que a realidade da solidão bate na porta. As famílias, seja a Duarte ou outra amorosa união, te fornecem o que, sozinho, mesmo com muitos recursos e todo o poder humano do mundo, não pode ter.

É capaz de você comprar uma casa, mas não ter a habilidade de construir um lar, é capaz de você viajar o mundo inteiro conhecendo diversas e interessantíssimas culturas, mas não ter com quem compartilhar suas aventuras, é capaz de você pagar o melhor plano de saúde, mas não ter ninguém para te abraçar ou te apoiar na doença. Apenas o contato com sua família, consanguínea ou não, lhe dá isso. Sinto na profundezas do meu ser que esse escopo a família Duarte sempre terá.

Luiz da Silva Duarte

Figura 22: Luiz, Mariângela, Marina Luiza, André, Rafael e Marina em foto obtida no evento de noivado do André com Marina Luiza, em maio de 2022.



Atualmente com 63 anos de idade, ficou na roça até os 17, depois foi para o trabalho assalariado como industriário e, na sequência, como bancário. Está aposentado desde 2011.

Em 5 de março de 1988 casou-se com Mariângela Mendes na cidade de Tubarão/SC. Atualmente moram em Joinville/SC e têm três filhos: André, Rafael e Marina.

Nossos pais, um exemplo a ser seguido

Bem difícil falar sobre esse tema sem fazer um texto grande...

Mas o básico sobre meus pais é que, se não fosse por eles, eu não estaria aqui, nem meus filhos aqui estariam. E nossos pais nos acompanharam firmes e fortes, juntos! Atualmente não são todos os casais que, compartilhando o dia a dia sob o mesmo teto,

veem os filhos crescerem até seguirem seus próprios caminhos.

Além disso, tivemos os exemplos de atuação deles no enfrentamento das dificuldades. “A palavra convence, o exemplo arrasta”, alguém disse. Isso tem muito a ver com a luta por afugentar a hipocrisia. Uma luta interessante! Assimilamos muito bem isso e a máxima de que o benefício requer o esforço sempre. Assim como a persistência e a honestidade...

Ótimas são as lembranças do convívio familiar, em especial na infância. Brigas e brincadeiras eram comuns em meio às dificuldades. O caminho de ida e vinda da roça, a expectativa de uma folga do trabalho nos feriados religiosos...

O pai tinha um comportamento reservado conosco. Uma estratégia, imagino, para manter a autoridade sobre a rapaziada. Isso não o impedia de uma vez ou outra abrir exceção quanto a isso, contando histórias ou cantarolando uma música religiosa... Uma vez, quando voltávamos da roça, juntos, uma turma pela estrada, meu pai, num rompante de aproximação e carinho, embora suado e cansado, me colocou sentado sobre seus ombros por um longo trecho. Então eu fiquei lá no alto confortável... Para mim isso foi muito significativo, tanto que essa lembrança permanece comigo até hoje.

Isso me leva a concluir sobre a importância de termos momentos de descontração e aproximação com nossos filhos. Podem parecer pequenas coisas, mas não são. A infância é um período muito rico em nossas vidas, e tudo que acontece ali fica guardado para a alegre recordação na vida adulta.

Sou eternamente grato aos meus pais.

Paulo da Silva Duarte

Figura 23: Graziela, Synara, Ivone e Paulo.



Paulo mora em Mafra/SC e considera-se mesmo um cidadão mafrense. Lá ele é empresário do ramo de segurança contra incêndio. Ótimo anfitrião e desportista. Com 61 anos, é casado com Ivone e tem como enteadas: Synara e Grasiela.

Exemplo de honestidade e amor ao trabalho

Percebo que o pai Santos sempre tentou passar a todos os filhos muitos valores positivos, tais como honestidade, persistência e empenho constante para trabalho e estudos. Sempre dava exemplos disso, pois trabalhava muito e vivia sempre lendo alguma coisa nos momentos de folga. Incentivou sempre que todos os filhos estudassem, por perceber que seria uma das únicas saídas para a evolução geral da família.

Quando eu era criança, me passava a imagem de uma rigidez um pouco exagerada na educação dos filhos. Não consegui até hoje formar uma opinião se isso foi positivo ou negativo na minha formação. Não me lembro de ele brincar muito com os filhos, o que mudou um pouco quando já estávamos todos crescidos. Acho que todas as nossas vidas se tornaram mais suaves com o passar do tempo. Gostava muito de pescar nos

rios da região e sempre levava pelo menos um dos filhos como acompanhante. Era bastante generoso e valorizava que todos os filhos também o fossem, já que a comida não era assim tão farta e tinha sempre muita gente para dividir. Me lembro de que muitas vezes levei o almoço pra ele quando ele estava trabalhando no conserto das estradas da região em locais mais próximos de casa.

A mãe arrumava para ele a melhor comida numa “trouxinha”, e lá íamos nós levá-la para ele estrada afora a pé. No final do dia, quando do seu retorno para casa, íamos em disparada para ver o que sobrou de comida na “trouxinha”, e tinha sempre um pequeno banquete deixado por ele de forma proposital.

Sempre tive bastante receio e medo quando ele me chamava para resolver algumas contas de matemática, tipo cálculos de juros, quantidades necessárias para produzir isto ou aquilo. As vezes ele xingava alguém quando a coisa não evoluía conforme ele esperava.

Me parece, hoje, que ele sempre se sentia um pouco injustiçado pela comunidade. Esperava ser reconhecido, mas nunca deixava claro o que de fato ele queria. Aí as coisas mais importantes e valiosas sempre recaíam para as outras pessoas, o que era motivo de muitas reclamações e decepções. Tenho hoje somente sentimento de gratidão por tudo o que ele fez por mim, pelos irmãos e por todas as pessoas do seu convívio. Me parece que ele sempre fez o melhor que pôde. Não tenho nada a lamentar.

Marta da Silva Duarte Rengel

Figura 24: Heloisa, Bruna, Ademir e Marta.



Marta é a penúltima filha de Santos e Pascohina. Foi professora e mora em Araranguá/SC. Casou-se com Ademir Rengel na mesma cidade de Araranguá em 29 de maio de 2009. Eles conviviam em união estável antes do casamento oficial. Têm duas filhas: Bruna e Heloisa.

Meus valores

O pai me passou valores sobre a idoneidade, o trabalho na presença ou ausência do patrão, a seriedade, o ato de ser verdadeiro, fiel e correto, e deu um enorme exemplo de luta e perseverança.

Observei que as palavras têm poder mesmo e elas movem o mundo. Além de tudo, as palavras bem-ditas ou mal-ditas atravessam o tempo. Mesmo após a morte, as palavras retumbam em nossas mentes. Nós somos bons e maus exemplos.

O pai foi um bom exemplo de trabalho e esforço. Era também bastante crítico, mas acho que o importante é saber que “Sei que minhas qualidades cobrem meus defeitos...”

João da Silva Duarte

Figura 25: Aurélio, Geane e João.



João é o irmão caçula da turma toda. Ele mora em Joinville/SC e é empresário. Casou-se com Geane Rosa em 10 de junho de 1991 e tem um filho: Aurélio Vinicius. Sempre foi esforçado e estudioso, é vinculado a estudos logosóficos desde cedo, bom intelectual e extremamente solidário com os irmãos.

CAPÍTULO 4

Família de Maria da Silva Duarte (Rinaldi)

*Mônica Rinaldi
Elisangeli Rinaldi Margheti*

Sou Maria da Silva Duarte, filha do casal Liriano Duarte e Flora da Silva Duarte e nascida em 19 de abril de 1927, no Dia dos Povos Indígenas, como tenho gosto de dizer, pois são nossos antepassados.

Meus pais, Flora e Liriano, já tinham como filhos mais velhos Marta e Santos quando nasci. À época morávamos na comunidade de Rio das Furnas, localizada no interior de Orleans. Tempos difíceis, pois a ciência se concentrava nos grandes centros urbanos e os menos favorecidos sobreviviam das lavouras, dependendo do clima preocupante que muitas vezes devastava todo o alimento cultivado, deixando miséria e fome.

Fui crescendo, vieram outros irmãos mais novos e eu, sempre preocupada com a família, aos meus 15 anos fui morar na cidade Braço do Norte, por intermédio da minha madrinha. Lá aprendi a costurar e trabalhei com as irmãs freiras do hospital da cidade. Tive uma bela experiência, mas, vendo a dificuldade dos meus pais em sustentar a família, senti-me obrigada a voltar com o aprendizado e contribuir com a renda costurando durante o dia e por muitas noites, conseguindo auxiliar no sustento da casa, já que a saúde de meu pai Liriano não era boa.

No início da década de 1950, em busca de melhores condições, mudamos para a comunidade de Rio Hipólito, ainda na cidade de Orleans. Minha irmã Marta já morava lá. Adquirimos uma terrinha no Voador, e aí recomeçamos com esperança e muita fé, coisa que nunca faltou. A participação religiosa sempre foi a base da nossa família, confiamos em Deus ecreditamos que tudo ficaria bem. Inúmeras viagens entre Rio das Furnas, Braço do Norte, Centro de Orleans e Rio Hipólito feitas a pé foram realizadas, enfrentando as estações extremas em busca de dias melhores. Meu Deus, quanta dificuldade, mas cada um leva o que é em sua bagagem.

Já em Rio Hipólito trabalhamos com toda garra e fé, fui bem recebida pela comunidade com meu trabalho e participei da comunidade católica. Me conheciam por Maria e por Cotinha, apelido que ficou conhecido entre os membros do coral da comunidade. Me destaquei com as lideranças pela simpatia atraente que eu possuía. Naquela época a comunidade de Rio Hipólito era farta de juventude e logo entrei para o coral, pois sempre gostei de cantar. Cantando no coral fiz muitos laços, atraí olhares e atraída fui por um jovem alto, magro e de lindos olhos azuis. Seu nome era Domingos Rinaldi. Com fama de paquerador, pensei: “Vou tentar, por que não?!” E, vencendo a grande concorrência, iniciamos um namoro que duraria dois anos. Em 18 de outubro de 1952, dia de muita chuva, aconteceu nosso casamento. Saímos a cavalo do Rio Hipólito até o centro da cidade de Orleans, onde aconteceu a cerimônia, e em seguida retornamos para a comunidade. Agora com meu nome alterado para Maria Duarte Rinaldi, moramos na casa da família Rinaldi com minha sogra,

cunhados/as casados/as e solteiros/as, todos trabalhando na lavoura. Tempos difíceis.

Passou quase um ano, mas no dia 28 de agosto de 1953 nasceu a primogênita, que logo após um parto complicado e batizada às pressas, por Maria, veio a falecer. A ansiedade e a alegria dessa espera deram lugar à tristeza, à frustração por não podervê-la crescer, Deus a levou. Oh céus, quanta dor para nós. Um jovem casal tendo que enterrar uma filha, que há setenta anos seus ossinhos dormem no cemitério antigo da comunidade de Rio Hipólito. No meu coração há um vazio, mesmo Deus me presenteando com outros filhos, cada um é único. Nossa fé foi o suporte regado à esperança no Deus da vida, que logo voltou a florir.

Eu e Domingos nos mudamos para a comunidade vizinha, chamada de Boa Vista, para trabalhar nas terras do Irineu Bratti, amigo da família, próximo aos Mazzeto. Trabalhei na roça e conciliava com a costura. Domingos juntou-se a um grupo de homens do Rio Hipólito para irem ao Rio Grande do Sul em busca de renda nas lavouras gaúchas. Quanta saudade! O contato com ele era difícil, e mesmo estando sozinha e gestando nosso segundo filho enfrentei o trabalho e as dúvidas camufladas com a certeza de que Deus estava nos acompanhando. Com muita coragem venci a solidão e Domingos retornou bem, e no dia 8 de novembro de 1954 nasceu um menino. Agradecidos pelas vitórias recebidas, batizamos com o nome de Geraldo, em honra ao santo de mesmo nome, poderoso. Oh, quanta alegria, a vida floriu!

Com muito esforço e algumas economias, adquirimos terras em Rio Hipólito da família Rinaldi e retornamos para a nossa própria casa, mais perto dos nossos familiares.

Eu e Domingos trabalhávamos na lavoura durante o dia e à noite eu costurava. Mas a vida em comunidade, a presença nos terços e a nossa fé se faziam presentes a cada dia.

No ano de 1956, na data de 30 de abril, nasceu nossa terceira filha, uma menina. Quanta alegria, e, lembrando as inúmeras vezes que cantei o Canto de Verônica enxugando o rosto de Jesus no caminho da cruz, batizamos a bebê com nome de Verônica.

Já no dia 5 de fevereiro do ano de 1958 nasce mais uma bela menina, batizamos ela com o nome de Justina, em honra a Santa Justina protetora. Já com a casa cheia de vida, trabalho e muita alegria, fomos continuando até que no dia 30 de maio do próximo ano nasce a quinta filha, agora batizada como Eliza. Esse nome foi escolhido pois tenho uma irmã com o mesmo nome que se tornou a madrinha da bebê.

Estávamos muito gratos a Deus pela linda família que estávamos formando, mas precisávamos de mais meninos, pois colhíamos todo nosso alimento e ainda vendíamos a sobra pra termos alguma renda para outras necessidades, como vestimenta e saúde.

As famílias naquela época se reuniam em celebrações religiosas, como festas dos padroeiros das comunidades e festividades católicas, pois o lazer era somente em casa com as crianças. Em meados do ano de 1961, no dia 27 de junho, nasce um menino. Que alegria! Foi batizado como Moisés, grande santo bíblico. Quase dois anos se passaram e nasceu o sétimo filho, também menino. Dessa vez, batizado com o nome de Antônio, escolhido por ter nascido em um domingo de festividades na nossa comunidade que tem como padroeiro Santo Antônio.

Esse ano marcaria minha vida. Além do nascimento desse filho, ocorreu a morte de meu pai Liriano. No dia 1º de setembro ele veio a falecer subitamente enquanto conversava na Bodega dos Orbens, localizada em Rio Hipólito.

Oh, céus! Que surpresa inevitável, pois sua saúde já era frágil há anos. Deixou minha mãe, Flora, viúva e precisando da atenção dos seus filhos, pois tinha seu filho caçula Juca, que a preocupava bastante, mas com fé em Deus a vida continuou.

No ano de 1965, no dia 8 de agosto, nasceu o quinto menino, batizado de Roque em homenagem ao santo padroeiro da comunidade vizinha, Boa Vista.

Já no dia 16 de junho de 1968 nasce nossa nona filha, batizada de Joanita, em homenagem à sua madrinha Joana, minha irmã.

Esses nove filhos vieram ao mundo por parto normal em casa, comum naquela época. Esses partos foram auxiliados pelas parteiras, pela avó Rosa Rinaldi e pela minha mãe Flora.

Eu com 43 anos, no dia 24 de março de 1970, tive meu último parto no hospital com auxílio médico. Nasceu uma menina. A escolha do seu nome se deu também com a opinião dos seus irmãos mais velhos e foi batizada de Celina.

Nos primeiros dezoito anos de matrimônio nasceram nossos dez filhos, frutos do amor, do companheirismo, do trabalho e da fé.

Os dez filhos, conforme iam crescendo, freqüentaram a Escola Isolada de Arroio dos Bugres, localizada na mesma comunidade em que residíamos, com o professor Dionisio Viero Possato. A rotina das crianças era

dividida entre frequentar a escola pela manhã e à tarde auxiliar os pais nos afazeres da lavoura.

Os sacramentos eram realizados na comunidade da qual a gente também fazia parte, como a celebração dos terços, catequeses e até velórios, pois o Pe. Santos Spricigo era o único da paróquia e, com todos os nascimentos e as dificuldades de locomoção, ficava impossível a presença dele.

Tive a felicidade de contribuir para os cuidados da minha mãe Flora em sua velhice, pois morou comigo por alguns anos enquanto residíamos em Rio Hipólito. Depois ela foi para a casa de outros filhos até sua partida, deixando-me um exemplo de fé, trabalho e muito amor.

O tempo passou rápido, Domingos e eu chegamos aos vinte e cinco anos de casados e celebramos Bodas de Prata na igreja do Rio Hipólito, uma linda celebração presidida pelo Pe. Santos Spricigo, rodeados pelos filhos, parentes e amigos. Foi uma benção que, agradecida, rendeu mais vinte e cinco anos, chegamos aos cinquenta anos de casamento, uma vitória, aí sim, já com a família numerosa de filhos, genros, noras e netos, comemoramos novamente em Rio Hipólito nossas Bodas de Ouro, que benção!

Sou imensamente grata por Deus nos acompanhar nesses momentos felizes, e principalmente nos caminhos difíceis que passamos, pois se estou aqui hoje é pela providência divina que me fortaleceu na caminhada, vivendo cada dia sobre o Seu olhar e agradecendo a Deus pela vida da minha família, pois onde cada um estiver será serrado um galho da minha árvore, onde a raiz sou eu, envelhecida, mas forte na fé e rezando para que todos sejam felizes até as próximas gerações.

A comunidade do Rio Hipólito, na cidade Orleans, foi o berço da minha família, até os filhos crescerem e formarem as suas próprias famílias, e ficamos nós: eu, Moisés e Domingos. Com a idade chegando, alguns cuidados com a saúde de Domingos foram exigindo mais empenho, como a cirurgia cardíaca e colocação do marca-passo. Assim, fez-se necessária a nossa mudança para mais perto do centro da cidade, na comunidade do Rio Novo, ainda no interior de Orleans. Já no ano de 2004 foi preciso mais uma mudança, agora para a cidade de Joinville, onde se localizava toda a equipe médica de Domingos. Após anos de acompanhamento rotineiro com a equipe médica, com confiança na bondade infinita e muita fé em Deus, retornamos para a comunidade do Rio Novo (Orleans), agora por mais alguns anos, até que no dia 1º de março de 2010 Domingos partiu para a casa de Deus. Ele nos deixou um exemplo de serenidade e paz.

Seguimos na nossa casa, eu e meu filho Moisés, até poucos anos atrás. Atualmente residimos em Lauro Muller.

Estou viva, louvando a Deus por estes 97 anos e vivendo cada dia como um presente Dele, pois sou grata por todos os dias, todas as alegrias e também todas as tristezas que enfrentei.

Os filhos

Agradeço a Deus pelos meus filhos, pois são bênçãos recebidas e frutos do que plantei nessa minha caminhada de 97 anos de vida, hoje vejo meu ramo desta árvore crescer fecunda e abençoada.

☒ Geraldo casou-se com Marlene Orbem, residem em Urussanga e me deram 4 netos: Elaine, Tania,

Rodrigo e Amanda. Destes netos, nasceram 4 bisnetos: Eloisa, Gustavo, Nícolas e Davi.

- ☒ Veronica casou-se com Aldo De Bona (*in memorian*), reside em Orleans e me deu 3 netos: Aldo, Cátia e Domingos. Destes netos, nasceram 7 bisnetos: Pedro, Maitê, Nicolas, Luigi e Rafael.
- ☒ Justina casou-se com José Guizoni (*in memorian*), residem em Joinville e me deram 3 netos: Vilson, Patrícia e Rafael. Destes netos, nasceram 5 bisnetos: Natan, Claudio, Juliane, Kevin e Henrique.
- ☒ Eliza casou-se com Jair Margheti, residem em Rio Novo/Orleans e me deram 3 netos: Jaison, Jandir e Elizângela. Destes netos, nasceram 4 bisnetos: Jackson, Jarbas, Jackeline e Daniel.
- ☒ Moisés é solteiro e reside comigo atualmente na cidade de Lauro Muller.
- ☒ Antônio casou-se com Maria de Lourdes Margheti (*in memorian*), reside em Cantanhede/MA e me deu 4 netos: Antônio Marcos, Mônica, Débora e Adriano. Destes netos, nasceu 1 bisneta: Ravi.
- ☒ Roque casou-se com Margarida Albino, residem em Lauro Muller e me deram 3 netos: Suzana, Suzelei e Renan. Destes netos, nasceram 2 bisnetos: Manuela e Vinícius.
- ☒ Joanita casou-se com José de Bona, residem em Rio Hipólito/Orleans e me deram 3 netos: Jônate, Julite e Alisson. Destes netos, nasceram 2 bisnetos: Artur e Heitor.
- ☒ Celina casou-se com Paulo Esteche, residem em Florianópolis e me deram 2 netos: Cainã e Flora.

Agradeço a Deus por cada um deles, saúde e paz!

CAPÍTULO 5

Família de Antônio da Silva Duarte (Nico)

Zenilda Possato Duarte
Cristina Possato Duarte

Antônio da Silva Duarte é o quinto dos dez filhos do casal Liriano Duarte e Flora Joana da Silva Duarte. Nasceu em 28 de dezembro de 1930, na comunidade de Rio das Furnas, município de Orleans, estado de Santa Catarina. É descendente de portugueses oriundos dos Açores. A família praticante da religião católica participava ativamente das atividades religiosas da comunidade.

Filho de pequenos agricultores, Antônio, assim como seus irmãos, aprendeu cedo a dureza do trabalho braçal para ajudar a trazer o sustento para a família. Eram cultivados, principalmente, mandioca, batata, arroz e milho, que eram a base da alimentação. O baixo conhecimento de técnicas de plantio e adubação, as sementes de má qualidade e o terreno pedregoso eram fatores que influenciavam na baixa produtividade. Criavam, também, algumas vacas que forneciam o leite e outras poucas cabeças de gado que serviam para abate. Além disso, criavam galinhas e porcos para consumo próprio. Não havia luz elétrica. Utilizavam lampiões de querosene para amenizar a escuridão. A carne, utilizada para alimentar a família, era salgada e seca ao sol (charque) e posteriormente guardada em recipientes com banha de porco.

Família numerosa, pobreza e escassez de alimentos eram desafios que precisavam ser enfrentados a todo custo. Antônio começou a frequentar a Escola Primária da comunidade com 8 anos de idade. Cursou somente até a 4^a série, pois para continuar os estudos teria que se deslocar até a sede do município de Orleans, distante vinte quilômetros de Rio das Furnas, e os únicos meios de transporte possíveis para eles era a cavalo ou a pé.

Antônio relata que o ensino era bom, com professores severos, principalmente, porque ainda eram tempos da Segunda Guerra Mundial. Ele conta que foi atingido brutalmente em suas costas, com uma espécie de cabo de vassoura, porque foi flagrado pelo professor lendo livros de italiano e alemão, mesmo sendo fora do horário de aula. Os livros foram deixados na escola por um professor que já não estava mais lecionando ali. O professor substituto, seguidor das ordens do governo da época, não permitia a leitura ou a propagação dos idiomas italiano, alemão ou japonês, pois eram proibidos nesse período.

Seguidamente surgiam histórias de pessoas que eram punidas por falarem uma das três línguas citadas ou por fazerem comentários que pudessem ser entendidos como subversivos. Antônio conta que soube de pessoas que eram obrigadas a tomar um litro de óleo de rícino, laxante muito forte, que deixava o sujeito debilitado por mais de trinta dias, correndo, inclusive, risco de morte.

Depois dos quatro anos de Escola Primária, Antônio passou a estudar sozinho, em casa, tornando-se um “autodidata”, como ele mesmo se intitula. A dificuldade para conseguir cadernos ou livros era muito grande. Muitas vezes ele e seus irmãos usavam uma vareta qual-

quer para desenhar, escrever ou fazer contas no chão de terra. Sempre que possível, pegavam emprestados livros da escola e liam tudo o que aparecia. Quando sobrava um dinheirinho, Antônio comprava livros de diversas áreas, como línguas e até de medicina.

Com 12 anos de idade, foi trabalhar como marceneiro com o Sr. Martim Stopassoli, morador daquela localidade. Aprendeu a lidar com a madeira, serrando,plainando e construindo móveis, galpões e casas, porém o trabalho era “pingado”, não contínuo. Assim, foi intercalando entre lavoura, carpintaria, montagem de moinho e tudo o que fosse aparecendo. Aprendia de tudo um pouco, e na maioria das vezes sozinho, errando e acertando.

Com o passar dos anos, e já com mais experiência, Antônio era frequentemente chamado para trabalhar fora da localidade em que vivia na montagem de moinhos e serrarias.

Figura 1: Foto tirada por volta de 1950. Liriano, Flora e seus filhos. Antônio é o primeiro, da direita para esquerda (em pé).



Antônio viveu em Rio das Furnas, com sua família, até os 20 anos de idade, quando, em 1950, resolveram

vender a terra e comprar outro pedaço na comunidade de Rio Hipólito, município de Orleans. Apenas um dos irmãos permaneceu em Rio das Furnas. Os outros, juntamente com os pais Liriano e Flora, mudaram-se para Rio Hipólito (comunidade do Rio Voador). Lá ele conheceu Lídia Possato, com quem se casou e teve seus onze filhos. Os dois se conheceram nas atividades religiosas da comunidade. Antônio começou a fazer parte do coral da igreja, no qual Lídia também cantava. A partir daí as conversas passaram a ser mais frequentes, porém nunca sozinhos, respeitando o costume e as ordens dos pais.

Lídia era a sexta filha de Primo Possato e Amábile Viero Possato e tinha dez irmãos. Ela nasceu em 22 de novembro de 1936, naquela mesma comunidade (Rio Hipólito), porém a casa da família ficava distante dois quilômetros da sede. Eram descendentes de italianos, trabalhavam na agricultura, principalmente com a produção de milho, feijão e arroz, e criavam galinhas e algumas vacas leiteiras que forneciam o leite para a fabricação de queijo, manteiga e nata.

Lídia foi para escola com 8 anos de idade e con-

Figura 2: Lídia, por volta dos 20 anos de idade.



ta que no início ela e seus irmãos faziam o trajeto a pé, debaixo de sol, chuva ou geada. Tinham que atravessar uma “pinguela” improvisada, na qual havia uma tábua que em dias de chuva ou geada ficava muito lisa, obrigando-os a tirarem os calçados dos pés para não escorregarem, pois sentiam que os pés descalços davam mais firmeza. Após os pés estarem molhados, continuavam o caminho descalços, no gelo ou no barro, para chegarem à escola e colocarem os sapatos ou chinelos.

Apesar das dificuldades, Lídia conta que gostava muito de estudar. Aprendeu a ler, escrever e fazer contas rapidamente. Quando seu irmão mais velho Dionísio Possato começou a lecionar, a comunidade se organizou e uma escola foi criada mais próximo da casa da família, diminuindo as dificuldades citadas anteriormente. Em razão dos tantos afazeres da casa e da lavoura, Lídia teve que abandonar os estudos, ainda na 3^a série primária. Além da necessidade de ajudar em casa, havia também a desvalorização do estudo, principalmente para as mulheres, pois na mentalidade da época a mulher precisava aprender a lidar com a casa, cozinhar e costurar para ser boa esposa e mãe.

Enfim, a vida foi seguindo seu curso, e, após conhecer Antônio, os dois namoraram por aproximadamente um ano e casaram-se no dia 14 de junho de 1954, na igreja de Rio Hipólito. Ele com 24 anos de idade e ela, agora Lídia Possato Duarte, com 18 anos, passaram a morar com a família de Antônio. Ela conta que foram tempos difíceis, família grande, terras que já não produziam o suficiente para manter a família por muito tempo. Antônio continuava com seu trabalho, montando serrarias e moinhos aqui e ali, até que foi chamado para ajudar na instalação de uma usina hidrelétrica no

estado do Rio Grande do Sul, precisando ficar afastado da família por aproximadamente três meses.

Em 16 de julho de 1955 nasceu Felício Possato Duarte, o primeiro filho do casal, ainda na comunidade de Rio Hipólito, porém, agora, Antônio, Lídia e o filho já moravam sozinhos, em outro pedaço de terra que puderam comprar. Em 14 de julho de 1956 nasceu a segunda filha, Maria Possato Duarte, e em 21 de novembro de 1957 nasceu Mário Possato Duarte, o terceiro da família, na mesma comunidade de Rio Hipólito.

De acordo com o relato de Antônio, nas décadas de 1940 a 1960 a terra não era valorizada. Facilmente as propriedades eram vendidas e os agricultores partiam de um local para outro. Não havia o conhecimento necessário para realizar a preparação e o manejo do solo, o que, consequentemente, baixava a produção agrícola. O mesmo ocorria com a criação de animais, que na maioria das vezes era de raça ruim. Quando muito, conseguiam manter algumas vacas leiteiras, porcos e galinhas.

Devido às dificuldades vivenciadas em Santa Catarina, e incentivados por Hermínio Paladini, casado com Marta da Silva Duarte, irmã de Antônio, em 1958 Antônio, Lídia e família resolveram aventurar-se para o Sudoeste do estado do Paraná, mais precisamente para a comunidade de Ouro Verde do Iguaçu, localizada no então município de Francisco Beltrão, às margens do Rio Iguaçu. Hermínio morava também em Rio Hipólito, mas já conhecia o Sudoeste do Paraná e, empolgado com a quantidade de terras férteis e água em abundância, convenceu sua esposa, Antônio e Lídia de que esse seria o local ideal para as duas famílias viverem. Ali poderiam plantar e montar moinhos e serrarias.

Antônio conta que, antes de ir, queria ter certeza de que seria um lugar de fácil acesso à escola para os filhos, porque essa sempre foi sua maior preocupação.

Foram oito longos dias de viagem de Rio Hipólito até o desconhecido Paraná, em cima de um caminhão, no qual as famílias levaram apenas o necessário para iniciar a nova vida. Metade da carroceria do caminhão foi ocupada com sacos de polvilho que foram produzidos por Hermínio e Marta. Na outra metade ficaram as duas famílias, além de roupas e outros pertences. Levaram, ainda, uma cômoda de madeira fabricada por Antônio, a qual ainda hoje é utilizada.

Lídia conta que, para se alimentarem, levaram farofa de carne com farinha de mandioca, e, quando podiam fazer alguma parada no caminho, Antônio e Hermínio iam comprar pão para alimentar os familiares. Apesar da dificuldade e do cansaço, esse era um momento de festa, principalmente para as crianças, que não estavam acostumadas com o pão de padaria. Felício estava com 3 anos, Maria com 2 anos e Mário com apenas 6 meses de idade naquela ocasião.

Chegando em Ouro Verde, o caminhão parou no moinho da família Buratti. Descarregaram tudo ali e aguardaram por mais ou menos cinco dias para depois seguirem a pé, pela mata, até chegarem ao local onde se instalaram. Antônio comprou uma gleba de terras e Hermínio outra. O preço das terras era baixo, se comparado com os valores atuais. Nos primeiros dias se abrigaram como puderam, até construírem uma casa de madeira, a qual tinha a parte dos quartos com assoalho de madeira e a cozinha era de chão batido.

Ouro Verde do Iguaçu era uma comunidade onde viviam aproximadamente quinze famílias naquela época.

ca. Maria e Felício, filhos mais velhos do casal, contam que, apesar da pouca idade, lembram que havia um hotel, cujo dono era Primo Topanotti, e um comércio, grande para a época, aonde eles iam, de vez em quando, buscar mantimentos. As estradas eram de chão batido e em dias de chuva ficavam lamaçentas e escorregadias. Quando precisavam comprar coisas que não havia em Ouro Verde, deslocavam-se por seis quilômetros até a comunidade mais próxima, que era Boa Esperança do Iguaçu, a pé. Mesmo assim, a facilidade de locomoção e o acesso a alimentos era maior que em Santa Catarina. Ali, Antônio colocou para funcionar a serraria do Sr. Salvador Acordi e Chico Buratti, a qual estava parada por falta de reparos. Ao mesmo tempo em que refazia a serraria, ele fabricava móveis de madeira. Enquanto isso, Lídia, com seus três filhos, cultivava milho, feijão, mandioca e batata doce. Foi com o plantio e a venda de um pouco de feijão que Lídia conseguiu comprar sua máquina de costura, muito importante para fazer e consertar as roupas da família. Nos finais de semana, Antônio aproveitava para pescar no Rio Iguaçu, garantindo a carne para as refeições. Como não havia luz elétrica, os peixes e as outras carnes eram conservados como charque, da mesma forma que faziam em Santa Catarina.

Na comunidade havia uma Escola Primária, administrada pelo município de Francisco Beltrão. Devido à distância e à dificuldade de conseguir professor para lecionar na escola, Antônio aceitou o desafio de trabalhar com os alunos por três meses, até que viesse alguém de fora, contratado pelo município. Ele conta que recebeu salário para isso e que, se não o fizesse, o risco de perderem a escola era grande.

Os meses foram passando e no dia 15 de março de 1959 nasceu a quarta filha, a qual chamaram de Inês Possato Duarte.

A família residiu em Ouro Verde por aproximadamente dois anos, até que, ainda em 1959, Antônio recebeu a proposta de morar em Boa Esperança do Iguaçu, comunidade que também pertencia ao município de Francisco Beltrão. O convite foi feito pelo Sr. José Zanolla. Em Boa Esperança, a primeira residência da família Possato Duarte foi em alguns cômodos, anexos à primeira serraria em que Antônio trabalhou. Ali nesse espaço nasceu Geraldo Possato Duarte, o quinto filho, no dia 4 de maio de 1961. Algum tempo depois, Antônio construiu uma casa grande, de madeira, para abrigar sua família.

Por aproximadamente quatorze anos, Antônio trabalhou em serrarias e moinhos, juntamente com José Zanolla, Fioravante Rufatto e Pedro Montagna, ora prestando serviço, ora como sócio. Durante o período de parceria com Pedro Montagna, mantiveram a atividade de um moinho de pedra movido à roda d'água, sendo que a principal forma de atendimento aos clientes usuários do moinho era no sistema chamado de troca-troca. Os clientes traziam seus produtos em grãos, como milho, trigo e arroz, e o resultado do peso de cada produto era revertido em produto pronto, industrializado. Os dois também criavam e engordavam porcos, utilizando como alimento principal o que era produzido no moinho. O resultado financeiro da venda desses animais era dividido proporcionalmente entre os parceiros Antônio e Pedro. Todas essas atividades eram exercidas tanto pelos sócios como pelos seus filhos. O moinho mantinha uma produção regular diuturnamente.

Figura 3: Antônio da Silva Duarte, com 37 anos de idade.



Mais tarde, o Sr. José Zanolla propôs sociedade para Antônio e Pedro, mudando a escala de produção do moinho, que era mais restrita aos clientes da comunidade, passando para escala comercial, com o objetivo de atingir os mercados regulares da região. José Zanolla disponibilizou para essa nova modalidade sua área construída, onde funcionava uma serraria na qual Antônio também trabalhava.

Depois do acordo de sociedade, Antônio fez algumas adequações na serraria, onde foi possível adquirir uma Turbina Francis com controle automático de vazão da água, construindo uma câmara de carga (Castelo) toda em madeira e um duto forçado também em madeira. Essa construção de câmara de carga e duto forçado, abertura de canal de desvio da água, estrutura em madeira de canal elevado, ligando a câmara de carga, bem como a própria instalação de todo o empreendimento, foi desenvolvida por Antônio. Para a época, com escassos recursos e aparelhos adequados, ele conseguiu demonstrar seu conhecimento de matemática, hidráu-

lica, física, etc., utilizando-se de apenas metro, nível de mão, esquadro e outros equipamentos, e, de forma meio que rudimentar, realizou uma grande obra que nos dias atuais, com toda a tecnologia, se fossem usados os mesmos materiais, seria encarada como obra de difícil execução. Para citar como exemplo, o conduto forçado foi feito todo em madeira aplainada, de espessura em torno de 2,0 x 3,5 x 6,0 cm, com raio de saída do castelo em torno de 60 cm e chegando à turbina em torno de 35 cm. Cada peça de madeira era trabalhada somente à mão, utilizando-se de plainas, serra fita, etc., sendo feitos os descontos em toda sua extensão para adequar os raios conforme descrito acima. O canal de desvio do Rio Mico teve sua captação um pouco acima de onde é atualmente o pátio de máquinas da prefeitura de Boa Esperança do Iguaçu. Nesse local existia um barramento feito em pedras colocadas uma sobre as outras, entre as margens do rio. Desse ponto, pela distância de mais ou menos 1.200 metros, foi-se abrindo o canal de desvio de forma manual, utilizando-se de nível e outras ferramentas rudimentares, como pás, enxadas, machados, com desnível aproximado de 0,01%, possibilitando que a água fosse deslocada lentamente até a câmara de carga.

Depois de prontas todas essas estruturas, o local serviu para gerar energia elétrica para a comunidade, mais especificamente durante a noite, os domingos e os feriados. No restante do tempo a energia era destinada para o moinho e, algumas vezes, para a serraria que fazia parte do conjunto.

Mais adiante, eles adquiriram em Ijuí/RS um conjunto de moinhos de três cilindros. Era uma máquina mais moderna que possibilitou maior produção e mais qualidade para atender o mercado consumidor.

O objetivo, desde o início, era vender os produtos diretamente aos mercados locais e até regionais, porém isso ocorreu por pouco tempo e para poucas empresas, pois faltava alguém que tivesse conhecimento nessa logística. O novo empreendimento não perdurou por muito tempo, uma vez que as expectativas não foram atingidas. Isso fez com que a sociedade fosse desfeita no ano de 1973.

Foi nesse período que Lídia fez grande amizade com Elisa Montagna e Lídia Zanolla, esposas do Sr. José Zanolla e de Pedro Montagna. Uma auxiliava a outra sempre que precisavam. Mais tarde as três famílias se revezaram no apadrinhamento dos filhos.

Juntando as economias que guardava, Antônio conseguiu comprar onze lotes urbanos em Boa Esperança. Continuou trabalhando, e agora cada vez mais, porque sempre que podia saia para montar outras serrarias ou moinhos nas redondezas.

Em meio a todo esse trabalho, Antônio reformou, ainda, a serraria que pertencia a Fioravante Rufatto e, em troca do serviço, recebeu um sítio de cinco alqueires, o qual ficava nas redondezas.

E a família não parava de crescer. Em 23 de agosto de 1962 nasceu Cláudio, que por erro do cartorário foi registrado como Cláudio da Silva Duarte. Depois seguiram os nascimentos de Iraci Possato Duarte, em 12 de fevereiro de 1964, Vilmar Possato Duarte, em 2 de fevereiro de 1966, Zenilda Possato Duarte, em 8 de setembro de 1967, Ivonete Possato Duarte, em 13 de março de 1971 e Cristina Possato Duarte, em 9 de março de 1973. Lídia engravidou novamente algum tempo depois, porém, infelizmente, o feto sofreu um aborto espontâneo.

Em 1960, com a emancipação de Dois Vizinhos, Boa Esperança do Iguaçu deixou de pertencer a Francisco Beltrão e passou à categoria de distrito de Dois Vizinhos.

Até o ano de 1969 só havia Escola Primária em Boa Esperança do Iguaçu. Por esse motivo, Felício e Maria tinham que se deslocar até Dois Vizinhos, que ficava a vinte e três quilômetros de distância, para cursarem o chamado “Curso Ginásial” e posteriormente o 2º grau. Em 1973 foi criada a Escola Ginásial, de forma gradativa, em Boa Esperança do Iguaçu e em 1985 criou-se o Ensino Médio.

Em 1973, Antônio aceitou a proposta de nova sociedade na empresa Comercial Boa Esperança, que, além do posto de combustível, comercializava também secos e molhados, tecidos, cereais e compra e venda de porcos. Essa empresa pertencia a outros três moradores do distrito. Para tornar-se sócio, Antônio deu o sítio de cinco alqueires, o qual ficava próximo a Boa Esperança.

Desde a chegada da família em Boa Esperança, Antônio e Lídia tiveram participação ativa nas atividades da igreja católica local, participando de coral e equipes litúrgicas. Antônio construiu um lindo altar e um sacrário em madeira envernizada, os quais foram usados por muitos anos na igreja, além de ter assumido a função de Ministro da Eucaristia por aproximadamente onze anos.

Até 1980, a sociedade na Comercial Boa Esperança foi mantida, sendo que durante esses anos Felício, Maria e Mário trabalharam na empresa. Depois disso, com o fim da sociedade, Antônio ficou com o posto de combustível, como parte da divisão dos bens da empresa. O referido posto passou a se chamar Posto Veneza, nome escolhido por Antônio em homenagem à cidade italiana.

na. Daquele ano até os dias de hoje, o Posto Veneza foi e continua sendo a principal fonte de trabalho e renda para Antônio, que passou a dedicar-se integralmente a esse serviço.

Boa Esperança do Iguaçu desmembrou-se de Dois Vizinhos em 1990, e Antônio teve participação especial nesse fato, pois lançou a ideia de emancipação em uma reunião realizada na escola de Boa Esperança. Em 1993, assumia o primeiro mandato do novo município o Sr. Zelino Thomazi, juntamente com seu vice-prefeito, Sr. Antônio da Silva Duarte.

Entre tantos acontecimentos importantes que marcaram a vida do casal Antônio e Lídia, destaca-se a viagem que fizeram à Itália no ano de 2012. Conhecer esse país era um sonho de Antônio, pois queria ver de perto tantas coisas que havia lido em livros sobre história, literatura e arte. Os dois voltaram de lá maravilhados e até hoje, principalmente Antônio, não se cansam de contar sobre os lugares que visitaram. Lídia, por sua vez, não esquece da beleza das flores que viu por lá.

Figura 4: Itália, em maio de 2012.



Figura 5: Itália, em maio de 2012.



A vida foi seguindo seu curso, os filhos cresceram, estudaram, encontraram novos rumos e formaram suas famílias. Hoje, dos onze filhos, apenas Mário e Ivonete permanecem em Boa Esperança do Iguaçu, além de Antônio e Lídia. É claro que os dois já decidiram que irão ficar por lá até quando Deus permitir.

Figura 6: Sessenta anos de casamento de Antônio e Lídia, em junho de 2014.



Daquele namoro tímido que iniciou lá em Santa Catarina, hoje, Antônio e Lídia contam com uma família de 11 filhos, 26 netos, 25 bisnetos e 1 trineto.

Figura 7: Antônio, Lídia e filhos. Sentados, da esquerda para a direita: Maria, Felicio, Antônio, Lídia, Mário, Inês. Em pé, da esquerda para a direita: Geraldo, Cláudio, Iraci, Vilmar, Zenilda, Ivonete e Cristina. Foto tirada em junho de 2014.



Figura 8: Netos de Antônio e Lídia. Foto tirada por ocasião das Bodas de Ouro, em junho de 2004.



Figura 9: Netos de Antônio e Lídia, em junho de 2014.



Figura 10: Nove dos vinte e cinco bisnetos, em junho de 2014.



Figura 11: Trineto Caio, em novembro de 2023.



Uma bela história construída por esse casal. História de muitas lutas e de muita fé. Exemplos de dignidade e generosidade que, com certeza, serão seguidos pelas próximas gerações da família Possato Duarte.

“O conhecimento e a tomada de consciência são os responsáveis pelo progresso. Por meio deles as dificuldades serão vencidas.”

Antônio da Silva Duarte

CAPÍTULO 6

Família de Ana da Silva Duarte (Canever)

Mario Duarte Canever
Maria Duarte Canever

Figura 1: Ana no dia da formatura no Ginásio, 1960.



Anossa mãe nasceu no dia 1º de outubro de 1933 na localidade do Rio das Furnas, sendo a quinta de nove filhos dos *nonnos* Leriano e Flora. Ela viveu em Rio das Furnas até os 14 anos, quando se mudou com a família para a localidade do Rio Voador (Rio Hipólito). Em Rio das Furnas ficaram muitas lembranças de amigos e colegas da escola e de adolescência. Dizia ela que na escola era um pouco “malvada”, mas muito boa aluna. Logo cedo, ainda na época da escola, nossa mãe trabalhou em casa de família cuidando de crianças, lavando roupas e limpando a casa de amigas

de nossa *nonna*. Claro, o objetivo da *nonna* Flora era ocupar os filhos com atividades produtivas, o que era importante para promover boa educação, mas também para ajudar no sustento da família, que era grande e bem pobre.

Nossa mãe tinha muitas recordações dessa fase e sempre falava das primas e parentes que residiam nas cercanias de Braço do Norte. Lembrava-se das muitas viagens que os pais e irmãos fizeram a pé para visitar os tios e avós em Rio Pequeno, no Pinheiral e em Armazém. Contava também das vezes que iam às festas em Braço do Norte e São Ludgero. Já quando velhinha, nossa mãe sempre queria visitar parentes, geralmente irmãs e primas. Gostava muito de ir a Braço do Norte visitar primas e parentes que restavam dos tempos de criança, coisa de que nosso pai nem sempre gostava!

Foi no ano de 1947 que os Duartes se mudaram para o Rio Voador. Atualmente, o local é ermo, mas à época era muito populado por agricultores familiares que tinham famílias numerosas e compostas por muitos jovens. Como em Rio Voador não havia igreja o centro atrator dos jovens era a comunidade do Rio Hipólito. Foi nessa comunidade que a jovem Ana participou das atividades da comunidade, junto com suas irmãs e seus irmãos. A *nonna* era muito religiosa, e o *nonno* também. Nossa mãe relatava que, em razão de nosso *nonno* sofrer de algum tipo de distúrbio mental (possivelmente esquizofrenia), às vezes ele falava na igreja ou “variava” (termo usado na época para expressar que alguém falava coisas sem sentido, ou distorcidas, ou que se manifestava dizendo ter poderes divinos), o que era motivo para certos constrangimentos para os filhos.

Figura 2: Moças do Rio Hipólito (Ana, última da direita em pé).



Com cerca de 24 anos, resolveu sair de casa para estudar! Primeiramente, trabalhou no hospital de Braço do Norte sob a coordenação das irmãs do instituto Coração de Jesus. Posteriormente, viveu mais um ano interna no colégio das irmãs na comunidade da Represa, também em Braço do Norte. A intenção de nossa mãe era testar se tinha “vocação” para a vida religiosa, mas a Madre Superior via na mãe uma mulher muito trabalhadora, fisicamente forte, mas não detentora das habilidades para seguir a disciplina germânica da vida religiosa de onde a congregação era oriunda.

Depois dessa fase, foi morar em Orleans. Ali trabalhou na casa da família de uma senhora cujo nome correto não lembramos, apenas sabemos que nossa mãe a chamava de “Rosa Forte”. A mãe era alguém jovem acostumada ao trabalho e tinha força. Ficou nessa casa por dois anos até terminar o 2º ano do Ginasial, hoje 6º ano, quando foi morar em Tubarão/SC. Lá morou por mais dois anos até terminar o ginasial no hotel da família do Sr. Lavinio Tizon e de Noêmia Schilickmann.

A mãe de Lavinio era a senhora Antônia, a qual era vizinha e comadre da *nonna* quando moravam em Rio das Furnas. A mãe trabalhou na limpeza do hotel, no restaurante e na lavanderia. Nossa mãe era muito grata à família do Sr. Antônio e da Sra. Noemias, pois a acolheram e deram todo o suporte que ela precisou para terminar o curso Ginasial.

Figura 3: A jovem Ana (primeira metade dos anos 1960).



Em 1960 nossa mãe já havia terminado o curso que a habilitava a ser professora. Naquela época as professoras nas comunidades rurais não eram “estudadas”, tinham somente a prática docente, só que o governo tinha como política a “profissionalização” dos docentes. Nossa mãe se formou nesse momento e logo teve chance de se colocar no mercado de trabalho, mas a vaga que obteve foi na vila de Santa Izabel, a qual distanciava do município sede, São Joaquim, na serra catarinense,

em trinta quilômetros. Em Santa Izabel permaneceu até 1964. Morou na casa da família do Sr. Paulo Fabre, cuja esposa era oriunda do Rio Laranjeiras da família Rezende. Fez muitas amizades com as famílias da comunidade. Além de alfabetizar os filhos de fazendeiros e trabalhadores das fazendas, também ensinou corte e costura para as filhas dos fazendeiros como forma de pagamento da pensão. Lá em Santa Izabel teve seu primeiro namorado de que temos conhecimento. Tratava-se de um moço chamado Jesuino! Ele era muito apaixonado por nossa mãe, mas ela voltou para a “Serra Abaixo” e ficou muito longe para Jesuino namorá-la. Enfim, nossa mãe terminou o namoro após ele tê-la visitado em Rio Voador. Na época, viajava-se a pé ou de carona em caminhões madeireiros que transportavam as toras de pinheiro. Nossa mãe, para ir a/retornar de Santa Izabel andava a pé do Rio Voador até a comunidade do Cabo Aéreo no município de Lauro Muller. Nesse local, que hoje já não existe, havia um equipamento para transportar as toras de madeira do topo da serra para a parte de baixo, de onde eram transportadas até o porto de Imbituba. Chegando na comunidade do Cabo Aéreo, nossa mãe colocava sua mala para ser transportada para o topo da serra nesse elevador e subia a serra a pé. Algumas vezes ela aproveitava a carona com os fazendeiros que desciam a serra de jipe para buscar ou trazer os filhos que estudavam no seminário em São Ludgero. Isso nos períodos de férias. Vinham pela Serra da Rocinha e levavam quase doze horas para chegar ao destino. Ela ficava em Orleans e dali subia a pé até Rio Voador. Nos últimos anos tinha a companhia de outras professoras que também foram lecionar em escolas reunidas dos municípios de São Joaquim. Na primeira vez que foi a Santa Izabel, teve a companhia do tio Joanim

(João), que a época era jovem e forte para ajudar no carregamento das malas.

Figura 4: Tio Joanim (ajudou Ana a fazer a primeira viagem até Santa Izabel).



De cima da serra até Santa Izabel ia-se de carona nos caminhões madeireiros. Ônibus ainda não existiam naquele trajeto. Claro, a outra opção era ir/vir a cavalo. Esse foi o caso de Jesuino quando foi visitar a mãe em Rio Voador. Numa ocasião, para visitar a família, ao invés de ir nos caminhões, nossa mãe optou por ir de ônibus até Bom Jesus/RS, descendo a Serra da Rocinha, que atualmente está localizada entre os municípios de São José dos Ausentes/RS e Timbé do Sul/SC. Levou dois dias para chegar em casa, pernoitando em Bom Jesus/RS e perfazendo uma distância de quase trezentos quilômetros. Claro, todo o trajeto, embora de ônibus, era em estrada de chão. Atualmente a distância de Santa Izabel a Rio Hipólito por rodovia asfaltada é de menos de cento e trinta quilômetros. Em linha quase reta para

aproveitar o trajeto feito por Jesuíno, a distância pelas fazendas e estradas vicinais existentes à época deveria ser de não mais de setenta quilômetros.

De Santa Izabel nossa mãe relatava lindas recordações, especialmente das moças da localidade, das amizades e da gentileza do povo serrano. Também relatava a dedicação que as famílias de fazendeiros tinham para com o estudo dos seus filhos. Por outro lado, comentava muito sobre as dificuldades das famílias de trabalhadores das fazendas, das dificuldades financeiras, da pobreza, do frio que passavam, das crianças maltrapilhas na escola.

Figura 5: Ana e estudantes (primeira metade dos anos 1960).



Enfim, passados quatro anos, nossa mãe retornou para “Serra Abaixo”. Consegiu uma vaga para lecionar na comunidade de Boa Vista, município de Orleans, a qual distava poucos quilômetros da residência de sua mãe (o *nonno* havia falecido em 1960), em Rio Voador. Inicialmente, morando com sua mãe, que na época tinha apenas o filho José (Juca) e a filha Joana solteiros, ia diariamente a cavalo até a escola na comunidade de Boa vista, mas, como havia dois rios para atravessar e as enchentes eram frequentes, optou por morar um tempo na casa da família do senhor Juvêncio Alexandre Coelho e da senhora Francisca Herculano, residentes

na comunidade de Boa Vista. Passado mais um tempo, nossa mãe comprou um terreno com uma “casinha” nessa mesma comunidade, a primeira morada da família Duarte Canever, logo após seu casamento com o nosso pai, Olívio, em 1966. Durante os anos de 1964 a 1966, ela teve a companhia da *nonna* Flora e da tia Joana nessa morada. O tio Juca às vezes ficava com elas em Boa Vista, mas saía com muita frequência, desde que tivesse dinheiro.

O tio Juca nessa época estava muito revoltado. Quando vinha visitar a *nonna*, podia se tornar agressivo e desobediente. A mãe contava que não raro ela o enfrentava, que corria riscos, mas não havia alternativas frente ao comportamento dele. Lembrando o leitor que o tio Juca, bem mais tarde, já quando se encontrava idoso, foi diagnosticado com um transtorno mental/comportamental que o acompanhou ao longo da sua existência.

Enfim, o tempo passou e os amores também. Nessa época nossa mãe namorou um rapaz da comunidade, o qual era muito prendado, mas tinha o vício do alcoolismo. Certo domingo, em um “suaré” (*soirée* – festa dançante) promovido na residência da família “Carrer”, a festa estava animada e um moço muito lindo, mas um tanto jovem, se aproximou e a convidou para dançar, já que o namorado não se encontrava em condições para tal. Daquele momento em diante sua vida se transformou, pois foi com esse homem que viveu cinquenta e cinco anos e teve cinco filhos.

O namoro iniciou no verão de 1965/1966 e perdurou até 23 de julho do mesmo ano, quando se casaram. Claro, antes da cerimônia em si nosso pai pediu nossa mãe em casamento, ocasião muito engraçada, pois

isso aconteceu na manhã do dia 23 de maio de 1966, Sexta-Feira Santa. Nesse dia Olívio entregou a aliança para a mãe. No domingo de Páscoa, o pai foi ao terço de Boa Vista e voltaram juntos para casa, mas a *nonna* e a tia Joana não sabiam que o pai iria almoçar com elas. Dado o alvoroço e um certo desespero pela eminente chegada do pai, o tio Juca, que naquele dia se encontrava em casa, antecipou-se, na ânsia de ajudar, e abateu uma galinha que estava na *caponera* (gaiola para prender galinhas em dialeto Vêneto). Mal sabia ele que a galinha que abateu estava choca! Ufa, agora só faltava a polenta! Mas pelo que soubemos não foi naquele dia que o pai comeu polenta na casa dos Duarte!

O casamento de Olívio e Ana ocorreu em Lauro Muller, na igreja matriz. Foram de manhã até a sede do município em dois jipes alugados (um da família Acordi, outro da familia Cesconetto) e lá, em cerimônia testemunhada pelos casais Antonio Coan e Marina Barzan Coan, Antonio Fabro e Graça Maria Fabro, Domingos Rinaldi e Maria Duarte Rinaldi e Adelino Rinaldi e Angelina Duarte Rinaldi, entregaram-se ao matrimônio. Como o pai era nativo da comunidade de Rio Capivaras Alto, retornaram logo após a cerimônia para casa e, depois do almoço, em torno das duas horas da tarde, os gaiteiros abriram o fole da gaita. Dançaram até às oito horas da manhã do dia seguinte, além de comerem e saborearem doces e biscoitos. Era uma noite muito linda, mas fria, e, como tinha chovido até a véspera do casamento, as estradas estavam muito ruins, o que obrigava os convidados a esperarem o dia clarear para irem embora. Os gaiteiros eram Angelino Cattâneo e Otavio Fontanella.

Figura 6: Ana e Olívio no dia do casamento, em 16 de julho de 1966.



Os nubentes saborearam a vida de recém-casados por um mês na casa da *nonna* Canever e retornaram para a comunidade de Boa Vista, onde a mãe era professora efetiva na escola. Nossa mãe comentava que a *nonna* Albina (mãe do pai) queria Olívio por perto, já que ele era o filho mais novo e quem dirigia a casa, mas nossa mãe foi convincente, insistindo que não queria morar muito longe da escola. Mais tarde ela comentou que o real motivo era o desejo de não morar com a sogra! A mãe era acostumada com descendentes de italianos e alemães, afinal tinha vivido em comunidades nas quais pessoas dessas etnias eram majoritárias. A mãe do pai era filha de italianos e tinha costumes muito fortes (nossa mãe dizia que ela era muito finória), especialmente em relação ao preparo da comida, das roupas, etc. Claro, a mãe era acostumada a fazer tudo, e não tinha tempo para perder.

Retornando para a casa na comunidade de Boa Vista, os noivos foram morar sozinhos, pois a outra *nonna* (a Flora), a tia Joana e o tio Juca tinham retornado

para Rio Voador. Ali, na própria casa, os recém-casados trabalharam muito, fizeram muitas lavouras e colheram safra cheia. Antes de completar o primeiro ano de casados tiveram a primeira filha, à qual deram o nome de Maria, nascida em 15 de maio de 1967. Ainda nesse primeiro ano de casamento, conseguiram uma vaga para a mãe lecionar na comunidade de Rio Capivaras Alto, município de Lauro Muller, local onde o pai foi criado. Lá compraram um pedaço de terra com uma casinha de madeira, onde nasceram os demais quatro filhos. Ao segundo filho deram o nome de Mario, o qual nasceu em 11 de agosto de 1968. Em seguida, em 20 de março de 1971, nasceu o José. Como nossos pais eram muito ocupados e já tinham três crianças, em 1969 a tia Joana veio morar conosco, permanecendo até 1974, quando casou com Bento Fontanella e foi morar no Paraná.

Figura 7: Ana, Olívio e os filhos
Mario e Maria, 1969.



Nessa época nossa mãe voltou a estudar. Ela iniciou o Normal de Férias (Ensino Médio) durante as férias de meio e de final de ano. Foram períodos de muitas dificuldades, pois o curso era presencial em Laguna, tendo ela que permanecer toda a semana fora de casa. Quando a tia Joana se casou as dificuldades aumentaram, especialmente nesses períodos em que a mãe estava ausente de casa.

Em 15 de agosto de 1974 nasceu Ângelo. Ele foi um sobrevivente, já que

nasceu sozinho! O pai tinha ido para Lauro Muller (naquela época o termo “ir para fora” significava ir para a cidade) comprar os mantimentos preparatórios para o nascimento do bebê. Isso era especialmente necessário, porque havia um costume de as mulheres visitarem as mães durante a quarentena. Obviamente, além de algumas roupinhas para o bebê, precisava-se de comida, café, biscoitos, etc. para receber todas as mulheres da comunidade durantes os dias/as semanas seguintes ao nascimento. Foi no meio da tarde que a mãe percebeu que a bolsa se rompeu e as primeiras contrações apareceram. Estavam em casa Maria, Mario e José. Ela pediu para Mario e José, na época com 6 e 3 anos, respectivamente, irem avisar a *nonna* Albina (mãe do pai), que era parteira. Acontece que esses meninos ficaram tão empolgados com a notícia que foram, mas foram conversando com todas as crianças que encontravam pela estrada (a distância entre as casas era de dois quilômetros e meio), o que atrasou muito a chegada na casa da *nonna*. Quando ela recebeu a notícia, dirigiu-se imediatamente até a nossa casa, mas Ângelo já havia nascido. Maria, que também estava em casa, no exato momento do nascimento tinha ido em uma casa vizinha chamar uma parteira, mas esta não estava em casa, então se dirigiu a outra casa um pouco mais distante, o que também atrasou o retorno. Assim, o fato é que a mãe deu à luz a um filho sozinha, e esse moço hoje tem muitas qualidades que, acredita-se, foram aprendidas na jornada, desde o nascimento!

Figura 8: Casamento de Joana e Bento (com Mario, José e Maria), 1974.



E a vida continuou, mesmo sem a tia Joana para cuidar da casa, da comida e da gurizada. Lá por meados de 1974 nossa mãe estava em período de estágio do Curso Normal de Férias e, sem saber das implicações, pegou quatro meses de licença gestacional, perdendo um ano do curso. Com isso, no verão de 1974/75, o pai ficou com três crianças de 7, 6 e 3 anos e um bebê de 4 meses durante uma semana. Esse homem chamado Olívio, na época, poderia tê-la impedido de fazer o curso, de se desenvolver, mas não, ele a apoiou. Mais que isso, ele se comprometeu e assumiu todas as responsabilidades, inclusive cuidando das crianças e de um bebê durante a noite após um dia intenso de trabalho na lavoura. Hoje rendemos total admiração e respeito pelo nosso pai! Nos finais de semana, quando a mãe vinha do curso, o pai ia buscá-la de aranha ou a cavalo na comunidade de Guatá, pois não havia ônibus até Capivaras. Nesse período, aos sábados e domingos, a mãe lavava todas as roupas que estavam sujas, fazia comida, pães, biscoitos, bolachas e deixava tudo prontinho

para a semana seguinte. Na segunda-feira, bem cedo, o pai a levava até Guatá e nós ficávamos “morrendo” de saudades!

Figura 9: Curso Normal de Férias (Ana, a primeira da terceira fila, à esquerda), 1973.



No dia 15 de junho de 1976 nasceu o filho caçula, Antônio Carlos. Um bebê pequenino, mas que logo cresceu e se tornou um homem forte e trabalhador como todos os irmãos, mas muito mais madrugador. Esse moço nasceu de manhã cedo, o que provocou um grande alvoroço nas demais crianças. Fomos colocados e proibidos de sair do “quarto escuro”, que ficava no meio da casa, não tendo abertura externa, o que o deixava sempre na penumbra, mesmo durante um dia muito claro. Um fato interessante da casa era que todas as repartições (quartos, salas e cozinha) tinham conexões com as vizinhas, formando uma espécie de corredor ao redor do quarto escuro. Ah, claro, não havia banheiro, nem chuveiro. Havia, sim, uma patente externa, e os banhos, apenas aos sábados, eram em uma grande bacia de folha de flandres, no inverno, e no rio, nos verões.

Figura 10: Antônio Carlos e Ângelo, 1980.



gerasse renda para os colonos, era terrível em termos de trabalho, uso de agrotóxicos e mal-estar nas pessoas, principalmente nas crianças. Esse mal-estar (vômitos, sudorese, calafrios), sabe-se hoje, é provocado pela intoxicação por nicotina da própria folha do fumo, principalmente quando molhada e em contato com a pele. Claro, na época ninguém sabia de nada e não havia equipamentos de proteção. Além dessas atividades, o pai, na década de 1970, comprava penas de ganso/marreco/pato dos colonos e revendia para um atravessador em Orleans. Era lindo ver o pai chegando em casa nos sábados de tarde com a Baíta (nossa querida égua) com um saco enorme de cada lado cheio de penas.

A energia elétrica só chegou em Capivaras em 1978. Até então, os produtos de origem animal eram

Nossos pais eram um casal muito trabalhador! Nessa época já tinham comprado alguns terreninhos que iam pagando com base nas atividades que desenvolviam na agricultura, acrescidos do ordenado de professora da mãe. Criavam porcos, gado, galinhas, patos e gansos e plantavam mandioca, batata doce, cana, milho, feijão, arroz, entre outros. O fumo chegou em 1971 (o de galpão). Em 1974 foi construída a estufa, que foi arrendada até 1977. De 1978 até 1981 a família tocou esse negócio, que, embora

conservados em banha – ou, quando se carneava um porco, fazia-se salame de toda a carne, além de morcilha, torresmo e banha também. Havia um costume muito interessante de solidariedade, mas fundamental, que garantia a segurança alimentar das famílias durante o período e, que não havia um animal pronto para ser abatido: a prática de doar parte dos produtos (prenda) gerados do abate de um animal para os parentes mais próximos (tios) e vizinhos. Cada vez que abatíamos um porco ou rês levava-se a prenda para os tios. Claro, quando eles abatiam, nós também recebíamos. Era uma festa!

Boa parte da alimentação era baseada na produção própria. Pouco se comprava, geralmente café e farinha de trigo. Lá em casa o pão era sempre de milho, de cará, de mandioca. Nós queríamos pão de trigo, mas a mãe dizia que pão branco não sustentava! Ela tinha razão, mas o motivo principal dos pães alternativos era a economia gerada pela não compra do trigo. Tinha também o “nego deitado”, que era um pão assado em folhas de caetés. A mãe sabia fazer tudo isso, assim como roscas de polvilho, cuscuz e beiju de farinha de mandioca. O leite, o queijo, a “radicha” (*radicci*), o salame, o ovo e a polenta! Polenta, polenta até duas vezes ao dia! Nos domingos geralmente tinha galinha ensopada ou assada com macarrão, que era feito no sábado de tarde. A galinha também era abatida e preparada no sábado de tarde! Ah, às vezes tinha salada de batatas nos domingos, mas maionese foi algo que surgiu bem mais tarde lá em casa.

Nosso veículo de transporte era a aranha, uma espécie de charrete puxada por um cavalo. Nosso animal que aprendemos a admirar era a Báita! Essa égua era fantástica, embora não gostasse muito de crianças. Mas

era um animal sem igual! Era boa de corrida, de força, era boa para as lidas com o gado e até na roça era usada. Nos levava para todos os lados, de Capivaras para Guatá, Rio Hipólito e Boa Vista. Muitos tombos tivemos, algumas aranhas viradas, mas o interessante era que se algo acontecesse ela parava imediatamente! Enfim, foi um ser santo em nossas vidas! O outro veículo muito usado era o carro de bois. Tivemos muitas juntas de bois, alguns mansos, outros nem tanto!

Em 1980 os filhos mais velhos saíram de casa para estudar. Maria foi parar em um convento em Tubarão e Mario no seminário em Orleans. Nossa mãe sentiu muito a saída deles, mas sabia que se ficassem em casa “morreriam” de tanto trabalhar! Foram! Dois anos depois José (Zinho, Zezinho) também foi estudar no seminário em Orleans. Lá ficou até a 8^a série, em 1985. Retornou para casa em 1986 e, com a ajuda dos dois irmãos mais novos (Ângelo e Antônio Carlos), tocou a estufa até 1993. Em 1982 nosso pai comprou uma caçamba e passou a puxar carvão! Nos anos 1990, como o frete estava ruim, trocou de ramo para puxar ração. Mais tarde os irmãos José, Ângelo e Antônio Carlos também atuaram nesse ramo. Em 1990 foi implantado um aviário de produção de aves de corte e em 1992 um segundo. Enfim, os filhos que estavam em casa estavam ficando adultos e trabalhar era preciso.

Figura 11: Antônio Carlos, Ângelo, Mario e José, 1981.



Nossa mãe aposentou-se da escola em 1985. Nessa época se dedicou a cuidar da casa e dos filhos que ainda moravam lá! Nessa época também assumiu um cargo de liderança na igreja da comunidade de Rio Capivaras Alto. Foram tempos de muitos aprendizados! Um deles diz respeito a uma eleição realizada na comunidade para a escolha de quem substituiria a mãe como uma das professoras da comunidade. Havia duas candidatas ligadas a tradicionais famílias da comunidade. Cada núcleo familiar morador da comunidade tinha direito a um voto, e houve forte barganha política de ambos os lados no angario de votos. Conflitos surgiram, membros de uma mesma família ficaram de lados opostos, mas o mais importante foi o aprendizado e as transformações geradas nas pessoas. As comunidades rurais nos anos 1970 e 1980 ainda estavam relativamente isoladas e tinham forte influência da igreja e dos valores cristãos, mas também havia orgulho, prepotência e racismo. Algumas famílias se tinham como superiores, enquanto outras eram desprezadas por serem economicamente mais humildes ou por não serem de origem italiana. De certa forma, a eleição colocou todos em pé de igualdade

e a vitória, mas fundamentalmente a derrota, promoveu profundas reflexões em quem viveu aquele momento. Parabéns, mãe, e parabéns, pai, por liderarem aquele momento. Quem viveu e entendeu tirou proveito! Quem não, talvez ainda aprenda com eleições futuras!

Figura 12: Maria com a filha Vânia, Ângelo, Antônio Carlos, *nonna Flora*, Ana e Olívio, 1987.



Outrossim, é de bom tom dizer que a mãe sempre foi alguém com um olhar social muito apurado. Sempre esteve do lado dos mais humildes, apoiava as causas sociais e politicamente votava contra a corrente, ou seja, nos candidatos mais fracos. Inclusive, dizia que deveria ter mais mulheres no comando político. Era alguém à frente do seu tempo!

Os filhos cresceram e se casaram. A primeira foi Maria, que em 1986 casou-se com Valmir Galbino da Silva, natural de Lauro Muller. Ela teve duas filhas logo após o casamento, Vânia, em 1986, e Paula, em 1989. Simultaneamente ao nascimento das primeiras filhas, Maria fez a faculdade de Pedagogia em período noturno, em Tubarão. Durante o dia, trabalhava em escolas rurais

de Lauro Muller. Posteriormente, foi aprovada em concurso público, morando e lecionando em Urussanga, Tijucas, Florianópolis, Porto Alegre e, finalmente, no município onde mora até hoje, Balneário Rincão. Seu marido atuou como bancário até 1999, quando virou microempresário no ramo de materiais de construção. Em 2004, Maria teve o seu terceiro filho, de nome Luiz Gustavo, e em 2008 o quarto, Bruno. As filhas mais velhas são formadas em Direito e Odontologia, respectivamente, sendo casadas, enquanto os mais novos estudam e não têm ideia da profissão futura. Vânia tem um filho chamado Francisco, com quase 2 anos. A avó Maria, atualmente, é aposentada, trabalha auxiliando no comércio da família e participa da igreja da comunidade e da agremiação política à qual é filiada.

Mario foi o último a casar-se, no ano de 2001, e se manteve casado até 2018. Antes, porém, cursou Engenharia Agronômica, formando-se em 1994 na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Fez Mestrado em Economia Rural na Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais e, posteriormente, Doutorado na Universidade de Wageningen, na Holanda. Desde 1998 trabalha como docente na Universidade Federal de Pelotas, no Rio Grande do Sul.

José (Zinho) casou-se em 1993 com Janete Ronconi Benedet, natural da comunidade do Doze, próximo ao pé da Serra do Rio do Rastro. Foram morar em Capivaras e lá tiveram os dois filhos: Mônica, nascida em 1992, e João Otávio, que nasceu em 1994. Nessa época Zinho já trabalhava no transporte de ração e Janete cuidava de aves de corte em um dos aviários da família. Depois foram morar em Cocal do Sul, onde residem até hoje. A filha Mônica é cirurgiã dentista e o filho João Otávio

atualmente mora em Londres, trabalhando em um restaurante. O casal tem uma neta chamada Olívia, filha de Mônica.

Ângelo casou-se com Rosalina Coan Betta (tataraneta do Bett para quem o nosso *nonno* Leriano trabalhou como empregado em Rio das Furnas) em 1996. O casal teve as filhas Sílvia, nascida em 1996, Jaqueline, em 1999, e Fernanda, em 2001. Sílvia é engenheira química e está fazendo Doutorado na mesma área na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Jaqueline formou-se em Fisioterapia e está realizando sua formação em nível de Doutorado na área de Neurociências na UFSC. A Fernanda estuda Odontologia também na mesma instituição. Ângelo inicialmente trabalhava junto com o pai e os irmãos no transporte de ração, mas em 2006 mudou de ramo para tocar granjas de aves de corte, atividade que exerce até hoje com a parceria da esposa na comunidade de Capivaras.

Antônio Carlos casou-se com Rosiane Bett (também tataraneta do Bett que foi patrão do *nonno* Leriano) em 2000. Tiveram dois filhos, o primeiro, Carlos Henrique, nascido em 2001 e a segunda, Mariana, nascida em 2008. Moraram inicialmente em Capivaras e depois se mudaram para Lauro Muller, permanecendo casados até 2017. Carlos Henrique atualmente cursa Administração de Empresas na Febave, em Orleans, e Mariana está terminando o Ensino Básico. Antônio Carlos desenvolve atividade de transporte de ração na região de Lauro Muller e Orleans.

Figura 13: Olívio, Ângelo, (Herval, um vizinho), José (Zinho) e Antônio Carlos, 1992.



A partir de meados dos anos 1980, com a aposentadoria, a mãe sossegou um pouco. Teve a oportunidade de curtir os três filhos que estavam em casa, cuidar da *nonna* Flora e experimentar a existência das primeiras netas que nasceram. O pai, nessa época, trabalhava no caminhão e os guris (José, Ângelo e Antônio Carlos) trabalhavam na lavoura de fumo. Em 1990 abriram o primeiro aviário e em 1992 o segundo, o qual foi inicialmente cuidado por Zinho e sua recente esposa, Janete. O fumo esteve presente até 1993. Por volta de 1993/1994 houve uma reviravolta nas atividades desenvolvidas pela família, especialmente pelo fato de a agricultura deixar de ser a atividade principal dela. Todos os guris passaram a trabalhar no transporte de ração, sendo os aviários cuidados pelas esposas que também cuidavam dos bebês recém-nascidos. José e família, em 2000, mudaram-se para Lauro Muller e depois para Cocal do Sul, mas ele continuou trabalhando junto com os demais irmãos e o pai até 2006/2007. Nesse período aconteceu uma segunda reviravolta, mudando novamente a estrutura de

trabalho da família. O pai e a mãe já estavam morando em Lauro Muller, e os filhos decidiram que era hora de cada um tocar a sua vida de forma independente. Ângelo e família permaneceram em Capivaras, agora dedicados integralmente à produção de frangos. Antônio Carlos e família fizeram o mesmo, mas abandonaram a criação de frangos em seguida e também foram morar em Lauro Muller. Zinho permaneceu na atividade de transporte, na qual atua até hoje. Posteriormente Antônio Carlos seguiu no mesmo rumo, mas especializando-se no transporte de ração para galinhas poedeiras.

Em Lauro Muller, o pai e a mãe prepararam uma primeira casa, onde moraram até 2012. Nesse período Antônio Carlos tinha desejos de morar em Lauro Muller, então eles prepararam uma segunda moradia, a qual estava localizada mais próxima da igreja, numa área mais plana, o que era importante para facilitar as caminhadas da mãe. Desde que chegaram em Lauro Muller nossos pais fizeram amizades e participaram ativamente da igreja e do clube dos idosos. Na igreja, além de irem às missas e aos terços, participaram como casal “padrinhos” da festa da padroeira no ano de 2015, fato que os levou a todas as comunidades da paróquia e os deixou muito enraizados. Foi um período de integração com outros idosos, tanto nos bailinhos e nas comemorações que se realizavam nas quintas-feiras de tarde como nos mutirões arranjados pelo Pe. Valmor Della Giustina, com o intuído de tirá-los de casa, levando-os a trabalhar na roça.

No dia 16 de julho de 2016 os filhos deram a festa de Bodas de Ouro. O evento foi marcante em nossas vidas e um dia cheio de emoções para relembrar o fato

original ocorrido exatamente meio século atrás. Estava terrivelmente frio, mas, mesmo assim, foi excelente! A mãe permaneceu até o fim da festa!

O casal permaneceu em Lauro Muller até o início de 2021, quando nossa mãe adoeceu, o que levou os filhos a decidirem que era hora de eles (mãe e pai) morarem perto da filha Maria. Foram residir na praia do Rincão, ao lado da casa da Maria. A mãe faleceu no dia 2 de julho de 2021, deixando um legado de amor pela vida. Ela lutou até o fim! O pai está conosco e é um homem que admiramos muito, é muito amoroso com os filhos e netos e está cheio de vida.

Figura 15: Família reunida nas Bodas de Ouro, 16 de julho de 2016.



CAPÍTULO 7

Família de Angelina da Silva Duarte (Rinaldi)

Terezinha Duarte Rinaldi

Figura 1: Angelina em sua residência, 2023



Sou Angelina da Silva Duarte, a sexta dos dez filhos do casal Liriano e Flora. Nasci em 8 de abril de 1935, em Rio das Furnas, Município de Orleans/SC. Minha família, devota e cumpridora das doutrinas da igreja católica, com poucos meses levou-me para ser batizada. Na época a Igreja de Braço do Norte estava no início da construção. O então Padre Jacob, que era o pároco e engenheiro idealizador da nova igreja, fazia os batizados em sua própria casa, assim como as celebrações de missas. Meus padrinhos foram João Ferreira e esposa, mas não os conheci, pois migraram para o Rio do Sul e nunca mais voltaram.

Vivi minha infância em uma casa muito simples e recebi os cuidados de meus pais, que eram agricultores, com o auxílio das minhas irmãs mais velhas. Ainda

lembro que com 5 anos fui crismada também em Braço do Norte. Foi o Bispo Dom Joaquim que fez a cerimônia. Meus padrinhos foram João Volpato e Augusta Della Justina.

Com idade de 8 anos comecei a ir à escola. Na época era a escola velha do Rio das Furnas, depois as aulas foram realizadas na igreja até terminarem a construção da nova escola. Minha primeira professora foi Maria Viena Rezende, mas logo veio uma substituta chamada Helena e depois, dando continuidade, assumiu a professora Marta Henze Volpato, que residia bem perto da escola. Durante o período das aulas ela saía na porta e gritava para seu filho Evilásio, que estava em casa: “Evi, fogo grande!”. Ele, bem pequeno, já era o encarregado de cuidar do fogo nas panelas.

Muito cedo comecei a catequese para a Primeira Comunhão. O catequista chamava-se Cristiano Cordioli, que também era o capelão que rezava o terço aos domingos na igreja. Ele esperava as crianças saírem da escola durante a semana e aproveitava para dar a catequese. Éramos crianças e tínhamos muita fome, mesmo assim a catequese acontecia após as aulas. Tínhamos que esperar os alunos que vinham da escola do Rio Glória para, juntos, participarmos da catequese, que exigia aprender cânticos, decorar as perguntas do catecismo, os Dez Mandamentos da lei de Deus, os Sacramentos e as muitas orações próprias da época. Com 10 anos fiz a Primeira Comunhão. O padre foi Germano Peters. Ele era bem severo. No dia houve confusões, mas acabou dando certo. O catequista ficou descontente com a fala do padre, que o chamou de burro e, então, desistiu do seu trabalho na comunidade.

O ensino na época era bom! As professoras eram severas, mas dedicadas. A turma chegava a ter quarenta alunos ou mais, e funcionava da 1^a até a 3^a série. Todos juntos! Aprendi a ler muito bem e a resolver as quatro operações, além de História, Geografia e Conhecimentos Gerais. Na época era preciso escrever bem. Na escola as professoras promoviam festas nas datas comemorativas. Os alunos e as alunas animavam. Os pais e a comunidade vinham assistir. Como primeiro ato havia a saudação à bandeira, seguida de versos, teatros, comédias e danças. A música “Luar do Sertão” era muito bem cantada por toda a turma.

Calçados na época, nem pensar. Andava-se descalço mesmo no período do inverno. O uniforme escolar era exigido, mas nem sempre a gente o tinha, pois os pais mal podiam comprar o escasso material escolar. Nas festas da escola sempre havia pessoas bondosas que pertenciam aos grupos da igreja e doavam os uniformes para quem não podia comprar. Ainda me lembro de uma parte de versos que recitei com um colega da turma:

Eu

Quem quiser trovar comigo.
Tome jeito e tome tempo.
Mais vale ser negro por fora
Do que ser negro por dentro

Ele

Negro não vai para o céu
Nem que seja rezador
Negro tem um pixaim
Que espeta Nossa Senhor

Dentro das brincadeiras havia discriminação, pois o menino tinha um pouco da raça negra! Eu sentia discriminação das outras crianças por sermos pobres. Um dia eu e a Elisa combinamos de dar uma surra nos meninos que diziam que tínhamos a casa torta e éramos brasileiras. Eles se diziam italianos. Na estrada para casa da escola batemos nos meninos que rolaram no areão, ficando bem sujos. No dia seguinte contaram para a professora, que nos colocou todos de castigo. Tivemos que ajoelhar em cima de grãos de milho lá na frente perto da parede. Os meninos choraram amargamente, mas foi o remédio. Nunca mais nos provocaram!

Nossa alimentação era feita com os produtos plantados e colhidos nas roças. Família grande, tudo escasso! Na época, em Rio das Furnas, havia fecularias, serrarias, lojas, atafonas, descascador de arroz, fábricas de banha... A mãe arrumava um baldinho para levarmos até a fábrica de banha que ficava no caminho da escola para que os donos coletassem o sangue dos porcos abatidos. Levávamos o baldinho para casa cheio de sangue depois da escola. Junto com o sangue levávamos miúdos, tripas, buchos e fígados que a mãe preparava para a janta, que na época era ao meio-dia⁶, ou para a ceia que era à noite. O Sr. Mário Ceolin (dono da fábrica de banha) já nos conhecia muito bem e logo perguntava: “O que vocês querem?”. Ele era um homem muito bom de coração! Pedia logo aos funcionários que guardassem o sangue para nós. No caminho de casa para a escola havia muitos pés de laranjeiras, que serviam para matar a nossa fome na volta para casa. Os donos eram pessoas boas e não se incomodavam que apanhássemos as laranjas. Com 12 anos saí da escola, pois tinha ter-

⁶ Na comunidade do Rio das Furnas perdurou até anos atrás o uso do termo janta para a refeição realizada ao meio-dia. O almoço era a refeição realizada de manhã, enquanto de noite se realizava a ceia.

minado a 3^a série primária. Agora era ir para a roça o dia inteiro. Minha irmã Marta casou-se nessa época. Por influência do seu marido Hermínio Paladini, a família resolveu sair de Rio das Furnas. Santos, Nico e meu pai compraram um terreno lá no Voador. Nas Furnas era bom, mas tínhamos pouca terra. Plantávamos no terreno dos outros. Quando arrumávamos um bom pedaço, o destocávamos, mas em seguida o dono não permitia que continuássemos trabalhando ali, então íamos procurar outro lugar.

Mudança para o Rio Hipólito – Voador

Em 1950, isso no mês de julho, a família saiu rumo à nova terra – Voador. Arrumaram a maior parte da mudança num carro de boi, algumas tábuas das camas, panos dos colchões, cobertas, roupas pessoais, ferramentas, panelas, pratos, talheres, foices, machados. Junto levamos uma vaca de leite com a sua terneira. Essa vaca era muito esperta, abria as portas da cozinha, as tramelas das porteiras, as portas dos ranchos, tudo com a boca. Uma vez nos deixou só com um prato, pois entrou na cozinha e derrubou o armário, quebrando toda a louça. No dia da mudança saímos do Rio das Furnas de madrugada e chegamos no Voador lá pelas três horas da tarde. Fomos pelo Barracão, Brusque, até chegar na casa adquirida. Tudo a pé. A morada estava há um bom tempo desocupada. Logo começamos a varrer, lavar e arrumá-la. Havia lá muitas pulgas e bichos de pé, que se criavam bem devido à poeira do chão. Nico era carpinteiro e logo fez a mesa, os bancos, as prateleiras e as camas. O necessário para a casa. Passados uns quinze dias, a mãe e o Nico voltaram para buscar mais um pouco da mudança que havia ficado em Rio das Furnas. Chegando lá, receberam a notícia de que havia

morrido a mulher do tio Deca, que deixou uma bebê recém-nascida. O tio Deca morava no interior de Braço do Norte e pedia que a mãe fosse buscar a criança. Ela foi. A menina estava com cinco dias. É a Joana. Assim, a mãe e o Nico chegaram em casa após vários dias com a criança. Foi difícil, pois não a amamentamos e na época não havia os produtos que existem hoje. Ficou doente, bem magrinha, mas depois recuperou e cresceu bem robusta.

Fiquei trabalhando sempre na roça e convivendo na família até a idade de 21 anos, quando me casei com o jovem Adelino Rinaldi, que também vivia em Rio Hipólito. Nossa casamento se realizou no dia 25 de setembro de 1956. O padre foi Santos Spricigo. Ele era jovem e novo na Paróquia de Orleans. Nos casamos numa segunda-feira, pois aproveitamos o dia que o padre vinha à comunidade. Na época ele ficava dois dias, pois só celebrava a missa pela manhã. Nossa casamento teve uma pequena festa com irmãos, tios e testemunhas. Foi na casa dos Rinaldi. No dia deu uma grande chuva, o barro era vermelho, a casa ficou toda embarrada. Na festa teve macarrão, carne ensopada, verduras e algumas bebidas. À tarde, café com bolachas. Perto da noite todos foram para suas casas.

Morei um tempo com dois cunhados e a sogra, mas logo o que tinha família saiu e foi morar no Paraná. O solteiro ficou mais um tempo conosco, Zeferino, irmão mais novo de Adelino. Ele foi para Curitibanos, onde se casou e tem família. Depois que me casei o trabalho não mudou muito, era trabalhar na roça e cuidar da casa e dos animais. Saímos para a roça de manhã e só voltávamos à noite. A terra era boa, mas tinha muito morro. Tudo era cultivado com foices e enxadas. O que

se plantava se colhia. Não existia adubo. Plantava-se milho, feijão, arroz, mandiocas, aipim só para comer, verduras, frutas, tudo se tinha em casa. Batata doce se plantava para engordar os porcos. Em todos os invernos se colocavam os porcos no chiqueiro para engordar com batata doce cozida. Os porcos eram vendidos em Guatá e Orleans para os donos das fábricas de banha. Açúcar também se fazia no engenho dos Rufinos e, depois, do cunhado Domingos. Compravam-se querosene, sal e peças de riscado para calças e riscadinho para camisas e vestidos. Costurávamos em casa. A sogra tinha uma máquina, e depois o Adelino comprou a minha. Ele mesmo fez a caixa e colocou o pé.

Figura 2: Adelino e Angelina, por volta de 2010.



Após dez meses de casada, nasceu minha primeira filha, que colocamos o nome de Terezinha, em 14 de julho de 1957. Tempo muito frio, com neve por vários dias. Avistava-se tudo branco até metade da Serra. Nunca fui dar à luz a nenhum dos filhos no hospital, no meu tempo era tudo em casa. Havia as parteiras no interior.

A mãe fazia esse trabalho e havia outras também. Assim fui tendo os filhos com menos de dois anos de diferença um do outro. Tive onze filhos, sendo três meninas e oito rapazes. Tive a primeira filha com 22 anos e o último quando eu ia completar 40 anos. Morei por quase vinte anos com a sogra Rosa Antonello, que ficou acamada por seis meses e faleceu com 76 anos. Elias era um bebê de 6 meses quando ela faleceu. Depois dele só tive o Isaías.

Figura 3: Foto da família. Atrás, da esquerda para a direita: Natalino, Elias, Eliseu, Isaías e Tarcísio. Na frente, da esquerda para a direita: Rosa, Daniel, Angelina, Maria, Adelino e Terezinha.



Mudança para a comunidade de Boa Vista, Orleans/SC

Rio Hipólito era um lugar bom, mas distante da cidade e dos recursos. Quando alguém ficava doente, somente os donos de serrarias tinham caminhão. Outros carros não existiam. A gente andava em cima dos dormentes na carroceria dos caminhões até Orleans ou vinha-se de aranha ou a cavalo. Na época do outono batia o vento minuano, que carregava chapéus, tirava as

telhas das casas, derrubava os milhos, as bananeiras e as laranjeiras. É um lugar muito perto da Serra.

Em 1975 saímos de Rio Hipólito e fomos morar em Boa Vista. Vendemos nosso terreno para Domingos, irmão de Adelino, e compramos o terreno de Antônia, a irmã mais velha de Adelino, que tinha sido casada com o professor Pedro do Nascimento, estava viúva e resolveu ir morar com os filhos em Caxias do Sul.

No mês de julho arrumamos a mudança e fomos para Boa Vista – nossa casa ficava próximo da foz do Rio Cafundó). Lá, com toda a família, começamos a trabalhar no plantio de fumo com duas estufas. Trabalho diferente, não tínhamos experiência. No início foi difícil, mas depois nos acostumamos.

Em Boa Vista tive muitas alegrias ao ver os filhos crescerem, cada um enfrentando os desafios da vida e seguindo em busca dos seus ideais. Quando um saia de casa para estudar, ficava aquela falta. E foram saindo um atrás do outro. Ficava a grande saudade. Tive lá imensa tristeza com a morte trágica do filho Ricardo. Foi um acidente causado pela queda de um trator que despenhou na estrada perto da nossa casa. Ele morreu no local. Só restam saudades eternas. Também cuidei da minha mãe Flora por um período. Ela estava idosa e doente, depois foi para casa de outra filha.

Participei das formaturas dos filhos e dos casamentos. Foi trabalhoso, mas bonito. Cheguei a festejar as Bodas de Ouro com Adelino em 2006. Já vivíamos nós dois sós por vários anos. Os filhos todos já tinham ido. Ficou a “Síndrome do Ninho Vazio”. De todos, só ficou o Daniel, com sua família, que morava no pasto perto da nossa casa. Quando eu podia continuava trabalhando, cuidando também das crianças dele.

Em 2010 saímos de Boa Vista e fomos morar em Cocal do Sul, para facilitar o cuidado com Adelino, que já fazia tratamento de uma doença renal, com hemodiálise, por há cinco anos. Ele se encontrava bem fraco e debilitado, não aguentava mais as viagens de Boa Vista até Criciúma três vezes por semana. Em Cocal fiquei por dez meses. Meu filho Elizeu, que mora em Cocal, levava o pai no Hospital São João, esperava o tratamento e trazia-o de volta para casa. Terezinha veio ficar conosco nesse tempo. Com tristeza, no dia 30 de abril de 2011 Adelino, após dez dias em coma, veio a falecer. Ele está sepultado no cemitério de Boa Vista.

Após a inesquecível perda do marido, voltei para a nossa casa em Boa Vista. Agora sozinha, lá vivi por seis meses. Estava difícil sozinha, longe de vizinhos, com netos estudando em Orleans e o filho e a nora com seus trabalhos nas roças longe de casa. Optei por vir morar em Orleans, que fica a vinte e dois quilômetros de Boa Vista. Aluguei um apartamento ao lado do filho Elias, da nora Renata e da neta Maria Valentina. Aqui estou desde outubro de 2011. A história da vida continua até Deus me chamar. Estou com 89 anos, tenho dificuldades para caminhar, mas agradeço a Deus por tudo o que consegui vivenciar na grande família Duarte.

Filhos de Angelina Duarte Rinaldi

Terezinha

Nasceu em 14 de julho de 1957, em Rio Hipólito, município de Orleans/SC. Consagrou-se à vida religiosa na congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, em 6 de fevereiro e 1989, em Rio do Sul/SC. Escolheu o lema: “Seja firme e corajosa”. Desde então assumiu missões nos seguintes lugares: Vitorino Freire, Diocese

de Bacabal no estado do Maranhão (MA); e Laurentino/SC, em Tubarão, no Bairro Oficinas. Licenciou-se em Psicologia pela UNESUL. No ano de 2000 assumiu missão em Angola, país da África Austral. Viveu dois anos em Moçambique e os demais em Angola. Em 2021 esteve no Brasil auxiliando nos cuidados da mãe Angelina.

Figura 4: Terezinha com crianças e jovens africanas.



Tarcísio

Nasceu em 30 de novembro de 1958, em Rio Hipólito, município de Orleans/SC. Aos 17 anos foi para Caxias do Sul/RS. Licenciou-se em Agronomia pela Universidade Federal de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Vive e exerce a profissão de agrônomo em Caxias do Sul. Casou-se com Maria do Carmo Baldasso. Não tem filhos. É Cidadão Caxiense.

Figura 5: Tarcísio e sua esposa.



Domingos

Nasceu em 7 de fevereiro de 1960, em Rio Hipólito, município de Orleans/SC. Faleceu com 3 meses de idade.

Ricardo

Nasceu em 7 de fevereiro de 1961, em Rio Hipólito, município de Orleans/SC. Faleceu com 17 anos num trágico acidente em 19 de novembro de 1978.

Rosa

Nasceu em 9 de novembro de 1962, em Rio Hipólito, município de Orleans/SC. Licenciou-se em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Vive e trabalha em Porto Alegre. Casou-se com Devair Pizoni. É divorciada. Tem uma filha chamada Izaléia.

Figura 6: Izaléia e Rosa.



Daniel

Nasceu em 18 de outubro de 1964, em Rio Hipólito município de Orlean/SC. Exerce a profissão de agricultor. Vive na comunidade de Boa Vista, Orleans/SC. Casou-se com Hermelina Borba. Tem os filhos André, Fernanda e Cristiane.

Figura 7: Hermelina e Daniel (atrás), Fernanda, André e Cristiane (na frente).



Elizeu

Nasceu em 18 de maio de 1966, em Rio Hipólito, município de Orleans/SC. Trabalha na Empresa Eliane Revestimentos Cerâmicos e vive em Cocal do Sul. Casou-se com Edna Hoffmann. Tem os filhos Gustavo e Guilherme e a neta Isadora.

Figura 8: Edna e Elizeu com os filhos e as noras.



Figura 9: Isadora, neta de Elizeu e Edna.



Natalino

Nasceu em 16 de dezembro de 1968, em Rio Hipólito, Município de Orleans/SC. Formou-se em Medicina pela Universidade Federal de Pelotas Rio Grande do Sul. Trabalha no Hospital Moinho de Ventos em Porto Alegre, onde reside. Especializou-se em Cirurgia Bariátrica. Casou-se com Mariana Lemos e tem três filhos: Camila, Vitória e Heitor.

Figura 10: Natalino com esposa e filhos.



Maria Madalena

Nasceu em 27 de agosto de 1970, em Rio Hipólito, município de Orleans/SC. Doutorou-se em Agronomia na especialidade de Conservação de Alimentos pela Universidade Federal de Campinas, São Paulo. Vive em Sobradinho de Brasília/DF. Trabalha como pesquisadora da EMBRAPA. Casou-se com Délvio Sandri. Tem os filhos Julia e Felipe.

Figura 11: Maria Madalena com esposo e filhos.



Elias

Nasceu em 15 de janeiro de 1972, em Rio Hipólito, município de Orleans/SC. Formou-se em Odontologia pela Universidade Federal de Pelotas/RS. Vive e trabalha em Orleans/SC. Casou-se com Renata Tomé. Tem a filha Maria Valentina.

Figura 12: Elias com esposa e filha.



Isaias

Nasceu em 30 de agosto de 1974, em Rio Hipólito, município de Orleans/SC. Formou-se em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Vive e trabalha em Joinville/SC. Casou-se com Fabiane Guizoni. Tem o filho Lucas.

Figura 13: Isaias e seu filho Lucas.



CAPÍTULO 8

Família de Elízia da Silva Duarte (Antonello)

Maria Antonello Somariva

AséTIMA filha de Flora e Liriano Duarte nasceu em 30 de junho de 1937 na localidade de Rio das Furnas, município de Orleans, em Santa Catarina. Foi batizada com o nome Elizia, mas desde muito cedo todos passaram a chamá-la de Elisa, tanto que apenas os familiares mais próximos conheciam seu nome correto.

Seus pais, muito católicos, sempre seguindo as orientações e costumes da igreja, batizavam seus filhos desde cedo, quando bebês. Frequentavam as missas e participavam ativamente da comunidade, sendo exemplo para seus filhos que assim os seguiram, ajudando e participando da comunidade católica da qual pertenciam.

Quando criança, Elizia costumava ir pescar com sua mãe. Aprendeu a cuidar da casa, costurar e cozinhar. Também tomava conta dos irmãos João e José. Sempre trabalhou, desde criança, na lavoura, ajudando sua mãe e seu pai.

Elizia era o que podemos chamar de uma autodidata, pois, apesar de não ter concluído os estudos, era uma pessoa inteligente, atualizada e informada sobre as questões políticas e sociais do país. Dedicara-se aos estudos para, mais tarde, tornar-se professora.

Quando tinha mais ou menos uns 10 anos, a família resolveu se mudar para Rio Voador, comunidade

próxima e pertencente a Rio Hipólito, em Orleans, em busca de melhores terras para trabalhar. Nesse mesmo tempo, Joana, filha do tio Adolfo, veio morar junto a eles, pois sua mãe havia falecido no parto. Flora a criou como filha e Elizia ajudou na sua criação e educação, fazendo com que as duas se tornassem muito próximas.

Por volta dos seus 18 anos, começou a dar aulas em Rio Júlio. A escola era em uma casa de moradia, e o trajeto para chegar era por meio de potreiros e riachos. Elizia fazia todo o trajeto caminhando, cerca de quarenta minutos, fosse com chuva ou sol, geada e vento forte, mas sempre persistente e dedicada na sua função. Manteve-se firme e nunca desistiu. Era considerada uma boa professora, tinha alunos de todas as idades, inclusive a mesma que a dela na época.

No início do ano de 1962, casou-se com Domingos Antonello (Figura 1), numa cerimônia simples para poucas pessoas, em Rio Hipólito. Familiares e amigos se reuniram na casa do noivo para comemorar.

Figura 1: Casamento de Domingos e Elizia.



Elizia e Domingos foram morar em uma terra em sociedade com José Antonello, irmão de Domingos, onde plantavam fumo. Ela continuava a dar aulas em Rio Júlio, e nesse mesmo ano tiveram sua primeira filha, Maria do Carmo, em 31 de outubro. Naquela época os partos eram em casa, e sua mãe Flora foi a parteira.

Em 5 de outubro de 1965 nasceu sua segunda filha, Margarida, e em 14 de março de 1968 Matilde, a terceira filha. Nesse tempo a *nonna* Flora, Joana e Juca, irmãos de Elizia, foram morar na propriedade dos Antonellos para ajudarem na criação das meninas, possibilitando que Elizia continuasse a dar aulas e trabalhar na roça.

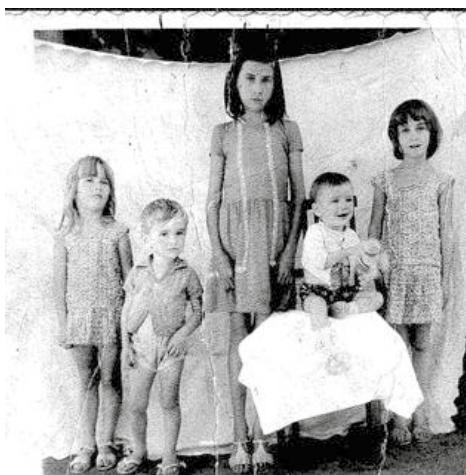
Em 17 de dezembro de 1969 nasceu seu quarto filho, Mario, o primeiro menino. A alegria tomou conta de toda a família. A *nonna* Flora permaneceu por algum tempo junto, mas acabou voltando para onde morava antes, e Elizia passou a ficar com seus quatro filhos sem a ajuda de sua mãe. Como os trabalhos na roça eram diários, ela sempre os levava junto, e, enquanto plantava, capinava e roçava, as crianças ficavam sob a sombra de uma árvore. E assim foram crescendo, observando e cuidando dos passos de sua mãe para que mais tarde a ajudassem nos afazeres da casa e da terra.

Em busca de uma vida melhor, Elizia e Domingos resolveram mudar-se de Santa Catarina para o Paraná em 1970. Os irmãos e pais de Domingos já moravam por lá. Na época, comunicavam-se por meio de cartas e diziam que as terras eram produtivas e havia muita oportunidade. Decidiram, então, vender sua parte na propriedade do Rio Hipólito e foram para o interior de Dois Vizinhos, na comunidade de Nossa Senhora do Amparo. No início moraram com os sogros, Rosa e Amadeu Antonello, até conseguirem comprar uma pro-

priedade. Logo encontraram um terreno bonito e muito produtivo, e Domingos começou a organizar e ajeitar a casa e a propriedade, enquanto Elizia, que gostava muito de cuidar de plantas, arrumava o terreno, deixando-o sempre limpo para dar uma boa produtividade.

Aos poucos se tornaram ativos na comunidade, ajudando e participando da igreja. Logo, Elizia recebeu o convite para ser professora. Em 23 de Julho de 1971 nasceu seu quinto filho, Mateus, e agora a família estava completa (Figura 2). Com o tempo, devido a problemas de saúde, Elizia quase não conseguia mais cuidar da terra, e acabaram decidindo vender a propriedade na comunidade e mudar para a cidade de Dois Vizinhos. Lá compraram uma casa e montaram uma bodega com mercearia, a qual tinha muito movimento, pois no bairro havia uma serraria com muitos trabalhadores que frequentavam a “bodega do Domingos”.

Figura 2: Filhos de Elizia e Domingos. Da esquerda para a direita: Matilde, Mario, Maria, Mateus e Margarida.



Depois a situação ficou ruim. Fecharam a serra-ria, e a bodega teve dificuldades de se manter. Então, Domingos foi trabalhar num supermercado na cidade e Elizia passou a ficar só em casa. Nessa época já haviam nascido suas duas primeiras netas, as quais ajudava a criar.

Em 12 de fevereiro de 1994, Domingos faleceu, vítima de um câncer, com 56 anos de idade. Nesse tempo suas filhas Maria e Matilde já haviam se casado. Em casa moravam apenas Mario, Mateus e Margarida com suas duas filhas.

Elizia sempre se manteve ativa na igreja e na comunidade do Bairro da Luz, onde viveu até sua partida desta vida. Gostava muito de ler, saber das notícias do dia a dia da comunidade e do mundo; adorava cuidar da horta e da plantação que mantinham no terreno da casa. Mesmo com a idade e o cansaço da vida, não se entregava e sempre se mantinha ocupada.

No ano de 2021, com 83 anos, Elizia cumpriu sua jornada na Terra, após passar por diversos problemas de saúde que perduravam por anos. Era o alicerce e a matriarca de sua prole, cinco filhos (Figura 3), oito netos (Figuras 4, 5, 6, 7 e 9) e uma bisneta. Deixou muitos ensinamentos e um legado de muito amor e união – o maior de todos foi sempre valorizar e priorizar a família, nosso bem maior.

Figura 3: Da esquerda para a direita: Margarida, Mario, Matilde, Mateus e Maria do Carmo.



Figura 4: Família de Maria do Carmo. Da esquerda para a direita: Marcelo, Mariana, Ermes, Maria e Cícero.



Figura 5: Algumas bisnetas de Elizia, netas de Margarida. Da Esquerda para a direita: Carolina, Cecília e Catarina (Margarida está atrás).



Figura 6: Família de Margarida. Da esquerda para a direita: Suelen, Margarida e Lilian.



Figura 7: Família de Matilde. Da esquerda para a direita: Carlos Inácio, Carlos Henrique, Matilde e Júlia.



Figura 8: Mario e Rose.



Figura 9: Família de Mateus. Da esquerda para a direita: Marlene, Ana e Mateus.



Figura 10: Elizia Duarte Antonello.



CAPÍTULO 9

Família de João da Silva Duarte (Joanín)

Jucélia Duarte

*J*oão, conhecido pelos parentes como Joanin, nasceu em 8 de agosto de 1940, na localidade de Rio das Furnas, filho de Liriano João Duarte e Flora Joana da Silva Duarte. Casou-se com Corina Luiz em 23 de fevereiro de 1961, a qual nasceu na comunidade de Rio Laranjeiras, Orleans, em 4 de março de 1942. Ela era filha de Alfredo Luiz e Helena Galvane Luiz. Após o casamento, passaram a morar na localidade de Rio Hipólito (Rio Voador), após uma tentativa de morarem em Orleans, onde nasceram os filhos, e com muita luta os criaram.

As dificuldades daquela época eram muitas. O trabalho era braçal, a escola e a igreja ficavam a quilômetros de distância do local de moradia, os rios não tinham pontes e as enchentes frequentes eram um desafio enorme. No entanto, o lugar era lindo, nossa casa ficava em cima de uma escarpa de mais de cem metros de altura do leito do Rio Hipólito.

No início da vida de casados, nossos pais trabalhavam na agricultura de subsistência. Cuidavam de alguns animais (gado, porcos, galinhas, cavalo) e plantavam quase tudo, como batata, mandioca, milho, arroz, feijão, verduras etc. Conforme a filha Jucélia relatou, somente mais tarde, com a chegada da fumicultura, é que as coisas foram melhorando: “*Mais tarde, com a renda do plantio de fumo, foi adquirido o terreno em que morávamos*

e que pertencia a Santos da Silva Duarte, nosso tio, irmão de nosso pai João. Trabalhamos nesse terreno antes da compra por vários anos, e temos gratidão ao tio Santos por tê-lo nos cedido de forma gratuita por todo aquele período. Essa terra serviu para o nosso sustento e gerou renda para a sua aquisição.”

Anos mais tarde, relata ela, “vendemos esse imóvel e compramos um terreno em Orleans, um sítio perto da cidade, e ali construímos uma história familiar, onde os filhos estudaram e construíram suas vidas. Nessa história também tivemos nossa nonna Flora, que morou muitos anos conosco.”

São cinco filhos (Valter, as gêmeas Jucélia e Zelia, Jucelino e Ademar), sete netos e dois bisnetos.

Figura 1: Os filhos de Joanin. Da esquerda para a direita, em pé: Valter, Ademar, Juscelino; sentadas: Jucélia e Zélia.



Figura 2: Os filhos por volta de 2010.



O mais velho dos filhos do casal, Valter, nasceu em 7 de fevereiro de 1964. Logo em seguida vieram as gêmeas Jucélia e Zélia, que nasceram em 7 de fevereiro de 1965. Depois, em 1º de junho de 1969, nasceu Jucelino e, por último, Ademar, em 7 de novembro de 1970.

A história familiar foi marcada também por muitas doenças. O casal João e Corina tinha doenças crônicas e por esse motivo a família optou por transferir Corina para Joinville, cidade onde passou a residir para um adequado tratamento de saúde. Atualmente a família, já formada e estruturada, segue os passos das conquistas.

O sobrinho Mário, filho do cunhado Olívio e da irmã Ana, declara:

“Minha mãe trabalhou como professora em São Joaquim, e ela sempre demonstrou muita gratidão pela ajuda que recebeu do tio Joanim quando fez mudança para lecionar naquela cidade. Nos contava que ele foi muito generoso, carregando as malas e colaborando com tudo o que

fosse necessário para que ela iniciasse as atividades da maneira mais tranquila possível lá”.

João e Corina desfrutam sua família e se orgulham do resultado, mas no princípio tinham muitas preocupações por tantas batalhas e renúncias ao verem seus filhos trilharem um caminho de muito trabalho braçal e dificuldades individuais. João e Corina tiveram um olhar para o futuro, colocando seus filhos no estudo, e assim todos tiveram bom êxito.

“Em tudo Deus nos deu forças”, declara a Jucélia. Abaixo apresentam-se algumas fotos dos familiares.

Figura 3: Casamento da filha Jucélia realizado em 6 de outubro de 1984 com os pais e as mães dos noivos em cada lado.



Figura 4: Joanin e sua filha Jucélia.



Figura 5: Casamento de Jucélia (filha). Ao lado do noivo está Pascohina Furlan Duarte, e em pé Jucelino (irmão), Santos Duarte e Domingos Rinaldi.



Figura 6: Corina ladeada por Ademar e Zélia. Aos fundos, à direita, estão Jucélia e, à esquerda, a esposa de Ademar. A fotógrafa é a filha de Ademar.



Figura 7: Filho Ademar e esposa, Corina e Jucélia e esposo à esquerda. A fotógrafa é filha de Ademar.



Figura 8: Corina (sentada) e os filhos – da esquerda para a direita: Valter, Zélia, Ademar, Jucélia e Juscelino.



Figura 9: Corina em Joinville, em 2020.



CAPÍTULO 10

José da Silva Duarte (Juca)

*Luiz da Silva Duarte
Mario Duarte Canever*

*J*osé da Silva Duarte, por todos conhecido como Juca, ou Juquinha, para a *nonna Flora*, nasceu em Rio das Furnas em 15 de junho de 1944 e faleceu em 7 de maio de 2020, em meio à pandemia de Covid-19, que assolou o Brasil e o mundo naquele ano.

Foram 75 anos de vida, ora desfrutados de forma mais pacata, ora um tanto conturbada, mas com certeza uma vida que ele viveu como gostou, fazendo da forma que queria, com exceção apenas para os últimos anos de vida, quando esteve internado em casas de repouso e depois hospitalizado em Criciúma, onde faleceu. Naturalmente nesses ambientes existem regras a serem cumpridas por todos para seu regular funcionamento, e elas não eram exatamente bem-vindas pelo Juca. Não que fosse um fora da lei, mas era avesso a restrições, tinha verdadeira ojeriza à palavra “não” e grande dificuldade de viver em sociedade. Às vezes era rebelde, gostava de algumas peraltices e aventuras.

Na infância e na adolescência, contavam seus irmãos, ele tinha um comportamento arredio, de contestação e desobediência, possivelmente algum distúrbio socio-comportamental que poderia ser tratado, ao menos hoje em dia, mas na ocasião, diante das dificuldades imensas enfrentadas pela família e da medicina atrasada e de di-

fácil acesso, a alternativa para acalmá-lo, ou dominá-lo, conforme padrões da época, era a repressão, não sendo raras as surras. As pessoas com esses distúrbios eram tratadas simplesmente como loucas, e aí a assistência ficava ainda mais difícil. O preconceito era a regra. Além disso, Juca provocava medo nas pessoas, especialmente nas crianças, as quais assustava. Na vizinhança a menção ao nome dele gerava apreensão.

Mas, de qualquer forma, até hoje persiste a dúvida se na ocasião poderia a medicina fazer algo para ajudá-lo, mesmo que a ela se tivesse acesso fácil. De qualquer modo, o tratamento dado a ele naquela época pelos familiares foi o que se entendeu como possível. Ele nunca foi avaliado por um profissional de psiquiatria, exceto quando se encontrava adoentado da próstata e internado no hospital em Urussanga/SC. Nessa ocasião, um médico foi trazido até o estabelecimento para avaliá-lo, mas o profissional alegou que um diagnóstico de distúrbio psiquiátrico exigia mais aprofundamento. Ainda assim, o profissional atestou que o paciente era portador de transtornos mentais e comportamentais.

Na juventude, e parte da vida adulta, morou em companhia da *nonna* Flora até o falecimento dela em 1994. Ele era motivo de preocupação constante dela, sempre muito atenta ao seu comportamento. Era comum ele se ausentar inesperadamente de casa por longos períodos, dias, semanas, meses e até anos sem dizer para onde ia ou como estava, gerando todo tipo de conjecturas sobre seu paradeiro, se estava bem e em segurança. Totalmente compreensível o comportamento da *nonna* nessas ocasiões, que, como mãe, acionava os demais filhos para que ajudassem nas buscas e obtivessem notícias dele. E eis que então, depois de tempos,

aparecia o Juca são e salvo, para alívio de todos e certo sentimento de indignação com suas escapadas.

Ainda jovem, ele mudou-se de Rio das Furnas para a região de Rio Hipólito, comunidade de Rio Voador. A família Duarte mudou-se para Rio Voador em 1950, mas Juca permaneceu em Rio das Furnas com o irmão Santos para que pudesse continuar na escola. Após alguns anos e muitas peripécias, juntou-se aos demais familiares (pais e outros irmãos). Ao longo da vida, sempre em companhia da *nonna* Flora, mudava-se para onde ela fosse morar. Assim, morou por algum tempo na comunidade de Rio Capivaras Alto, com a irmã Ana, em Rio Hipólito com a irmã Maria e por um longo período no bairro Coloninha, em Orleans, com a *nonna* Flora. Com o adoecimento da *nonna*, perambulou por vários lugares até se estabelecer definitivamente em uma residência junto ao Costão da Serra, local onde a família de Angelina outrora teve seu início. Esse local era muito mais privativo, praticamente ermo. Viveu ali solitariamente e sossegado por muitos anos, até surgirem os problemas de saúde, quando foi obrigado a ficar hospitalizado e residir em casas de repouso, como veremos adiante. Durante o período em que viveu em Rio Hipólito (1994-2019), saia apenas para receber a aposentadoria em Lauro Muller uma vez por mês. Era um ambiente em que se sentia à vontade e vivia da forma como gostava, sem interferências ou “aporrinhasões”.

Em meados de 2018 sobrinhos perceberam nele sinais de problemas de saúde, anomalias no sistema urinário, sendo constatado depois que a causa eram complicações na próstata. Convidado a procurar um médico na época, a fim de fazer exames e encaminhar tratamento, ele se negou categoricamente, ignorando

qualquer argumentação nesse sentido. Demonstrava muito desconforto com a abordagem desse tema de procurar médico. No início de 2019 esses problemas se agravaram, provocando dores abdominais e descontrole nas vias urinárias, de modo que, depois de muita insistência dos parentes, ele concordou em ir ao hospital, mas essa iniciativa revelou-se muito tardia, já que a partir daí a doença não deu trégua. Inicialmente ficou no hospital de Lauro Muller, depois em Orleans e Urussanga. Entre uma internação e outra, ele voltou para Rio Hipólito, onde um vizinho (esposo da sobrinha Joanita) levava diariamente comida e remédios para que ele tivesse o mínimo de conforto. A comida era satisfatória e trazia estabilidade, mas havia dúvidas quanto à ingestão dos remédios, se ele estava aceitando os comprimidos ou simplesmente jogando-os fora.

Os parentes viram-se num dilema: como conciliar esse bem-estar requerido por ele com a necessidade de tomar os medicamentos diários e se alimentar minimamente, considerando a dificuldade dele em viver em sociedade e a demanda de uma assistência mais próxima. Basicamente a dúvida estava em decidir se era mais adequado retirá-lo de lá onde se sentia livre, mas com todas as limitações de conforto, ou trazê-lo para um ambiente fechado, uma casa de repouso, por exemplo, com um mínimo de assistência, mesmo com a dificuldade de adaptação dele às regras e ao convívio com os demais residentes – uma vida menos feliz, enfim. Na ocasião, alguns parentes visitaram um órgão público de caráter assistencial em Orleans, solicitando aconselhamento, e a indicação foi no sentido de mantê-lo o mais próximo possível do seu ambiente doméstico, sem mudanças abruptas, visto que se tratava de um idoso. A preocupação era de que as mudanças pudessem causar

mais malefícios do que benefícios, mas ninguém tinha certeza.

Nessa época fomos surpreendidos com a interferência do Poder Judiciário. Por provocação de um parente junto ao Ministério Público, o Judiciário determinou a impossibilidade de ele permanecer lá da forma como estava, responsabilizando os parentes pela solução. Entendeu-se que ali havia vulnerabilidades, sendo exigido que ele fosse removido da casa em Rio Hipólito. O assunto foi conduzido de forma muito competente e solícita por vários sobrinhos, resultando em ato de interdição dele em 31 de julho de 2019, tendo como curadora a sobrinha Marta da Silva Duarte, filha de Santos.

Foi então que Juca passou a residir em casas de repouso, inicialmente em Tubarão/SC e depois na cidade de Cocal do Sul/SC. Ainda antes desse período, por volta de janeiro de 2019, os parentes – sobrinhos e irmãos – se uniram a fim contribuir financeiramente para custear as despesas dele, tais como gastos médicos, comida, transporte, entre outros. Depois esses valores foram também utilizados para custear sua estadia nas casas de repouso, tendo Marta como tutora e organizadora das finanças. Foi um exercício de engajamento e união bonito e exemplar, típico da família Duarte, que, apesar de suas imperfeições, preza pelo respeito e pela valorização dos parentes. Muito especialmente com o Juca, essa atuação não seria diferente.

Diante do agravamento da doença, ele teve que sair da casa de repouso de Cocal do Sul para ser novamente internado, dessa vez no Hospital São José de Criciúma, onde veio a falecer em 7 de maio de 2020, após agravamento da doença.

Juca não queria sair da casa dele em Rio Hipólito. Para ele era uma tortura a permanência nessas casas de repouso, acostumado como estava com a vida ao ar livre. Mas, como se vê, não havia alternativa. E fez-se o possível. Resta em todos um sentimento de dever cumprido.

Manifestação dos parentes

Luiz (Santos)

Lembro das vezes que o tio Juca vinha lá em casa. Éramos uma gurizada, e quando todos estavam presentes somávamos doze, dez filhos e nossos pais. Como a casa era pequena, a turma ficava apreensiva. Ele contava histórias, algumas um pouco fortes. As vezes tomava um traguinho e ficava alterado, mas o pai era corajoso e o fazia baixar os ânimos. A situação ficava mais difícil de controlar quando, por coincidência, nos visitavam ele e o “Zeca Serrador”, uma figura que transitava quilômetros e quilômetros a pé para visitar as pessoas conhecidas. O Zeca Serrador ficava semanas na casa de um, semanas na casa de outro, e seguia em frente na sua caminhada. Seus hábitos de higiene não eram exatamente exemplares, pois à noite, ao invés de ir para a rua fazer xixi, mijava na greta (espaço entre duas tábuas) das paredes da casa, o que não era nada agradável para nós. Ademais, o seu Zeca também tinha uma tosse constante... Enfim, a união entre o tio Juca e o Zeca na nossa casa era uma mistura que gerava apreensões entre nós, e nossos pais tinham dificuldades de administrar. Para complicar, ambos não tinham muita pressa de ir embora. Quando íamos visitar o tio Juca lá em Rio Hipólito naquela casa isolada, onde ele passava semanas sem ver ninguém, era comum encontrá-lo seminu ou muito à vontade. Ele nos recebia muito bem. Amistoso, mostrava as armadilhas que fazia para pegar moscas, passarinhos... Contava “macetes” que só ele sabia e se dispunha a nos relatar, transmitindo um ar de muita importância e exclusividade ao segredo. Enfim, boas lembranças.

Mario Duarte Canever (Ana)

O tio Juca era um andarilho! Ele visitava todos os irmãos e irmãs com frequência, permanecendo dias, semanas ou meses até aprontar a primeira travessura. Geralmente as travessuras estavam relacionadas ao consumo de álcool! Tenho várias lembranças do tio de quando eu era criança. De quando ele, por pirraça, destruiu os canteiros de cenouras da mãe em um domingo à tarde; de quando ele retornou da longa ausência em que todos acreditavam que tivesse morrido – nessa ocasião ele ficou ausente por mais de dois anos, retornando por volta de 1977, e no final da vida me confessou que durante esses anos residiu no estado do Paraná e em São Paulo, vivendo como e com os “hippies” –; de quando ele ia para a roça conosco; de quando eu ia visitar a nonna em Rio Voador e ele pegava o dinheiro dela para ir para a cidade; da ocasião em que íamos de Capivaras a Rio Voador e ele quebrou propositadamente um rádio da marca “Motoradio” de seis faixas, novinho em folha, em razão de ter se atolado no barro; dos seus conselhos e das suas avaliações muito ponderadas quando estava calmo; de me chamar de “Maruco”. Enfim, tenho saudades do tio Juca e convicção de que ele esteve conosco para nos ensinar a respeitar os seres humanos ditos “anormais”. Ele foi um alerta para todos nós, seus familiares, de que a nossa existência é frágil e precisa ser cuidada e de que a convivência é um grande desafio. A presença do tio Juca, sem ele saber e querer, nos fez melhores!

Matilde (Elizia)

Não tivemos convívio com o tio Juca, mas sabíamos que ele tinha problemas mentais e que deu muito trabalho para a nonna e os irmãos mais velhos.

Geraldo (Antônio)

A vida do tio Juca, eu gostaria que ficasse registrada, não foi nada agradável, porque, principalmente no seu início, durante a infância e a juventude, a ciência médica comportamental não tinha o conhecimento como durante seus últimos dias. A maioria da família não soube lidar com os problemas de ordem mental do tio, que, a meu ver, verificando outras pessoas com sintomas semelhantes, trata-se de “esquizofrenia”

– coloquei entre aspas porque posso estar cometendo um erro em colocar dessa forma, até porque não sou psicólogo nem psiquiatra.

Penso que admitirmos isso pode nos ajudar a compreender melhor todo o dilema pelo qual passou o tio, o que pode nos ajudar também nas lutas pessoais, ao enfrentarmos problemas ou distúrbios emocionais. Acredito que ele foi vítima a vida inteira de um distúrbio psicológico com surto esquizofrênico, o que não possibilitava uma vida normal.

Não podemos, em hipótese nenhuma, condená-lo ou dizer que ele não se esforçava para ser gentil ou normal, etc.

Isto é o que tento dizer aos Duartes: não que somos todos doentes, mas que devemos estar bastante vigilantes, pois temos carga genética propensa para isso. Inclusive, sei de outros comportamentos que sugerem alteração emocional...

Acho bonito esse olhar de compaixão pelo tio Juca. Tenho certeza de que ele não fazia as travessuras por simples escolha ou querer. Fazia pelo acometimento de distúrbios emocionais, principalmente em momento esquizofrônico. Falo da esquizofrenia porque pude ter a experiência de conversar longamente com uma pessoa que tinha os mesmos traços do tio Juca e foi diagnosticado com ela. Porém, reafirmo, não sou da área...

Terezinha (Angelina)

A família Duarte, Flora e Liriano a se amar,
Conceberam mais um menino que nasceu saudável
Juca, seu destino ninguém podia imaginar,
Pois a família o acolheu, sua mãe terna e amável.

Até a idade escolar, tudo foi normal
Criança sempre ativa e responsável
Com seu jeito, pouca tendência para o mal
Na escola foi inteligente, companheiro admirável.

Chegando à adolescência
Constataram-se certos desvios anormais
A família na época, sem meios e pouca experiência,
Não pôde acompanhar com tratamentos legais.

No período da mocidade foi jovem e grande guerreiro

Gerou desavenças, medos, angústia e tristezas
Tempos vivendo em casa, rua, cidade, foi arruaceiro
Por vezes passou anos sem dar notícias, fazendo
safadezas.

Quando se ausentava, nonna Flora, a se preocupar,
Intercedia a Deus, confiava a Virgem Maria o seu cuidado
Muitas vezes viu-se toda a família a chorar
Logo dava notícias ou aparecia com seu jeito a gargalhar.

Na idade adulta conseguiu se aposentar. Beleza!
Viciado em bebidas alcoólicas, teve que se ausentar
Viveu do seu jeito entre as matas, amigo da natureza
Os animais e pássaros, seus amigos, sabia identificar.

Quando chamava no terreiro
Todos os pombinhos a lhe rodear
Os tratava com carinho o tempo inteiro
Mesmo com seus desvios, foi sensível, sabia amar.

Na velhice, quando as forças começaram a fracassar
Acometido pelas doenças, fraquezas e abandono
Vivendo em Rio Hipólito, lugar difícil de lá chegar
Apelou-se à justiça e à prática dos Direitos Humanos.

Em reunião e acordo, veio a resposta dos sobrinhos:
Com gestos sublimes de caridade fraterna,
Internaram-no na casa de cuidado de idosos
Até que Deus o chamou para a vida eterna.

Jaime (Santos)

A vida inteira agiu como doente mental típico de esquizofrenia. Considerava inimigo ou desconfiava de todos, inclusive daqueles que o ajudavam. Não tinha qualquer espírito de reconhecimento por aqueles que lhe prestavam algum favor. Era extremamente desconfiado e até violento. Importante deixar claro que assim agia por ser doente mental, de forma inconsciente. E também importante registrar que tinha momentos em que era muito racional, atualizado, com raciocínio lógico, e demonstrava generosidade. Essa oscilação é típica da doença mental a que estava acometido. No meu ponto de vista, se tivesse tido tratamento desde criança ou tomado remédios apropriados, é possível que a convivência fosse bem

melhor. O fato é que, pelas circunstâncias que conhecemos, ele não teve o tratamento adequado. Não devemos condená-lo em hipótese alguma, já que seus atos foram consequências da doença mental a que estava acometido.

Figura 1: Juca diante de sua casa em Rio Hipólito.



Figura 2: No único “portão” de acesso à casa, em companhia da tia Ana, Anselmo e Ana Luiza.



Figura 3: Aqui ele está analisando documentos da propriedade.
Tinha muito zelo e preocupação em conservar bem os papéis.



CAPÍTULO II

Família de Joana Andrade da Silva

Eracilda Fontanela

Nascimento e infância

*J*oana nasceu em 27 de setembro de 1950. É a sétima filha de Manoel da Silva e Ana Leopoldina de Andrade. Tem como irmãs, em ordem de nascimento: João, Eva, Laura, Terezinha, Maria e as gêmeas Angelina e Regina. João faleceu com cerca de 11 anos de idade, por infecção no olho oriunda de uma farpa do pendão de uma planta de arroz. Maria, conhecida como Ica, faleceu em 13 de abril de 1995, por atropelamento na cidade de Braço do Norte/SC.

Joana nasceu em Rio Facão, pertencente ao município de Grão Pará/SC. Seu nascimento foi marcado por ter sido de um parto complicado, em que sua mãe perdeu a vida em decorrência de hemorragia. Com a morte de Leopoldina, e com as filhas todas pequenas, Manoel solicitou ajuda à sua irmã Flora para criar a bebê. Assim, Joana foi entregue com seis dias de vida para que Liriano e Flora a criassem.

Flora e seu filho Nico (Antônio Duarte) foram a pé buscar Joana. Acredita-se que levaram um dia de caminhada para ir e outro para voltar. Foram atalhando caminhos (por dentro de potreiros e mato) para que ficasse mais perto. No caminho de volta, com Joana nos braços, pousaram em Furnas, onde morava um dos filhos de Flora, Santos Duarte. Joana chorava muito

durante todo o trajeto. Flora e Nico decidiram, então, batizar Joana em Braço do Norte (a cerca de oito quilômetros de Furnas), porque acreditavam que a criança era doentinha, por chorar muito. Nico e Flora foram os padrinhos de batizado de Joana. Tendo chegado em Rio das Furnas, na casa de Santos, sua esposa Pascohina convenceu a sogra a dar leite de vaca para a menina, pois acreditava que ela chorava de fome. Embora contrariada, Flora aceitou dar leite de vaca para Joana. Foi então que ela se acalmou, parou de chorar e dormiu por um longo tempo.

Figura 1: Manoel da Silva (popular Deca, pai de Joana) à esquerda e seus irmãos Flora, Joana e Adolfo (mais novo).



Segundo relato da irmã mais velha de Joana, Eva, após cerca de dois anos, Manoel e Eva, ao receberem o convite para participar do casamento de Maria (Cotinha, Marica) com Domingos Rinaldi em Rio Hipólito, aproveitaram a ocasião para buscar a menina Joana. As demais irmãs de Eva, e filhas do Manoel, ficaram sozinhas em casa. Saíram de Rio Facão para buscar Joana no lugar chamado Rio Voador, comunidade pertencente a Orleans/SC, onde moravam Flora e sua família. Era

um sábado chuvoso, viajaram durante todo o dia a cavalo para chegar ao destino.

Chegaram de tardezinha, já anoitecendo, abaixo de muita chuva, e, portanto, molhados. Devido às condições do tempo e ao atraso na viagem, perderam o casamento que tinha acontecido no sábado, durante o dia.

Ao chegarem na casa, Manoel logo disse que haviam ido para buscar a menina Joana. Flora disse que não, que deixassem a criança lá, pois ela já estava acostumada com todos da família, e concluiu: “Deus me livre, levarem a minha criança!”.

Nesse dia, Eva conta que lembra quem estava em casa: Elízia, Angelina e Joanim. Ana já havia saído de casa para estudar. Notaram que a menina era bem-criada, bem-tratada e bem-vestida e que ganhava bastante colo da mãe e das irmãs. Assim, diante do apelo de todos da casa de Flora para que a menina ficasse, o pai de Joana optou por deixá-la. Flora tinha lá uma boa lavoura. Durante a estadia na casa, Eva percebeu que foram colher ovos e que vieram com muitos ovos.

Joana relata que só conheceu a casa onde nasceu com aproximadamente 9 anos. Ela conta que sua mãe Flora, sua irmã Elízia e ela haviam ido a uma festa em Brusque do Sul (comunidade pertencente a Orleans). Saíram de casa com pouco dinheiro, somente para o pouco consumo na festa.

Durante o dia uma nuvem (preta) de chuva se formou na encosta da serra e caiu uma “bomba” d’água. Em decorrência da intensidade da chuva, principalmente na cabeceira do rio Laranjeiras, que vinha de Três Barras, o volume de água dos rios cresceu rapidamente e todas as pontes de acesso do trajeto para elas voltarem para

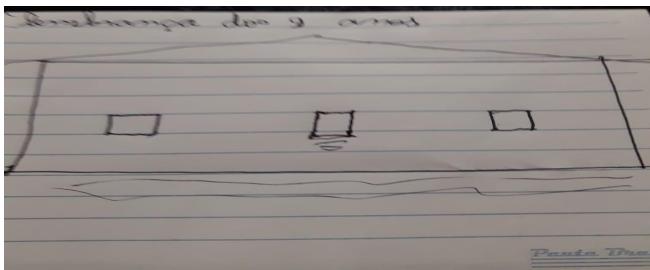
casa foram carregadas. Diante disso, ficaram fora de casa (ilhadas) por oito dias. Foi uma das grandes enchentes de Brusque do Sul/SC em que três pessoas perderam a vida, duas delas eram irmãs.

Na primeira noite da enchente, pousaram em Brusque do Sul mesmo, próximo à igreja, em um comércio. Alguns moradores emprestaram colchões e dormiram cerca de quinze a vinte pessoas atravessadas, enfileiradas naqueles colchões. O rio “bufava” de tanta água e ficava muito próximo do comércio.

Diante da impossibilidade de retornarem, a sua mãe decidiu que iriam para a casa do seu irmão Manoel (pai de Joana), e no dia seguinte as três seguiram para lá. Foi então que ela conheceu a casa onde nasceu. O caminho até a casa de seu pai foi marcado por muitos percalços: atravessaram rios cheios, “cortando capoeira”, para reduzir o caminho até o destino.

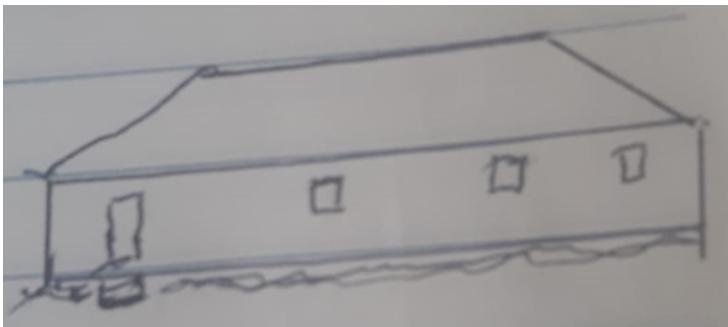
Joana diz que seu pai e irmãs moravam na encosta da serra, em um lugar de pouquíssimos moradores (duas ou três famílias) e muita mata. A grande maioria da população não possuía carro de passeio. Assim, não havia estradas, somente carreiros (trilhos batidos) no meio da mata, as quais cruzavam a pé, a cavalo ou com carro de bois para acessarem as lavouras. A casa era simples, de tijolo à vista (sem reboco) e assoalho de tábuas largas com frestas. A casa era rodeada por um grande potreiro em todo o seu entorno e muita galinha no pátio. A fachada está marcada na memória de Joana, conforme imagem reproduzida por ela.

Figura 2: Memória de Joana da casa onde ela nasceu. Rio Facão, Grão Pará/SC.



Joana recorda das casas onde morou, dá detalhes e aponta memórias de cada uma. Da casa que viveu durante seus três primeiros anos de vida, lembra que na frente havia um poço muito próximo. Também havia um pomar de laranjas em que Joana adorava estar. Era uma casa muito velha, mofada pelos anos, sem varanda, alta, por isso havia uma escada muito alta que fazia Flora se preocupar com a possibilidade de Joana cair.

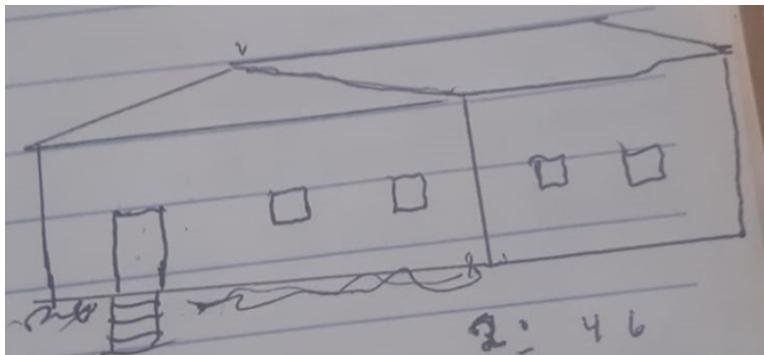
Figura 3: Lembrança da casa em que Joana viveu até aproximadamente os 3 anos de idade.



Na segunda casa, morou por cerca de mais três anos (aproximadamente dos 3 aos 6). Não tinha varanda, mas era muito grande, pois a família também era grande: moravam Joana, seu pai e sua mãe, Ana, Angelina, Nico

e a esposa Lídia (com o filho Felício), Elizia, Joanim e Juca.

Figura 4: Recordação da casa em que Joana morou aproximadamente até os 6 anos.



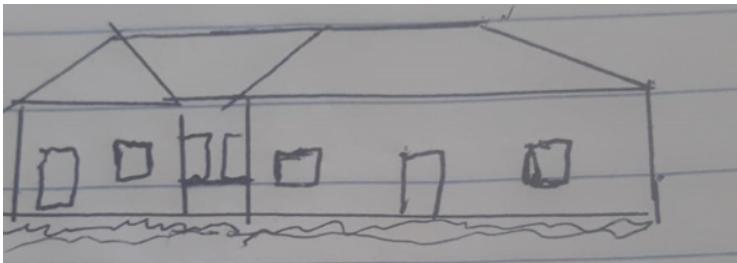
Nessa época, a capelinha da santinha passava nas casas e todos faziam novenas religiosas em cada uma. Quando acontecia o deslocamento da santinha, as famílias se deslocavam junto com ela até a próxima casa. Joana relata que a sua mãe, Flora, possuía uma cesta de vime muito grande e que, para receber a santinha, ela e sua mãe iam em direção ao caminho da roça para colher as rosas. Traziam uma cesta cheia de rosas brancas, individuais, com um perfume indescritível. Com ela, Flora fazia um arco para colocar na porta de entrada e receber a capelinha.

Lembra ainda que criavam muitos gansos e que, quando sua mãe ia tirar leite das vacas, Joana gritava para que ela viesse buscá-la, pois queria estar junto da mãe e apreciar as atividades junto dos animais, entretanto tinha medo dos gansos que possuíam filhotes e, por isso, ficavam agressivos. Flora deixava que Joana fosse até ela, pois os gansos não a pegariam, mas era só iniciar a passagem pela rota dos gansos que a criança

era atacada nas pernas por eles. Joana então chorava e gritava até que sua mãe viesse acudi-la e socorrê-la.

A terceira moradia era composta de duas casas ligadas por uma passagem feita de tábuas de madeira. A parte menor da casa era a cozinha e a maior era a sala e os quartos.

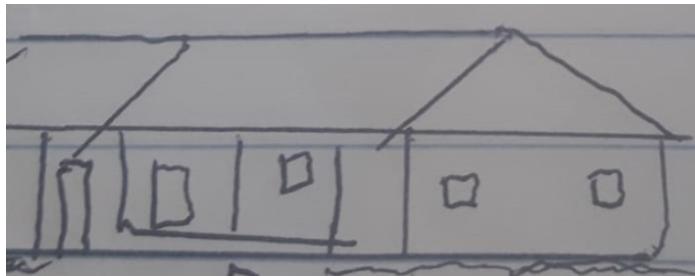
Figura 5: Esboço da casa em que Joana viveu durante cerca de dois anos (dos 6 aos 8).



Nessa época, Angelina, sua irmã, namorava Adelino. Joana gostava muito dele, pois sempre trazia balinhas para ela. Lembra-se de que certa vez, mesmo com dificuldades para caminhar por conta de ter machucado o pé ao pisar em um prego, Adelino jogava a bala no chão e, quando Joana chegava perto para apanhá-la, pegava a bala e jogava mais longe. Ele gostava de brincar e incomodá-la.

Passados três anos na terceira casa, mudaram-se para a quarta, uma casa nova, construída pelo pai Liriano. Logo que se mudaram, com Joana ainda pequena, Angelina se casou. A mais nova lembra-se, inclusive, do casamento da irmã.

Figura 6: Memória da casa em que Joana viveu por cerca de dois anos.



Moravam em Voador, mas participavam na comunidade do Rio Hipólito, distante cerca de três quilômetros. A cada domingo tinha culto, celebrado por um ministro, e a cada um ou dois meses havia missa.

Joana iniciou os estudos com 7 anos de idade. Frequentou a escola num local chamado Rio Júlio (comunidade que ficava do outro lado do Rio Hipólito), que era uma casa de moradia, de madeira. Havia poucas classes em um dos cômodos da casa destinada para a sala de aula. Sentavam-se em duplas nas classes para aproveitar melhor os espaços e realizar as atividades. Em uma única sala de aula havia turmas do 1^a à 4^a série juntas, separadas por fileiras. Eram cerca de doze a quatorze estudantes de diferentes idades – tinha até alguns barbados na mesma sala.

A professora era a sua irmã Elizia, ainda solteira, com quem ia (e voltava) para a escola. Para chegar à escola, atravessavam matos, potreiros nos carreiros do gado, muitas vezes com barro (atoleiro), e estradas só trafegadas por carros puxados por bois. No caminho ainda cruzavam sargas e, em épocas de enchentes quando o rio estava muito cheio, eram obrigadas a pular um barranco alto para passar por elas. Para tal, pegavam embalo de certa distância para vencer a largura da sanga até o

barranco do outro lado. Joana percorria o trajeto, de cerca de uma hora de caminhada, de pés descalços, mas o material escolar era garantido: cadernos e canetas de pena, com tinteiro para reabastecimento.

Embora tivesse proximidade familiar com a professora, a relação de aluna-professora era muito séria e Elizia era bem exigente com o aprendizado e a educação da irmã. Joana estudava no período da manhã e lembra que no inverno saiam quebrando gelo nas estradas de pés descalços. Elizia levava o chinelo na bolsa, lavava os pés no rio próximo da escola e colocava o calçado. O retorno para casa era intenso também, chegavam quase à uma da tarde. Além das aulas semanais, frequentemente também tinham aulas aos sábados, mas somente até às dez da manhã.

Joana não gostava de estudar e odiava matemática, por isso não persistiu nos estudos. O dia em que decidia que não ia para a escola, fazia birras e ludibriava Elizia. Em algumas de suas idas para a escola, conta que corria na frente da irmã e se escondia atrás de uma pedra – tão grande que tinha o formato de uma bacia –, assim cuidava quando a irmã passava e, sem ser percebida, após Elizia tomar distância, voltava para casa.

Quando ia para a escola forçada, quebrava a ponta do lápis debaixo da classe escolar para não fazer as atividades propostas pela professora. Um dia a professora descobriu que ela quebrava a ponta de propósito e passou a exigir que Joana resolvesse o exercício no quadro.

Durante o período de escola, conta que, quando levava batata doce de lanche, escondia o alimento na capoeira (Capim-rabo-de-burro), porque os colegas riam do lanche e ela tinha vergonha de levá-lo para comer no intervalo da aula. Quando retornava da escola, procura-

va pelas batatas escondidas e elas haviam sumido, não as encontrava mais. Acreditava que alguém (humanos) roubava o alimento, mas hoje pensa que podiam ser animais que encontravam o alimento e o consumiam. Além da batata, levava pão ou frutas (pêssego e bergamota) que encontrava no caminho de ida para a escola.

Figura 7: Joana com 9 anos na comunidade de Boa Vista/SC.



Estudou por apenas dois anos e meio. Parou de estudar, pois a sua professora, irmã e companheira do trajeto escolar casou-se e mudou-se para outra localidade. Elizia seguiu dando aulas na escola, entretanto o seu trajeto para a escola era diferente do trajeto que fazia anteriormente com Joana. Nesse sentido, e diante das condições (matas, potreiros etc.) do caminho até a escola, sua mãe Flora não deixou mais Joana estudar.

Joana diz que a mãe era mais severa na criação. Entretanto, lembra-se de apenas duas “tundas” que le-

vou, mas que merecia, porque era medonha. Afirma que sua mãe dava castigo como forma de aprender a lição. Quando era criança sua mãe a chamava carinhosamente de Nena e na adolescência de Joaninha. Conta que brincou bastante e que, na época em que todos estavam por casa, tinha muitas regalias, pois só os serviços da casa. Começou a trabalhar pesado com cerca de 10 ou 12 anos, quando passou a ajudar nos afazeres da roça também.

Frequentou a catequese e teve como catequista Dionísio Possatto, irmão de Lídia, que nessa época já estava casada com Nico (Antônio Duarte). Dionísio era muito bravo e exigente. Se os catequizandos não respondessem o que ele perguntava, fazia com que eles fossem de joelhos da porta da igreja até a frente do altar. Joana fez a Crisma antes da Primeira Eucaristia. O bispo veio à comunidade para lhe dar o Sacramento. Ela lembra que usou um vestido verde com vermelho e aplique em trancelim. Teve como madrinha de Crisma Lídia Possato, esposa do seu padrinho de batismo Nico Duarte. A Primeira Comunhão Joana fez com cerca de 10 anos, e o padre que a realizou se chamava Santos Spricigo.

Ainda menina, durante a sua adolescência, gostava de brincar e de sair com amigos para festas e jogos de futebol, mas nem sempre aconteciam esses eventos na comunidade. Domingos Antonello, na época namorado de Elizia, jogava futebol nas tardes de alguns domingos e Joana fazia companhia para Elizia nos jogos.

Não saía muito de casa, mas lembra de dois ou três matinês às quais foi. Como era muito novinha, não dançava nas festas, apenas ficava observando os casais que dançavam bem e que se divertiam por meio da dança.

Figura 8: Joana no dia da sua Primeira Comunhão em Rio Hipólito.



Enquanto moravam em Voador, Flora e as filhas trabalhavam muito na roçada, na capina e no plantio. A terra era boa e produzia muito arroz e milho. Joana aponta que elas tinham uma junta de vacas que seu pai Liriano havia amansado para puxar a produção da roça, além de produzirem leite.

Quando as irmãs professoras Ana e Elizia precisavam ir para Orleans tratar de assuntos escolares com o inspetor, levavam Joana de companhia. Iam a pé, descalças. Saíam cedo e chegavam na cidade por volta das onze da manhã. Na sequência, compravam pão e banana e iam comer, de almoço, dentro da igreja matriz da cidade. Escolhiam o local porque tinham vergonha

de comer em público. Cuidavam muito para não deixar farelos e sujeiras dentro da igreja. Outras vezes almoçavam na prima Calena – prima de primeiro grau (prima irmã) de sua mãe, Flora.

Em seguida, Elizia casou-se e a irmã Ana, após alguns anos em que residiu em Santa Izabel, em São Joaquim, passou a lecionar em Boa Vista. Surgiu uma boa proposta de negócio em Boa Vista e Ana comprou cinco alqueires de terra. Elas (Joana, a mãe e Ana) saíram de Voador e foram morar em Boa Vista. Em Voador ficou morando apenas Joanin com a família.

Joana lembra que na nova morada não tinha cerca, então, como tinham comprado uma vaca, além do cavalo que havia na propriedade, confeccionaram uma cerca para os animais com o rompimento parcial dos galhos de árvores espinhentas (Maricá). Os espinhos serviam de barreiras para delimitar a área para os animais (vaca, bezerro, cavalo e até porcos).

A casinha era simples, mas o lugar era muito bonito, de muita paz, parecia um paraíso. Havia uma sanga que passava próximo da casa e muitas laranjeiras. O lugar era maravilhoso para viver e os vizinhos eram ótimos. Ofereciam carne e alguns alimentos para elas. Joana acredita que eles percebiam que elas passavam muitas necessidades.

Com o tempo, chegou Juca, o outro filho de Flora, para morar na casa. Até então ele andava pelo mundo e ninguém sabia onde se encontrava. Enquanto ele estava em casa a família vivia dias e noites tensas devido à relação difícil que tinham com ele. Logo depois sua irmã Ana se casou.

Moraram, por aproximadamente mais um ano, em Boa Vista apenas Joana, sua mãe Flora e seu irmão Juca.

Esse tempo seguiu sendo difícil, e Joana achou melhor sair de casa. Com 16 anos foi morar com a família de sua irmã Elizia e cunhado Domingos Antonello.

Na nova morada enfrentou os mesmos desafios da família. Joana trabalhava em todas as demandas. Na roça, trabalhou intensamente na colheita do fumo e na produção de milho. Ela também ajudava a cortar lenha no mato, com o serrote “vaivém” (topiador), para utilizar a madeira na ampliação da casa da família. Além disso, roçava capoeira e enfrentava muitas cobras urutus. Embora trabalhasse sempre com botinas, sentia muito medo.

Passado um ano, Joana recebeu em troca do trabalho uma pequena novilha mestiça, com cerca de 10 meses, a qual zelava com muito carinho. Entretanto, certo dia, desceu de Três Barras uma tropa de animais bravos da serra que encurralararam a novilha em cima de um barranco alto, fazendo-a cair e quebrar o pescoço. Morreu na hora. Domingos ainda conseguiu aproveitar a carne. Joana conta que chorou muito e que não conseguia comer a carne do animal.

Em uma visita de Olívio, casado com a sua irmã Ana, à casa de Domingos, ele perguntou à Joana se ela não gostaria de morar com eles, como filha, para auxiliar nos cuidados de sua filhinha Maria, que tinha apenas 6 meses de vida, e nas demais atividades da casa.

Joana, decepcionada por ter perdido o animal, fruto de um ano de trabalho, decidiu morar com a irmã. Nessa época estava com cerca de 17 anos e permaneceu morando com a família da Ana por mais seis anos, até se casar. Ana e Olívio moravam em Rio Capivaras Alto, município de Lauro Muller. Joana fez várias amizades e gostou muito da mudança que havia feito. Na casa de

Ana e família, comprou outra novilha mestiça, que deu cria a outros seis bezerros que se criaram junto com os demais animais no potreiro da família.

Além dos cuidados com as crianças (Maria, Mário e José), Joana auxiliava a família nos afazeres gerais, tanto de casa como da roça. Lembra que levantavam sempre muito cedo e logo faziam polenta. Comiam polenta no café da manhã e à noite, enquanto ao meio-dia comiam minestra. Depois de tomar café, ordenhavam as vacas leiteiras (em torno de seis). Com o leite faziam queijo, pois na época não havia comercialização de leite na região. Na propriedade, além das vacas de leite, também possuíam porcos e galinhas para o sustento da família.

Ao término do serviço da casa e do entorno, iam todos para a roça, adultos e crianças. Olívio ia sempre na frente, e Ana, quando a estava em casa, fazia companhia para o marido. Nesse caso, Joana ia mais tarde, pois ficava finalizando as atividades da casa. Nessas ocasiões ela cangava a junta de bois, pegava o carro (de bois), preparava as crianças e seguia para a roça. Em alguns dias iam trabalhar longe, nos fundos da terra, em outros iam mais perto, na frente da propriedade.

Na lavoura, Joana auxiliou no plantio de fumo por um ou dois anos. Cultivavam muito arroz e milho – as principais culturas. Por volta das onze da manhã voltavam todos para casa para fazer o queijo. Ana utilizava um coalho caseiro no leite, de uma pele retirada do bucho do porco. Na sequência, fazia o almoço.

Lavava as roupas duas vezes por semana, de jolelho, em um córrego que vinha do rio por meio de um desvio. Na época, não era comum ter tanque de lavar roupas em casa.

Ocasionalmente Joana ia para Boa Vista roçar potreiros. Quando isso acontecia, saíam muito cedo para fazer render o dia. Às vezes Olívio saía na frente com as crianças no carro de bois e Joana, após finalizar o serviço, ia a cavalo. Nesse caso, para acelerar o serviço da ordenha das vacas, Joana também voltava mais rápido para casa, visto que o trote do cavalo era mais rápido que o dos bois.

Joana conta que adorava pilotar o carro de bois, mas que um dia ela o tombou. Estava a bordo do carro toda a família, inclusive sua irmã Ana. Ele era de caixa baixa de madeira. Durante o trajeto o carro passou em cima de um toquinho baixo, segundo Joana, de cerca de cinco centímetros, mas, como o carro era estreito e, morro abaixo, os bois estavam numa velocidade consideravelmente alta, tombou toda a família no meio do mato. Por fim, ainda caiu um tampo do carro nas pernas de Joana. Olívio ficou muito bravo com ela.

Em outra ocasião, havia abelhas em um toco de madeira, e uma delas atacou um dos bois. Ao perceber que os bois iriam disparar, Joana correu para segurar as ranjeiras (rédeas), no entanto estas enroscaram em um dos seus pés. Os bois arrastaram Joana sentada por mais de cinquenta metros. Sua sorte foi que estava de calça, pois passou inclusive por cima de espinhos. Os bois só pararam porque chegaram na porteira, que se encontrava fechada. Joana lembra que bateu muito na cara deles. Depois de tudo isso, ficou ressabiada em lidar com esses animais.

Ela conta que trabalhava muito durante a semana, mas que no final de semana compensava, porque saía com os amigos. A cada festa que havia na comunidade, Joana ganhava um vestido novo, confeccionado pela sua irmã Ana – costureira de mão cheia, como ela sempre

diz. Joana conta que tinha sempre em torno de cinco a seis vestidos e que Ana comprava, sempre que possível, tecidos e confeccionava lindos vestidos para ela.

Juventude, namoro e casamento

Morando em Capiravas, na casa de Ana e Olívio, Joana fez muitas amizades. Também paquerou vários rapazes. Tinha como melhores amigas Marta Durval, Otília Juvêncio e Veneranda Bossó.

Havia dois grupos na comunidade de Capivaras Alto: a turma dos bonitos e a dos feios. Joana pertencia à turma dos feios. Faziam parte do grupinho dos bonitos: Dione, Rosmarina, Eulália, Zenita, Clândio, Lindomar e outros. Do grupinho dos feios: Maria Della Giustina, Adelaide, Bertina, Terezinha Freitas, Bertina Tezza, Janilde, Joana, Holanda Acorde (Danda), Lauro, Geraldo Mazzucco, Hélio Della Giustina (irmão da Maria), Joventino (Tino) Fontanella, Idalino Tezza, Bento e seus irmãos: Valdemar, Primo, Salvador (Salvate) e Otília.

Figura 9: Joana e suas amigas. Da direita para a esquerda: Madalena Tezza, Otília Juvêncio, Bertina Tezza, Joana, Zenaide e Janilde Tezza.



O grupo dos feios era muito unido e parceiro para as festas. Iam a pé em locais bem distantes (longe) para aproveitá-las. Cortavam carreiros (atalhos), tanto na ida como na volta, para chegar mais cedo. Voltavam sempre todos juntos, bastava que um(a) do grupo convidasse para ir embora que todos estavam de acordo. Costumavam frequentar festas no entorno, como Guatá, Vargem Grande, Rio do Rastro, Boa Vista, Rio Hipólito, Capivaras do Meio etc.

Havia gaiteiros, pessoas da própria comunidade, que animavam as festas. Depois de um tempo de animação, eles passavam o chapéu para arrecadar uma ajuda financeira para os músicos, e o enchiham! Pois o público se animava com a festança e retribuía aos músicos. Depois de algum tempo, foi construído um salão para dança na comunidade de Capivaras. Ali, duas vezes por mês, costumava ter uma matinê (suarê), da qual participavam pessoas de muitos lugares, inclusive de Três Barras, que ficava mais distante. Joana se divertiu muito durante a sua juventude.

Figura 10: Joana com 18 anos numa festa em Rio Hipólito.



Joana participou do Coral São Salvador com alguns jovens da comunidade de Rio Capivaras Alto que se disponibilizavam a cantar na igreja. Ensaiavam aos domingos à tarde, quando vinha o maestro ensinar a tocar contrabaixo. Fizeram rifas, bolos etc. para arrecadar dinheiro e comprar os equipamentos do grupo. Sirlei e Dione Acordi eram as líderes, sendo que a primeira foi quem confeccionou os uniformes do grupo. Realizaram uma grande festa de inauguração do coral, na qual havia a Corte do Coral São Salvador, com rainha e princesas.

Figura 11: Membros do Coral São Salvador no dia da festa de inauguração. Faziam parte do coral (da esquerda para a direita): Ana Mariotti, Dilma Fontanela, Toninha Fernandes, Dair Fontanela, Eulália Mazon, Rosmarina Fontanela, Joana de Andrades, Sirlei Acordi, Iolanda Acordi, Maria Della Justina, Zenita Mazon, Dioni Acordi, Adelaide Carrer, maestro Nelsinho, José Mazon, Lindomar Fontanela, Clésio Mazon, João Tártari, Clândio Mazon, Angelo Mazon, Vinícius Tomás e Salézio Acordi.



Depois dos ensaios os jovens do coral costumavam pular corda. Era um grupo muito unido e divertido.

Foi lá em Capivaras que Joana se encontrou com Bento Fontanelo, com quem se casou posteriormente. Em 1970, mesmo namorando com Joana, Bento e família partiram para o Paraná em busca de melhores condições de vida. Quando partiu, ele disse que voltaria dentro de três anos para se casar e buscar Joana. Namoraram por cerca de três anos e se comunicavam por cartas. A cada trinta dias, aproximadamente, Joana recebia uma carta de Bento e em seguida a respondia.

No início de fevereiro de 1974, Olívio Canever foi para o Paraná juntamente com o seu cunhado Nico Fabro para conhecer o estado. Olívio gostou das terras que viu. Na ocasião houve uma forte enchente em Santa Catarina. Ao retornar, Olívio avisou Joana de que Bento viria em junho para se casar e buscá-la.

Bento viajou e chegou em 24 de maio. Junto com ele estava o seu cunhado Silvino Freitas e a irmã Terezinha Freitas. No sábado, Bento e Joana foram para Lauro Muller comprar as alianças e noivar. No domingo houve uma grande festa na comunidade, e o casal já deu os nomes para o casamento.

Joana foi registrada no dia da emissão da certidão de casamento, quando obteve o seu primeiro documento oficial. Até então contava apenas com o batistério – documento que era emitido durante o batizado das crianças. Por não possuir documento oficial, Joana assinava com diversos sobrenomes: Duarte, da Silva, conforme os sobrenomes das famílias em que residiu e conviveu em cada época. Por fim, foi registrada com o sobrenome de sua mãe biológica: de Andrade.

Em 15 de junho de 1973, com 23 anos, Joana casou-se com Bento Fontanelo em Lauro Muller/SC. Foram testemunhas do casamento da noiva a irmã Ana Duarte Canever e o cunhado Olívio Canever, no civil, e a irmã Maria Duarte e o cunhado Domingos Rinaldi, na igreja; e do noivo o casal de tios Domingo e Iolanda Acordi, no civil, e os irmãos Silvino e Terezinha Freitas, na igreja. Passado o casamento, em 19 de junho, mudaram-se para o interior do Paraná, localidade de Linha Hortelã, pertencente à cidade de Capitão Leônidas Marques/PR.

Figura 12: Casamento de Joana e Bento.



Figura 13: Casamento de Joana e Bento juntamente com os padrinhos: os irmãos Silvino e Terezinha Freitas (à direita) e o casal Maria Duarte e Domingos Rinaldi (à esquerda).



A mudança para o Paraná

O casal saiu de Santa Catarina com destino ao novo estado ao meio-dia, juntamente com a mudança. No caminhão também estava a mudança de Nico Fabro. O caminho era de estrada de terra, levando cerca de dois dias de viagem. Subiram a Serra do Rio do Rastro e pousaram logo depois da serra em uma cidade um pouco antes de São Joaquim/SC.

O lugar onde pararam para dormir não era nada seguro. O caminhão da mudança era um Mercedes de Nico Jordani do Rio do Rastro, perto de Capivaras. Ainda na subida da serra, perderam uma mala (de papelão), pertencente a Bento e Joana, que continha as fotos do casamento deles e mais alguns pertences. Possivelmente a mala tenha caído em uma curva da serra, pois a carroceria do caminhão era aberta com arcos metálicos e lona por cima, conhecido como pau de arara. Na segunda noite da viagem, pousaram na cidade de Marmeleiro/PR.

No Paraná, foram morar na casa dos sogros Ana e Júlio Fontanelo e cunhados Valdemar e Primo, que ainda eram solteiros. Chegaram de viagem na metade da tarde. Logo começaram a descarregar a mudança, e foi então que deram falta da mala.

Passados alguns dias, Olívio fez uma ligação, de um posto telefônico, para informar Bento e Joana de que a mala havia sido encontrada por uma pessoa que estava descendo a serra. Ela parou, apanhou a mala e levou-a para Guatá, onde entregou justamente no estabelecimento em que Joana fez a locação do seu vestido de noiva. A proprietária do empreendimento avisou Olívio e devolveu a mala. Entretanto, da mala se aproveitaram apenas poucas fotos. As roupas estavam todas picotadas,

e algumas fotos rasgadas. Olívio enviou as fotos que restaram por correio, em um envelope.

Ficaram trinta dias morando juntos, num total de doze pessoas na casa, entre a família de Júlio Fontanella e a de Nico Fabro, que veio com a família e o dinheiro, mas não tinha comprado nem terra, nem casa. Depois de um mês, foi construída uma casa de pau a pique na terra dos Fontanelas para que o Nico pudesse abrigar a sua família até encontrar uma área para comprar e se acomodar.

Morando em família, Joana conta que os irmãos Valdemar, Primo (solteiros), Bento e Salvador (casados) tinham uma sociedade e plantavam hortelã para a produção de óleo. Na época esse produto era bem-visto e comercializado na região. A família possuía dois alambiques para a produção do óleo de hortelã.

A cultura de hortelã havia sido implantada em todas as áreas da família e já estava em produção quando chegaram de mudança. Eles possuíam uma camioneta pequena (F-350) bem boa e cuidada, que utilizavam para transportar ramas de hortelã. A cultura era plantada em ramos e na sequência saía a brotação para fora da terra, até mais ou menos um metro de altura. A cultura se adaptava muito bem na terra descampada e solta. Não exigia adubação, então era bem fácil a produção, bastava fazer o controle (manualmente) das ervas daninhas.

Durante um ano ficaram morando junto com os sogros. Bento trabalhava junto com os irmãos na cultura da hortelã, e Joana trabalhava junto com os sogros em outra terra, onde cultivavam alimento basicamente para consumo. Plantavam arroz, milho, amendoim, feijão etc. Se sobrava tempo, os três ajudavam na limpeza manual das ervas daninhas na roça de hortelã, que fi-

cava acima da casa. Arrancavam e retiravam o inço de dentro da lavoura a fim de reduzir o banco de sementes da lavoura. Joana conta que nunca ajudou no corte de hortelã, somente no amontoamento da cultura.

Tinha uma relação muito boa com o sogro Júlio. Conta que ele a respeitava e a tratava muito bem, chama-va-a de filha e sempre que encontrava uma fruta trazia para ela comer. Joana diz que não tem do que reclamar da vivência que teve com eles e que sente saudades.

Ela ajudava em alguma demanda financeira da casa com o dinheiro que tinha (oriundo das sete cabeças de gado que vendeu antes de ir para o Paraná) para comprar, por exemplo, fermento, farinha de trigo ou pagar o moinho. As duas (sogra e nora) levavam o milho no moinho de Luís Zortea. Iam por carreiros e atalhos para providenciar a moagem do milho para obter a farinha para a polenta.

O nascimento das filhas

Em abril de 1975 nasceu a primeira filha, Zenir, de parto normal, em casa, enquanto ainda morava com os sogros, que ajudavam a cuidar da menina. A sogra enrolava-a num pano e a levava para mostrar os pintinhos, as galinhas, as vacas e a roça, que ficava bem perto da casa, até que Zenir dormisse. À noite era o sogro quem cuidava da criança enquanto as mulheres providenciavam o jantar para todos e, às vezes, uma delas limpava a casa. Júlio fazia o cigarro de palha enquanto, com o pé, embalava o berçinho para acalmar a neta que chorava e conversava com a bebê, dizendo que tinha que colocar um motorzinho no berçinho para dar conta do movimento necessário para acalmá-la.

Em 24 de junho de 1975 mudaram-se para a casa própria em um terreno também próprio. A moradia era de madeira e coberta de tábuas, sem forro. Não havia sequer uma única goteira naquela casa. Era composta por dois quartos, sala e cozinha, toda repartida. Não tinha varanda nem banheiro. Tomavam banho de gammela, pois não havia água encanada. Começaram a vida ali. Foi difícil, com pouco ou nenhum dinheiro e uma criança pequena.

Tinham umas sete ou oito galinhas e um leitão para engorda criado num cercado no meio do barro, com um pequeno chiqueiro coberto com palha do mato (capoeira). Quando o porco estava gordo, mataram o animal e fizeram banha (em abundância) e salame. Joana conta que não tinham energia elétrica na época, por isso armazenavam a carne de porco no interior da lata de banha.

Depois de um ano, em 1976, construíram outra casa de madeira, também sem forro, mas coberta de telha de fibrocimento, com assoalho construído de madeira. Em agosto do mesmo ano nasceu a segunda filha, Evanir, também de parto normal.

Mesmo com duas crianças pequenas, Joana trabalhava diariamente na lavoura e acompanhava o marido nas atividades diárias do campo. Naquele ano, aproveitaram uma parte da terra e plantaram hortelã. Era uma quantidade bem boa da cultura manejada pelo casal. A outra parte da terra foi arrendada para plantio de feijão. O arrendamento era com divisão dos custos e da produção; o casal entrou com a terra e o arrendatário com a semente. Tinham somente uma bicicleta velha para se locomoverem. Com a parte da colheita do feijão, compraram o primeiro automóvel, um fusca. Com o dinheiro da hortelã pagaram as dívidas, e sobrou para

se manterem durante o ano. A partir dali começaram a se equilibrar.

Nos anos seguintes, começaram a substituir a hortelã pela cultura da soja e do milho. Faziam faixas de aproximadamente quatro metros de soja, intercalada com o milho, em toda a terra. O plantio era feito manualmente, semeado com saraquá, popularmente conhecida como máquina pica-pau. Não utilizavam nada de adubo, apenas a semente. Na época da colheita o casal arrancava a soja, amontoava em montinhos e carregava para realizar a debulha com o auxílio de uma trilhadeira. Não contratavam peão para auxiliá-los. Contavam com a ajuda de um sobrinho adolescente de Bento, chamado Vital, que morou com eles por cerca de três anos. Depois da soja colhiam o milho, tudo manualmente. Além da boa colheita da soja, o milho também produzia muito bem. O sucesso da produção se dava em virtude da qualidade da terra (solo) e das condições favoráveis do tempo na época.

O manejo das culturas era realizado com a capina para controle das ervas daninhas, e, quando necessário, eram realizadas roçadas com a ferramenta gadanha. Joana auxiliava igualmente em todos os processos dos ciclos das culturas. Conta que o difícil era realizar o plantio, mas o restante era bem mais tranquilo.

Com o bom rendimento das culturas, iniciaram a construção da nova casa, que ficou pronta em junho de 1980. Em 29 de outubro desse ano nasceu a terceira filha, a qual recebeu o nome de Eracilda, também de parto normal, no entanto foi a primeira cujo parto foi assistido por profissionais no hospital. Na sequência, chegou a energia elétrica na casa em que moravam, na qual o casal morou junto com as filhas por cerca de trinta e dois anos.

Em 24 de março de 1985 nasceu a quarta filha de Joana, chamada Juliana, também de parto normal no hospital.

Figura 14: Joana e as filhas Zenir, Evanir e Eracilda.



Figura 15: Joana com a filha Juliana e sua irmã Eva (foto à esquerda). Joana e Bento no dia do batizado da filha Juliana.



A partir do ano de 1981 iniciaram na produção de fumo, como cultura principal de uma parte da área total que possuíam – cerca de onze hectares (quatro alqueires e meio, em média) de terra. Como sucessão de cultivo na área, utilizavam feijão, milho e soja. Além disso, sempre tiveram vacas de leite, galinhas e porcos para o sustento da família e a comercialização, quando possível.

Com as crianças já grandinhas, Joana liderava as atividades da lavoura, mesmo quando o marido não estava em casa. Sempre trabalhou muito na lavoura, e ao final do dia iniciava outra etapa: os afazeres da volta de casa, como tirar leite das vacas e concluir serviços de casa.

As filhas sempre acompanhavam nas atividades da lavoura. Mesmo as menores, ainda bebês, eram levadas para a lavoura onde ficavam dentro de balaios confeccionados de cipó e taquara pelo esposo. Deixava as crianças na sombra das carreiras de fumo enquanto trabalhavam.

Quando adultas, as filhas auxiliavam em todas as atividades da lavoura, entretanto cada membro da família era designado para liderar uma atividade ao longo de cada ciclo da cultura, conforme as habilidades de cada uma.

Zenir, a primogênita, foi a que mais trabalhou e sofreu na lavoura. Era o braço direito do pai e da mãe. Não gostava muito de estudar, por isso ficou até a 4^a série (hoje, o equivalente ao 4º ano) na escola rural, situada ao lado da igreja da comunidade. Fazia todas as atividades (da lavoura e da casa) possíveis e, por fim, dirigia o trator nos afazeres da roça.

Evanir gostava de liderar nas atividades envolvendo aragem animal. Para isso, utilizava-se cavalo como tra-

ção de aradinho ou capinadeira. Ambos os implementos eram destinados para fazer a limpeza entrelinhas das culturas (fumo, feijão, milho, soja etc.). Evanir também não era muito dedicada para os estudos e frequentou a escola até a 4^a série na escola rural da comunidade. Mais tarde, quando moça, fez o Ensino Fundamental no colégio da cidade. No início da juventude saiu de casa para estudar no turno da noite, e durante o dia era diarista. Não chegou a concluir o Ensino Médio.

Eracilda liderava, quando necessário, a aplicação de defensivos agrícolas com a costal. Atuava principalmente no controle da lagarta no fumo, que tornava frequente a necessidade de aplicação de inseticidas. Ela sempre gostou de estudar e era esforçada nessa área. Detestava trabalhar na roça, mas não via como continuar estudando, dadas as condições financeiras da família. Estudou continuamente até finalizar o Ensino Médio, tinha boas notas, nunca reprovou, sequer pegou recuperação no colégio. Tinha um sonho de fazer faculdade, se formar, mas sabia que sua família não teria condições de dar suporte para seu sonho.

Juliana, a “nenê” da casa, pegou uma fase de transição na propriedade em virtude da necessidade de reduzir as atividades que necessitavam de muita mão de obra. Nessa época foi investido mais dinheiro em vacas de leite para produção e, consequentemente, comercialização, além do cultivo do fumo, em menor quantidade. Mais tarde, deixou-se de produzir fumo e foi inserida a produção de hortaliças para comercialização, principalmente agrião e pepino de conserva. Juliana auxiliava muito na produção, bem como na comercialização, levando os produtos para entrega no comércio da cidade. Ela estudou continuamente até finalizar o Ensino Médio no colégio da cidade.

Joana era quem nos incentivava a ir para a lavoura. Muitas vezes sem nenhuma perspectiva de ganhamos alguma roupa, calcado etc., lutava sempre para não esmorecermos. Ela sempre foi habilidosa na enxada. Além disso, cortava fumo com maestria. Excedia muito homem na lida da lavoura.

Bento, único homem da casa, era responsável pelas tarefas mais pesadas, como aração com bois de canga, preparo do solo com trator, arados e grades e aplicação de defensivos químicos específicos, como, por exemplo, para brotos de fumo, que era muito forte e perigoso.

Por muito tempo Joana levou uma vida de muito trabalho e pouco (ou nenhum) retorno. Vivia numa casa muito humilde, de madeira, com a pintura desbotada pelo tempo. Embora a vivência da família não fosse de nenhum tipo de luxo, comida não faltava, pois tudo se produzia na propriedade, como mandioca, milho (e farinha para a polenta), trigo (e farinha para a confecção de pães e massas), feijão, arroz, galinhas (carne e ovos), porcos (carne), vacas (leite, nata e, com os bezerros machos, carne), pipoca e amendoim (que dava uma trabalheira danada em época de apuro da roça, e muitas vezes era perdida a produção).

As filhas na fase adulta

Em 1995 Zenir casou com Valmir Pereira Bach, com quem teve dois filhos: Andressa e Anael. Eles moraram na cidade natal por cerca de cinco anos. O marido era motorista de caminhão e ela diarista quando tinha apenas a filha mais velha. Depois do nascimento do segundo filho, Zenir foi morar em Fraiburgo/SC, na mesma cidade onde moravam os sogros e a família. Mais tarde, em 2001, o marido conseguiu um trabalho de motorista de caminhão em Caxias do Sul/RS, numa

empresa de terraplanagem. Mudaram-se e lá criaram os dois filhos lindamente.

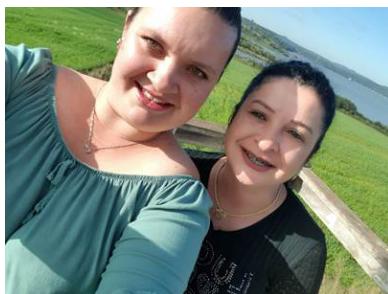
Andressa é casada com Marcos Duz, com quem mora em Caxias do Sul/RS e tem uma filha de 2 anos chamada Ana Júlia. Anael, assim que conseguiu a maioridade, fez carteira de motorista e logo seguiu na profissão do pai, de motorista de caminhão. Trabalhou em algumas empresas com entregas locais e, mais adiante, para todo o Brasil. Casou-se com Débora Bernardi, com quem mora em Otávio Rocha/RS e trabalha na produção de morangos e hortaliças para comercialização na Ceasa, em Porto Alegre/RS.

Figura 16: Zenir e família.



Evanir foi morar com o namorado em 1998, com quem viveu por cerca de quinze anos. Teve uma filha que nasceu em 2000, chamada Larruana. Em 2013, se separou-se e hoje vive sozinha em Santa Izabel do Oeste/PR, onde é diarista. Sua filha Larruana está morando em Cascavel/PR com o seu esposo Fábio.

Figura 17: Evanir e sua filha Larruana.



Eracilda foi descoberta por seu primo de segundo grau, Mario Duarte Canever, que soube do seu desejo de estudar e, ao visitar a casa da família, propôs que Eracilda fosse fazer faculdade em Pelotas/RS, onde ele trabalhava. Ela se formou em Engenharia Agrícola na Universidade Federal de Pelotas em 2004. Em 2006 finalizou o Mestrado e em 2012 o Doutorado em Ciência do Solo na Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente é docente de na Engenharia Agrícola da Universidade Federal do Pampa – Campus Alegrete. Casou-se com Jerônimo Alves e tem um filho de 8 anos, chamado Artur.

Figura 18: Eracilda e família.



Juliana casou-se em 2007 com Ivoney Francener Dallabrida. Foi morar no interior da cidade de Capitão Leônidas Marques/PR, onde trabalham com produção de aves de corte e produção agrícola. Tem um filho de 8 anos, chamado Vinícius.

Figura 19: Juliana e família.



Figura 20: Joana e suas filhas em janeiro de 2004. Da esquerda para a direita: Zenir, Evanir, Eracilda e Juliana.



A velhice

Joana se separou de Bento em 2012 e desde então mora na cidade de Capitão Leônidas Marques/PR. Inicialmente morou de aluguel e até trabalhou como diarista para se manter na cidade. Mais tarde, com a sua parte da venda da terra, oriunda da separação, comprou uma boa casa e recentemente trocou-a por outra.

Em 2021 comemorou a data de seu aniversário com a família reunida. Foi um momento muito especial, pois o ano era de incertezas e medos. Sempre que possível a família se reúne para celebrar a vida. São poucos dias, mas sempre muito intensos.

Figura 21: Encontro da família de Joana nos seus 71 anos.
Outubro de 2021.



Figura 22: Joana nos seus 71 anos. Outubro de 2021.



Figura 23: Joana e sua bisneta Ana Júlia. Outubro de 2021.



Figura 24: Encontro da família de Joana. Filhas, genros, netos(as) e bisneta. Janeiro de 2024.



Joana vive bem, cuida muito da sua saúde e da sua casa e está sempre em contato com a família. Adora cultivar plantas floríferas e participar das missas e das ações da comunidade. É voluntária em um projeto do município na confecção de fraldas geriátricas para

o hospital e os postos de saúde. Também participa de projetos sociais na cidade, em que foi contemplada com uma vaga no pilates e em atividades motoras para a terceira idade.

Ela é sempre muito alegre e divertida. Participa sempre das diversões em família. Recentemente aprendeu a jogar cartas de uno, com as quais se diverte bastante com o neto Vinicius, que vive mais próximo dela e com quem tem mais contato. Considera a sua família linda e muito unida.

CAPÍTULO 12

Árvore Genealógica – Ascendência de Liriano

João Duarte

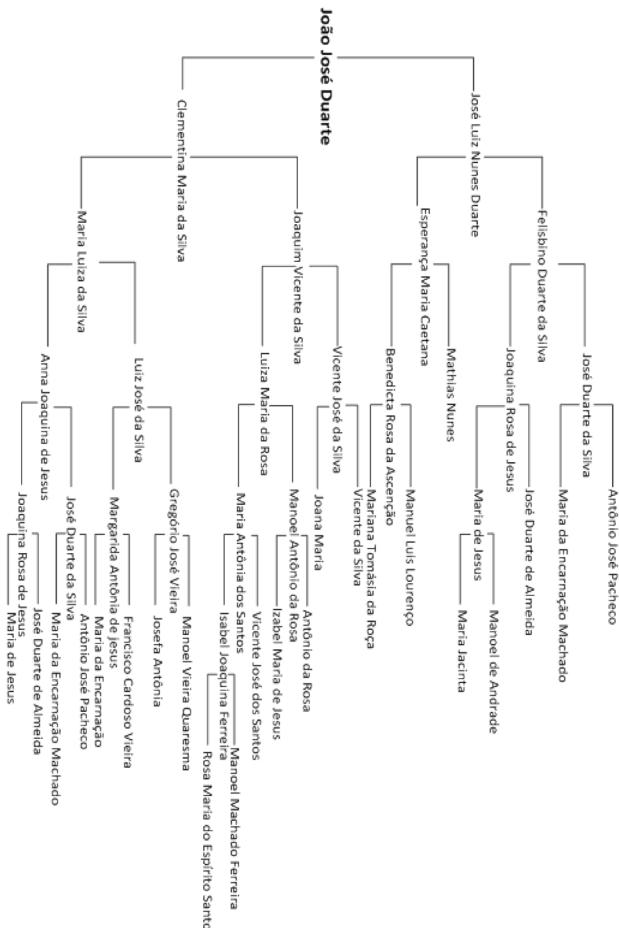
Mario Duarte Canever

Como já mencionado no Capítulo I, toda a ascendência de Liriano, seja paterna ou materna, é de origem açoriana. Neste capítulo iremos apresentar em detalhes a sua ascendência e descendência. Quanto à ascendência, os trabalhos de pesquisa foram desenvolvidos principalmente no site de busca FamilySearch (<https://www.familysearch.org/pt/>), o qual é uma organização de pesquisa genealógica mantida pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, que coleta e microfilma registros genealógicos em igrejas e cartórios civis de todo o mundo. No nosso caso, por meio do professor de História da Universidade Federal de Santa Catarina, Prof. Sérgio Luiz Ferreira, tivemos contato com essa base de dados que nos facilitou a identificação de nossos ancestrais.

As pesquisas realizadas compreenderam apenas os ancestrais de Liriano, e adotamos a estratégia de identificar ancestrais até que o local de nascimento não fosse o Brasil. Observamos, assim, que todos os ancestrais de Liriano, tanto os paternos como os maternos, tinham ascendência açoriana, como pode ser visto nas Figuras 1 e 2. Como sabemos, a grande leva da imigração açoriana para Santa Catarina ocorreu em meados do século XVIII, portanto a maioria dos ancestrais não nascidos no Brasil é de pentavós ou hexavós de Liriano. Alguns,

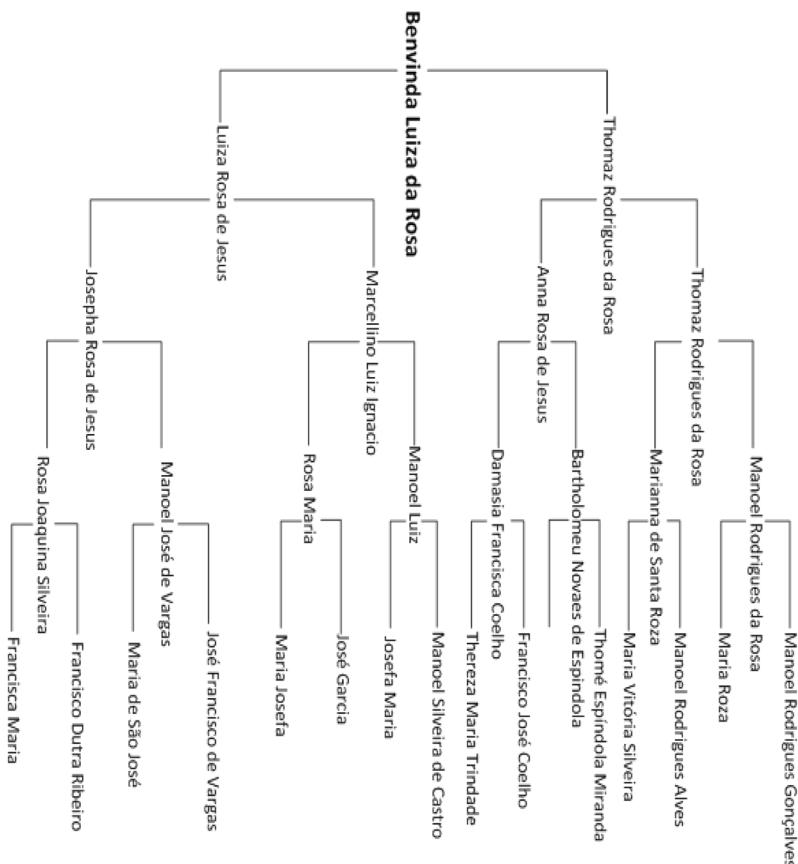
porém, eram heptavós ou até octavós. Resta dizer que este trabalho pode e deve ser revisado e continuado para que se obtenham dados mais completos e precisos dos ancestrais já mapeados neste estudo e dos demais que não foram incluídos.

Figura 1: Ascendência paterna de Liriano João Duarte.



Fonte: Elaboração própria a partir da base de dados obtida na plataforma *Family Search*.

Figura 2: Ascendência materna de Liriano João Duarte.



Fonte: Elaboração própria a partir da base de dados obtida na plataforma *Family Search*.

Nas próximas páginas apresentamos mais detalhes sobre a ascendência do Liriano, partindo dos seus pais até o ascendente não nascido no Brasil.

Identificação	Nome	Data de nascimento	Local de nascimento	Data de falecimento	Local de falecimento
Avô					
	Liriano João Duarte	6/08/1892	Santo A. Imperatriz/SC	01/09/1963	Rio Hipólito, Orleans/SC
Bisavós					
Pais de Liriano J. Duarte	João José Duarte	23/10/1868	Santo A. Imperatriz/SC		Braço do Norte/SC
	Benvinda Luiza Duarte (nascida da Rosa)	01/08/1873	São José/SC		Braço do Norte ou Armazém/ SC
Trisavós					
Pais de João José Duarte	José Luiz Nunes Duarte	Perto de 1829	Santo A. Imperatriz/SC		Santo A. Imperatriz/SC
	Clementina Maria Nunes Duarte (nascida da Silva)	1833	Nossa Senhora do Desterro, Florianópolis/ SC	28/11/1873	Santo A. Imperatriz/SC
Pais de Benvinda L. Duarte da Rosa	Thomaz Rodrigues da Rosa	Antes de 1836	São José/SC		Santo A. Imperatriz/SC
	Luiza Rodrigues da Rosa (nascida Rosa de Jesus)	20/06/1833	Laguna/SC		Santo A. Imperatriz/SC
Tetravós					
Pais de José Luiz N. Duarte	Felisbino Duarte da Silva	Antes de 1790	São José/SC		
	Esperança Maria Duarte da Silva (nascida Caetana)	11/11/1787	Lagoa, Florianópolis/ SC		
Pais de Clementina M. N. Duarte	Joaquim Vicente da Silva	30/07/1812	São José/SC		Santo A. Imperatriz/SC
	Maria Luiza da Silva	Perto de 1810	São José/SC		

Pais de Thomaz R. da Rosa	Thomaz Rodrigues da Rosa	22/04/1799	São José/SC	Antes de 7/10/1848	
	Anna Rosa Rodrigues da Rosa (nascida de Jesus)	18/03/1805	São José/SC	Antes de 7/10/1848	
Pais de Luiza R. da Rosa	Marcellino Luiz Ignacio	Antes de 9/08/1796	Enseada de Brito/Palhoça/ SC	Antes de 1842	Laguna/SC
	Josepha Rosa Ignacio (nascida de Jesus)	11/10/1798	Enseada de Brito/Palhoça/ SC		

Identificação	Nome	Data de nascimento	Local de nascimento	Data de falecimento	Local de falecimento
---------------	------	-----------------------	------------------------	------------------------	-------------------------

Pentavós

Pais de Felisbino Duarte Silva.	Joaquina Rosa Duarte da Silva (nascida de Jesus)	Perto de 1771	São José/SC		
	José Duarte da Silva	Perto de 1765	São José/SC	15/09/1847	São José/SC
Pais de Esperança Maria D. da Silva	Mathias Nunes	18/02/1743	Calheta, São Jorge, Açores, Portugal		Lago da Conceição, Florianópolis/ SC
	Benedicta Rosa Nunes (nascida da Ascenção)	1750	Ilha Terceira, Açores, Portugal		
Pais de Joaquim V. da Silva	Vicente José da Silva	Depois de 1790	São José/SC		
	Luiza Maria da Silva (nascida da Rosa)	Perto de 08/1790	São José/SC		
Pais de Maria Luiza da Silva	Luiz José da Silva	22/01/1791	São José/SC		
	Anna Joaquina da Silva (nasci- da de Jesus)	Perto de 1790	São José/SC		

Pais de Thomaz R. da Rosa	Manoel Rodrigues da Rosa	10/06/1743	São Mateus, Madalena, Pico, Açores, Portugal		
	Marianna Rodrigues da Rosa (nascida de Santa Roza)	Perto de 1762	São José/SC		
Pais de Anna R. R. da Rosa	Bartholomeu Novaes de Espindola	Depois de 1755	Nossa Senhora do Desterro, Florianópolis/ SC	08/08/1834	São José/SC
	Damasia Francisca Novaes de Espindola (nascida Coelho)	Antes de 1772	Nossa Senhora do Desterro, Florianópolis/ SC		
Pais de Marcellino L. Ignacio.	Manoel Luiz	1750	Enseada de Brito, Palhoça/SC		
	Rosa Luiz (nascida Maria)	Perto de 1759	Palhoça/SC		
Pais de Josephina R. Ignacio	Manoel José de Vargas	1780	Enseada de Brito, Palhoça/SC		
	Rosa Joaquina de Vargas (nascida Silveira)	Antes de 12/02/1781	Enseada de Brito, Palhoça/SC		

Identificação	Nome	Data de nascimento	Local de nascimento	Data de falecimento	Local de falecimento
Hexavós					
Pais de Joaquina Rosa Duarte da Silva	Maria Duarte de Almeida (nascida de Jesus)	Perto de 1749	Nossa Senhora do Desterro, Florianópolis/ SC		
	José Duarte de Almeida		São Miguel, Açores, Portugal		

Pais de José Duarte da Silva.	Antônio José Pacheco	4/02/1738	São José, Ponta Delgada, São Miguel, Açores, Portugal		
	Maria da Encarnação Pacheco (nascida Machado)		Ilha da Graciosa, Açores, Portugal		
Pais de Matthias Nunes.			Vieram Açores		
			Vieram Açores		
Pais de Benedicta Rosa Nunes	Mariana Tomásia Lourenço (nascida da Roça)	18/10/1710	São Miguel, Açores, Portugal		
	Manuel Luís Lourenço	13/03/1712	Ilha Terceira, Açores, Portugal		
Pais de Vicente José da Silva	Joana da Silva (nascida Maria)		Ilha Terceira, Açores, Portugal		São José/SC
	Vicente da Silva		Ilha Terceira, Açores, Portugal		São José/SC
Pais de Luiza Maria da Silva	Maria Antonia da Rosa (nascida dos Santos)	Perto de 1769	São José/SC		
	Manoel Antônio da Rosa	Perto de 1765	São José/SC	Depois de 1790	São José/SC
Pais de Luiz José da Silva	Gregório José Vieira	Perto de 1760	São José/SC		Florianópolis/SC
	Margarida Antonia José Vieira (nascida de Jesus)	1753	São José/SC		
Pais de Anna Joaquina da Silva	José Duarte da Silva	Perto de 1765	São José/SC	15/09/1847	São José/SC
	Joaquina Rosa Duarte da Silva (nascida de Jesus)	Perto de 1771	São José/SC		

Pais de Manoel Rodrigues da Rosa	Manoel Rodrigues Gonçalves	Antes de 1723	São Mateus, Madalena, Pico, Açores, Portugal		
	Maria Rodrigues Gonçalves (nascida Roza)	12/04/1718	São Mateus do Pico, Açores, Portugal		

Identificação	Nome	Data de nascimento	Local de nascimento	Data de falecimento	Local de falecimento
Hexavós					
Pais de Marianna Rodrigues da Rosa	Maria Vitoria Rodrigues Alves (nasci- da Silveira)	01/11/1728	São Mateus, Madalena, Pico, Açores, Portugal		
	Manoel Rodrigues Alves	25/08/1728	São Mateus, Madalena, Pico, Açores, Portugal		
Pais de Bartholomeu Novaes de Espindola	Thomé Espindola Miranda	20/04/1709	Guadalupe, Santa Cruz da Graciosa, Ilha da Graciosa, Açores, Portugal		Santa Catarina, Brasil
	Catarina Espindola Miranda (nascida Espindola de Bittencourt)		Guadalupe, Açores, Portugal	Depois de 1766	Santa Catarina, Brasil
Pais de Damasia F. N. de Espindola	Francisco José Coelho	Perto de 1731	Ilha Terceira, Açores, Portugal		
	Thereza Maria Coelho (nascida Trindade)	Perto de 1732	Faial, Açores, Portugal		
Pais de Manoel Luiz	Manoel Silveira de Castro				
	Josefa Silveira de Castro (nascida Maria)		1730		

Pais de Rosa Luiz	Maria Garcia (nascida Josefa)	13/06/1722	Cedros, Horta, Faial, Açores, Portugal		
	José Garcia	1730	Faial, Açores, Portugal	Antes de 1783	
Pais de Manoel José de Vargas	José Francisco de Vargas	8/03/1745	Pedro Miguel, Horta, Faial, Açores, Portugal	15/05/1787	Enseada de Brito, Palhoça/SC
	Maria de Vargas (nas- cida de São José)	19/02/1749	Cedros, Horta, Faial, Açores, Portugal		Brasil
Pais de Rosa J. de Vargas	Francisco Dutra Ribeiro	Perto de 1755	Nossa Senhora da Ajuda, Açores, Portugal		Enseada de Brito, Palhoça/SC
	Francisca Dutra Ribeiro (nascida Maria)	22/07/1758	Cedros, Açores, Portugal		

Identificação	Nome	Data de nascimento	Local de nascimento	Data de falecimento	Local de falecimento
Heptavós					
Pais de Maria Duarte de Almeida	Maria de Andrade (nas- cida Jacinta)	1730	Ilha Terceira, Açores, Portugal		
	Manoel de Andrade	Perto de 1725	Feteira, Horta, Ilha do Faial, Açores, Portugal		
Pais de Manoel Antônio da Rosa	Izabel Maria da Rosa (nas- cida de Jesus)	Depois de 1732	Ribeira Seca, Calheta, São Jorge, Açores, Portugal		
	Antônio da Rosa	Perto de 1730	Cedros, Horta, Faial, Açores, Portugal		Santa Catarina, Brasil
Pais de Maria Antônia da Rosa	Isabel Joaquina dos Santos (nasci- da Ferreira)	1751	Florianópolis/SC		
	Vicente José dos Santos	Perto de 1740	Guadalupe, Açores, Portugal	12/12/1832	São José/SC

Pais de Gregório José Vieira	Manoel Vieira Quaresma	Perto de 1720	Ilha do Pico, Açores, Portugal	Perto de 1790	
	Josefa Vieira Quaresma (nascida Antônia)	Perto de 1740	Ilha Terceira, Açores, Portugal		
Pais de Margarida A. J. Vieira	Francisco Cardoso Vieira	11/03/1730	Biscoitos, Praia da Vitória, Ilha Terceira, Açores, Portugal		
	Maria Cardoso Vieira (nascida da Encarnação)	Perto de 1735	Fontinhas (Nossa Senhora da pena, Açores, Portugal)		
Pais de José Duarte da Silva	Antônio José Pacheco	4/02/1738	São José, Ponta Delgada, São Miguel, Açores, Portugal		
	Maria da Encarnação Pacheco (nas- cida Machado)		Ilha da Graciosa, Açores, Portugal		
Pais de Joaquina R. Duarte da Silva	José Duarte de Almeida		São Miguel, Açores, Portugal		
	Maria Duarte de Almeida (nascida de Jesus)	Perto de 1749	Nossa Senhora do Desterro, Florianópolis/SC		

Octavós

Pais de Isabel J. dos Santos	Rosa Maria Machado Ferreira (nasci- da do Espírito Santo)	1735	Pico, Açores, Portugal		
	Manoel Machado Ferreira	22/02/1712	Calheta, São Jorge, Açores, Portugal		Santa Catarina, Brasil

CAPÍTULO I3

Árvore Genealógica – Descendência de Liriano João Duarte

*Mario Duarte Canever
Cristina Possato Duarte
Zenilda Possato Duarte*

Os nonnos Liriano e Flora tiveram 10 filhos, que geraram 70 netos, 156 bisnetos, 134 trinetos e 5 tetrabrilhos, conforme quadro abaixo.

Filhos	Netos	Bisnetos	Trinetos	Tetrabrilhos
Marta	10	38	48	3
Santos	10	23	19	–
Maria	9	23	29	–
Antônio	11	27	27	1
Ana	5	11	2	–
Angelina	11	14	4	–
Elizia	5	8	3	–
João	5	7	2	–
José	–	–	–	–
Joana	4	5	1	–
Total	70	156	135	4

Dados atualizados em maio de 2024.

Na sequência, apresenta-se a identificação dos diferentes membros da árvore genealógica de Liriano João Duarte por meio de numeração progressiva que permite posicionar os descendentes, conforme segue:

- ☒ O primeiro número identifica os filhos de Liriano João Duarte com seus respectivos cônjuges.
- ☒ O segundo número identifica os netos, ou seja, os filhos de seus filhos e seus respectivos cônjuges.
- ☒ O terceiro número representa os bisnetos, ou seja, os netos de seus filhos e seus cônjuges.
- ☒ O quarto número representa os trinetas de Liriano João Duarte, ou seja, os bisnetos de seus filhos e seus cônjuges.
- ☒ O quinto número representa os tetranetos de Liriano João Duarte.
- ☒ “cc” após o nome de seu descendente casado significa “casado com” para identificar seu cônjuge(s).

Espera-se que os descendentes continuem se reproduzindo e criando seus filhos para que o nome Duarte continue vivo até a próxima passagem da barca de Noé!

1 Marta Duarte Paladini cc Hermínio Manoel Paladini

| 1.1 Maria Salete Paladini Angeli/Domingos Angeli

| 1.1.1 Wilson Angeli cc Elizete Piaceski Angeli

| | 1.1.1.1 Matheus Angeli

| | 1.1.1.2 Lucas Angeli

| 1.1.2 Rosangela Angeli

| | 1.1.2.1 Victória Angeli Teixeira

| | 1.1.2.2 Maria Eduarda Angeli Teixeira

| 1.2 José Felix Paladini cc Anir Candiotti Paladini

| 1.2.1 Jorlei Paladini cc Edilson X. Ertl/Jair Campos

| | 1.2.1.1 Aline Paladini Ertl cc Julio C. A. Cândido

| | | 1.2.1.1.1 Heloiza Ertl A. de Cândido

| 1.2.1.2 Christine Paladini Ertl cc Erickson Dalberti

| 1.2.1.2.1 Miguel Paladini Dalberti

| 1.2.2 Edson Paladini cc Ana Carolina Paladini

| 1.2.3 Emerson Paladini cc Silvia R. Braga Paladini

| 1.2.3.1 Maria Vitória Paladini

| 1.3 Ivone Paladini Veronese cc Antonio Carlos Veronese

| 1.3.1 Luis Carlos Veronese cc Zeneide dos Anjos Veronese

| 1.3.1.1 Heloisa Veronese

| 1.3.1.2 Gabriel dos Anjos Veronese

| 1.3.1.3 Carlos J. dos Anjos Veronese

| 1.3.2 Roseli M. Veronese cc Abdias Stani de Oliveira

| 1.3.2.1 Brenda Veronese de Oliveira

| 1.3.2.2 Bruno Veronese de Oliveira

| 1.3.2.3 Bárbara Veronese de Oliveira

| 1.3.3 Rosana Veronese

| 1.3.4 Claudemir Veronese

| 1.3.4.1 Rafaela Nunes Veronese

| 1.3.4.2 Carlos Eduardo Veronese

| 1.3.5 Regiane Veronese cc Plinio Magno de Britto Jr

| 1.3.5.1 Kamila Veronese de Britto

| 1.3.5.2 Kaio Veronese de Britto

| 1.3.5.3 Higor Veronese Scariot

| 1.3.6 Luciane Veronese de Andrade cc Emerson Adriano de Andrade

| 1.3.6.1 Lara Veronese de Andrade

| 1.4 Luiz Paladini cc Irma Gosch/Raquel de Oliveira

| 1.4.1 Luciane Paladini Pacheco cc Devanir José Pacheco

| 1.4.1.1 Djonatan Pacheco

| 1.4.1.1.1 Victor Pacheco

- | 1.4.1.2 Gabrielli Pacheco
- | 1.4.2 Adriana de Oliveira cc Everson Mateus Enke/Cristiano Packer
 - | 1.4.2.1 Kethyn Oliveira Packer
 - | 1.4.2.2 Adrian Gustavo Luiz de Oliveira Enke
- | 1.4.3 Marcelo de Oliveira Paladini
- | 1.4.4 Ana Caroline Oliveira Paladini cc Luiz Santos
 - | 1.4.4.1 Luis Miguel Paladini
 - | 1.4.4.2 Brayan Paladini Santos
 - | 1.4.4.3 Heloisa Paladini Santos
 - | 1.4.4.4 Kelleo Paladini Santos
- | 1.5 **Augustinho Paladini cc Cleusa Macedo/Salete Paladini**
 - | 1.5.1 Rodrigo Macedo Paladini cc Ana Carla Moura Motta Paladini
 - | 1.5.1.1 Rayssa Motta Paladini
 - | 1.5.1.2 Arthur Motta Paladini
 - | 1.5.2 Simone Paladini
- | 1.6 **Valério Paladini cc Dezolina Antonello/Juceli Dallaio Paladini**
 - | 1.6.1 Eugenio Edson Paladini cc Simone Aparecida Mistura Paladini
 - | 1.6.1.1 Guilherme Mistura Paladini
 - | 1.6.2 Marilene Paladini cc Ildfonso C. de Oliveira
 - | 1.6.2.1 Greiki Paladini de Oliveira
 - | 1.6.3 Maycon Henrique Paladini
 - | 1.6.4 Elisangela Paladini Menegatti (In Mem) cc Gilmar Menegatti
 - | 1.6.5 Thais Dallaio Paladini

| 1.7 Mário Paladini cc Albina Dallaio Paladini

| 1.7.1 Marcia Paladini cc Guilherme Biesek

| 1.7.1.1 Matteo Paladini Biesek

| 1.7.2 Marcos Vily Paladini cc Juliana Mello Paladini

| 1.7.2.1 Bianca Paladini

| 1.7.2.2 Maite Paladini

| 1.8 Jacinto Paladini cc Waltraud Paladini (In mem)/ Rosemar de Lima

| 1.8.1 Marcio Paladini cc Ivonete Carmem Krohn

| 1.8.1.1 Bruna Paladini

| 1.8.2 Claudemir Paladini cc Adriana Aparecida Gotz

| 1.8.2.1 Stela Sofia Goltz Paladini

| 1.8.3 Ervino Paladini (*in mem*) cc Adriana Rodrigues/Maria
Aparecida da Costa

| 1.8.3.1 Lanna Roberta Paladini

| 1.8.3.2 Luana Cristina Paladini

| 1.8.3.3 Laura Vitória Paladini

| 1.8.3.4 Erik Renan Paladini

| 1.8.4 Cesar Augusto Paladini

| 1.9 João Paladini cc Maria Zeitz Paladini/Lurdes Salvático

| 1.9.1 Alexandre Paladini cc Ionara Paladini

| 1.9.1.1 Marya Eduarda Guollo Paladini

| 1.9.1.2 Marya Valentyna Guollo Paladini

| 1.9.2 Edinei Paladini cc Jaine Ramos

| 1.9.2.1 Emily Gabriely Paladini

| 1.9.2.2 Luiz Eduardo Ramos Paladini

| 1.9.2.3 Sofia Ramos Paladini

| 1.9.3 Evandro Paladini

| 1.10 Moacir Paladini cc Lúcia Rizon/Rose Eger/Lurdes Camargo/Marlene Nunes

| | 1.10.1 Eliane Paladini

| | | 1.10.1.1 Alisson Eleandro Paladini Odorizzi

| | 1.10.2 Eleandro Paladini

| | 1.10.3 Elizandro Eger Paladini

| | | 1.10.3.1 Vitor Eger

| | 1.10.4 Anderson Paladini

| | 1.10.5 Alexandre Junior Paladini

| | 1.10.6 Alisson Paladini

| | 1.10.7 Alan Henrique Paladini

2 Santos da Silva Duarte cc Pascohina Furlan Duarte

| 2.1 José da Silva Duarte cc Emilia Barbosa Damas Duarte

| | 2.1.1 Alexandre da Silva Duarte cc Joelma Adriana da Silva Duarte

| | 2.1.2 Carina Duarte cc

| | | 2.1.2.1 Abigail Duarte da Silva

| | | 2.1.2.2 Rebeca da Silva

| | 2.1.3 Mônica Duarte cc Renan Schneider

| 2.2 Terezinha Duarte Vicenço cc Osvaldo Comelli Vicenço

| | 2.2.1 Tânia Duarte Vicenço cc Renato Luiz Marcon

| | | 2.2.1.1 Tayne Vicenço Marcon

| | 2.2.2 Anadia Duarte Vicenço

| | | 2.2.2.1 Lara Vicenço Agostinho

| | | 2.2.2.2 Gustavo Vicenço Bopré

| 2.3 Maria da Silva Duarte cc Nilton da Silva

| | 2.3.1 Alexsandra Duarte Klitzke cc Gerson H. Klitzke

- | 2.3.1.1 Gabriel da Silva Klitzke
- | 2.3.1.2 Maria Christine da Silva Klitzke

| 2.3.2 Nayara Mena Barreto cc Victor Mena Barreto

- | 2.3.2.1 Caetano Duarte Mena Barreto

| 2.3.3 Aline Duarte da Silva

- | 2.3.3.1 Pietra Duarte Siqueira

| 2.4 Agostinho da Silva Duarte cc Ângela Maria Damas Duarte

| 2.4.1 Adriana Duarte Baggio cc Edésio Kniess Baggio

- | 2.4.1.1 Giovani Duarte Baggio

- | 2.4.1.2 Eduardo Duarte Baggio

| 2.4.2 Vanessa Cristian Duarte da Silva cc Rodrigo Soares da Silva

- | 2.4.2.1 Thais Duarte da Silva

| 2.4.3 Marcus Augustus Duarte

| 2.5 Anselmo da Silva Duarte cc Schirley Fátima dos Santos Duarte

| 2.5.1 Roberta Heloise Duarte Kruger cc Fabio Luiz Kruger

| 2.5.2 Shiran Rafael Duarte cc Sandra Grasiela Chaves Duarte

- | 2.5.2.1 Raffaella Helouise Duarte

| 2.5.3 Heron Gabriel Duarte

| 2.5.4 Ana Luiza Duarte cc Nathan Lengler Lermen

- | 2.5.4.1 Serena Duarte Lermen

| 2.6 Jaime da Silva Duarte cc Lídia Noêmia Rodrigues Duarte

| 2.6.1 Juliano Augusto Duarte cc Marina Boss de Vasconcellos Duarte

- | 2.6.1.1 Sofia de Vasconcellos Duarte

- | 2.6.1.2 Heitor de Vasconcellos Duarte

- | 2.6.1.3 Alice de Vasconcellos Duarte
- | 2.6.2 Liara Jamili Duarte Terra cc Fábio Pedrotti Terra
 - | 2.6.2.1 Cecília Duarte Terra
 - | 2.6.2.2 Eduardo Duarte Terra
- | 2.7 Luiz da Silva Duarte cc Mariângela Mendes Duarte
 - | 2.7.1 André Mendes Duarte cc Marina Luiza Lardizabal Vieira
 - | 2.7.2 Rafael Mendes Duarte
 - | 2.7.3 Marina Mendes Duarte
- | 2.8 Paulo da Silva Duarte cc Ivone Alves Liemann
- | 2.9 Marta da Silva Duarte Rengel cc Ademir Rengel
 - | 2.9.1 Bruna Duarte Rengel
 - | 2.9.2 Heloisa Duarte Rengel
- | 2.10 João da Silva Duarte cc Geane Rosa Duarte
 - | 2.10.1 Aurélio Vinícius Rosa Duarte

3 Maria Duarte Rinaldi cc Domingos Rinaldi

- | 3.1 Geraldo Rinaldi cc Marlene Orben Rinaldi
 - | 3.1.1 Elaine Orben Rinaldi cc Vanderlei de Figueiredo Tavares
 - | 3.1.1.1 Eloisa Rinaldi Tavares
 - | 3.1.1.2 Gustavo Rinaldi Tavares
 - | 3.1.2 Rodrigo Orben Rinaldi cc Diandra Frasson
 - | 3.1.2.1 Nicolas Frasson Rinaldi
 - | 3.1.3 Tania Rinaldi Felippe cc André Felippe
 - | 3.1.3.1 Davi Rinaldi Felippe
 - | 3.1.4 Amanda Rinaldi
- | 3.2 Verônica Rinaldi de Bona cc Aldo de Bona (*in mem*)

- | 3.2.1 Aldo de Bona Júnior cc Dilceia Ribeiro
 - | 3.2.1.1 Pedro de Bona
 - | 3.2.1.2 Maitê Ribeiro de Bona
 - | 3.2.2 Kátia Aparecida de Bona cc Vanderlei de Picoli
 - | 3.2.2.1 Luigi de Bona de Picoli
 - | 3.2.2.2 Nícolas de Bona de Picoli
 - | 3.2.2.3 Rafael de Bona de Picoli
 - | 3.2.2.4 Higor de Bona de Picoli
 - | 3.2.2.5 Joana de Bona de Picoli
 - | 3.2.3 Domingos Antonio de Bona cc Kerolainy Borges Eufrasio de Bona
- | 3.3 Justina Rinaldi Guizoni cc José Guizoni (*in mem*)
- | 3.3.1 Vilson Guizoni cc Marilinda Ferrari/Cláudia Lima
 - | 3.3.1.1 Natan Rinaldi Guizoni
 - | 3.3.1.2 Cláudio Guizoni
 - | 3.3.1.3 Juliane Guizoni
 - | 3.3.2 Patrícia Guizoni cc Agnaldo Weinrich/Rodrigo dos Passos
 - | 3.3.2.1 Kevin Guizoni Weinrich
 - | 3.3.2.2 Henrique Guizoni dos Passos
 - | 3.3.3 Rafael Guizoni
- | 3.4 Eliza Rinaldi Margheti cc Jair Margheti
- | 3.4.1 Jaison Cleber Rinaldi Margheti cc Alini Pereira da Silveira
 - | 3.4.1.1 Jackson da Silveira Margheti
 - | 3.4.1.2 Jarbas da Silveira Margheti
 - | 3.4.1.3 Jackeline da Silveira Margheti
 - | 3.4.2 Jandir Rinaldi Margheti cc Julite Rinaldi de Bona
 - | 3.4.2.1 Emanuelly de Bona Margheti
 - | 3.4.2.2 Rayane de Bona Margheti

|3.4.3 Elisangela Rinaldi Margheti cc Denimar Nigres Costa

|3.4.3.1 Daniel Margheti Nigres

3.5 Moisés Duarte Rinaldi

3.6 Antônio Duarte Rinaldi cc Maria de Lourdes Margheti Rinaldi (*in mem*)

|3.6.1 Antônio Marcos Margheti Rinaldi cc Josiane Zanini Berger

|3.6.1.1 Ravi Berger Rinaldi

|3.6.2 Mônica Aparecida Margheti Rinaldi cc Richard Menegasso Mason

|3.6.3 Débora Rinaldi cc Diego Beltrame

|3.6.4 Adriano Margheti Rinaldi cc Tainara Mazon Vieira

3.7 Roque Duarte Rinaldi cc Margarida Albino Rinaldi

|3.7.1 Suzana Rinaldi Folster cc Lissandro Folster

|3.7.1.1 Manuella Rinaldi Folster

|3.7.2 Suzelei Albino Rinaldi Fontanela cc Ednaldo Acordi Fontanela

|3.7.2.1 Davi Rinaldi Fontanela

|3.7.3 Renan Albino Rinaldi cc Joice Destro (divorciado)

|3.7.3.1 Vinícius Destro Rinaldi

3.8 Joanita Rinaldi de Bona cc José de Bona

|3.8.1 Jonate Rinaldi De Bona cc Morgana Andrade Jeremias

|3.8.1.1 Arthur de Bona

|3.8.1.2 Heitor José de Bona

|3.8.2 Julite Rinaldi De Bona cc Jandir Rinaldi Margheti

|3.8.2.1 Emanuelly De Bona Margheti

|3.8.2.2 Rayane De Bona Margheti

|3.8.3 Alisson De Bona

| 3.9 Celina Duarte Rinaldi cc Paulo Esteche
(divorciada)

| 3.9.1 Cainã Rinaldi Esteche

| 3.9.2 Flora Rinaldi Esteche

4 Antônio da Silva Duarte cc Lídia Possato Duarte

| 4.1 Felicio Possato Duarte cc Marli Manoel Henrique

| 4.1.1 Fhraciely Duarte cc Clecir Carbonera

| 4.1.1.1 Laura Carbonera

| 4.1.1.2 Lorena Carbonera

| 4.1.2 Janderson Duarte cc Raquel Katia Caye

| 4.1.2.1 Marina Caye Duarte

| 4.1.2.2 Paola Caye Duarte

| 4.2 Maria Possato Duarte cc Abrão Manoel de Souza

| 4.2.1 Rony Anderson de Souza cc Claudia Regina Hezel

| 4.2.1.1 Leonardo Possato Hezel

| 4.2.2 Lidiane Karin de Souza cc Ademir Vanin da Rocha e
Leandro Siqueira Gonçalves

| 4.2.2.1 Eduardo de Souza Vanin

| 4.2.2.2 Joaquim Antonio de Souza Gonçalves

| 4.2.3 Tiago Luiz de Souza cc Fernanda Severino

| 4.2.3.1 Miguel Severino de Souza

| 4.2.3.2 Antonio Severino de Souza

| 4.3 Mario Possato Duarte cc Veronica Maria Martins

| 4.3.1 Selma Martins Duarte cc Gustavo André Borges

| 4.3.1.1 Miguel Duarte Borges

| 4.3.1.2 Caio Duarte Borges

| 4.3.2 Wagner Martins Duarte cc Lucimere Karina Thomazi

| 4.3.2.1 Helena Thomazi Duarte

|4.3.3 Rafael Martins Duarte cc Siomara Pascuali

|4.3.3.1 João Rafael Pascuali Duarte

|4.4 Inês Possato Duarte cc Natal Manoel Henrique

|4.4.1 Lilian Carla Henrique cc Jusimar do Nascimento e
| Jose Carlos Terleski

|4.4.1.1 Aline Henrique Nascimento cc Jonathan Pierre Pereira

|4.4.1.1.1 Caio Henrique Pereira

|4.4.1.2 Pedro Henrique Terleski

|4.4.2 Júlio Cesar Henrique cc Silvane Kitcky

|4.4.2.1 Julia Henrique Kitcky

|4.4.2.2 Celina Kitcky Henrique

|4.4.3 Ricardo Henrique cc Cristiane Terleski

|4.4.3.1 Nathalia Terleski Henrique

|4.4.4 Mariana Natali Henrique

|4.5 Geraldo Possato Duarte cc Marlinda Vicari

|4.5.1 Gustavo Vicari Duarte cc Simone Dos Santos Venancio/
| Lorayne Sahad Przytocki

|4.5.1.1 Gabriele Venancio Duarte

|4.5.1.2 Lana Sahad Vicari Duarte

|4.5.2 Ana Lara Vicari Duarte

|4.6 Claudio da Silva Duarte cc Dulcemara Manfredi | Slongo

|4.6.1 André Duarte cc Mirian Carla de Oliveira

|4.6.1.1 Gabriela de Oliveira Duarte

|4.6.2 Débora Duarte cc Matheus Vinícius Titon

|4.6.2.1 Arthur Vinícius Duarte Titon

|4.6.3 Lucas Duarte

|4.6.4 Luiza Duarte

| 4.7 Iraci Possato Duarte cc Elder Luiz Dalmolin

- | 4.7.1 Fernando Dalmolin cc Fernanda Regina Dalmolin
- | 4.7.2 Felipe Dalmolin cc Aline Dalmolin
- | 4.7.3 Flávio Dalmolin

| 4.8 Vilmar Possato Duarte cc Ivonete Francischini

- | 4.8.1 Isabela Francischini Duarte
- | 4.8.2 Caroline Francischini Duarte

| 4.9 Zenilda Possato Duarte cc Jaime Borsa

- | 4.9.1 Patricia Duarte Borsa cc Thiago Danders Boaretto Bora
 - | 4.9.1.1 Sofia Duarte Onofre
 - | 4.9.1.2 Augusto Duarte Boaretto

| 4.10 Ivonete Possato Duarte cc Narci Rodrigues Rufatto

- | 4.10.1 Ana Cristina Duarte Rufatto cc Alessandro Malage
 - | 4.10.1.1 Matheus Rufatto Malage
- | 4.10.2 Nádia Duarte Rufatto cc Tiago Beletine
 - | 4.10.2.1 Murilo Rufatto Beletine
 - | 4.10.2.2 Anthony Rufatto Beletine

| 4.11 Cristina Possato Duarte cc Marcelo Luiz Pertile

- | 4.11.2.1 Guilherme Duarte Pertile

5 Ana Duarte Canever cc Olívio João Canever

| 5.1 Maria Canever da Silva cc Valmir Galbino da Silva

- | 5.1.1 Vânia Canever da Silva cc Rafael Rodrigues de Souza
 - | 5.1.1.1 Francisco Rodrigues Canever
- | 5.1.2 Paula Canever da Silva cc Eder Figueiredo Margotti
- | 5.1.3 Luis Gustavo Canever da Silva

- | 5.1.4 5.1.4 Bruno Canever da Silva
- | 5.2 Mario Duarte Canever cc Ana Cláudia Rodrigues de Lima (divorciado)/Naama de Oliveira Miranda
- | 5.3 José Duarte Canever cc Janete Benedet Canever
- | 5.3.1 Mônica Benedet Canever cc José Antônio Lapolli Rosso
- | | 5.3.1.1 Olívia Canever Rosso
- | | 5.3.2 João Otávio Benedet Canever
- | 5.4 Ângelo Duarte Canever cc Rosalina Betta Canever
- | 5.4.1 Sílvia Betta Canever
- | 5.4.2 Jaquelini Betta Canever
- | 5.4.3 Fernanda Betta Canever
- | 5.5 Antônio Carlos Duarte Canever cc Rosisane Bett/Maria Redivo
- | | 5.5.1 Carlos Henrique Bett Canever
- | | 5.5.2 Mariana Bett Canever

6 Angelina Duarte Rinaldi cc Adelino Rinaldi

- | 6.1 Terezinha Rinaldi
- | 6.2 Tarcisio Rinaldi cc Maria do Carmo Baldasso
- | 6.3 Domingos Rinaldi (*in mem*)
- | 6.4 Ricardo Rinaldi (*in mem*)
- | 6.5 Rosa Rinaldi cc Devair Pizoni (divorciada)
- | | 6.5.1 Isaléia Rinaldi Pizoni cc Renan Cunha Sandrini
- | | | 6.5.1.1 Alice Sandrini
- | 6.6 Daniel Rinaldi cc Hermelina Rinaldi
- | | 6.6.1 André Borba Rinaldi
- | | 6.6.2 Fernanda Borba Rinaldi

| 6.6.3 Cristiane Borba Rinaldi

| **6.7 Elizeu Rinaldi cc Edna Hoffman Rinaldi**

| 6.7.1 Gustavo Rinaldi cc Dara Camilo Rinaldi

| 6.7.1.1 Clara Rinaldi

| 6.7.2 Guilherme Rinaldi cc Mirlani Ghisi

| 6.7.2.1 Isadora de Souza Rinaldi

| 6.7.2.2 Antônio Ghisi Rinaldi

| **6.8 Natalino Rinaldi cc Mariana Lemos Rinaldi**

| 6.8.1 Camila Velleda Rinaldi

| 6.8.2 Vitória Lemos Rinaldi

| 6.8.3 Heitor Lemos Rinaldi

| **6.9 Maria Madalena Rinaldi cc Délvio Sandri**

| 6.9.1 Julia Rinaldi Sandri

| 6.9.2 Felipe Rinaldi Sandri

| **6.10 Elias Rinaldi cc Renata Camila Tomé Rinaldi**

| 6.10.1 Maria Valentina Tomé Rinaldi

| **6.11 Isaias Rinaldi cc Fabiane Ghizoni**

| 6.11.1 Lucas Ghizoni Rinaldi

| 6.11.2 Caroline Rinaldi

7 Elizia Duarte Antonello cc Domingos Antonello

| **7.1 Maria do Carmo Antonello Somariva cc Ermes Somariva**

| 7.1.1 Mariana Somariva

| 7.1.2 Cicero Eduardo Somariva

| 7.1.3 Marcelo Augusto Somariva

| **7.2 Margarida Duarte Antonello cc Itacir Bonatto**

| 7.2.1 Liliam Bonatto Limberger

| 7.2.2 Suelen Bonatto Luz cc Armando Luz

- | 7.2.2.1 Carolina Bonatto Luz
- | 7.2.2.2 Cecília Bonatto Luz
- | 7.2.2.3 Catarina Bonatto Luz

| 7.3 Matilde Duarte Romancini cc Carlos Inácio Romancini

- | 7.3.1 Carlos Henrique Romancini
- | 7.3.2 Julia Romancini

| 7.4 Mario Duarte Antonello cc Roseli de Albuquerque Antonello

| 7.5 Mateus Duarte Antonello cc Marlene Antonello

- | 7.5.1 Ana Gabriela Antonello

8 João da Silva Duarte cc Corina Luiz Duarte

| 8.1 Valter Duarte cc Maria das Neves Duarte/Lurdes Feltrin

- | 8.1.1 Maicon Fernando Duarte cc. Patrícia Feliciano Duarte
 - | 8.1.1.1 Heloisa Duarte
- | 8.1.2 Walter Júnior Feltrin Duarte
- | 8.1.3 Jorge Feltrin Duarte

| 8.2 Jucélia Duarte cc Jeci Dorigon

- | 8.2.1 Mônica Duarte Dorigon Ignácio cc Alisson da Silva Ignácio
 - | 8.2.1.1 Vitor Emanuel Dorigon Ignácio

| 8.3 Zelia Duarte cc Valdir José Gomes

- | 8.3.1 André Gomes

| 8.4 Jucelino Duarte

| 8.5 Ademar Duarte cc Rosani Hobold Duarte

- | 8.5.1 Luana Moraes Duarte
- | 8.5.2 Lara Hobold Duarte

9 José da Silva Duarte

10 Joana de Andrade cc Bento Fontanelo

| 10.1 Zenir Fontanelo Bach cc Valmir Pereira Bach

| 10.1.1 Andressa Fontanelo Bach cc Marcos Duz

| 10.1.1.1 Ana Júlia Bach Duz

| 10.1.2 Anael Fontanelo Bach cc Débora Bernardi

| 10.2 Evanir Fontanelo cc Itacir Trevisan

| 10.2.1 Larruana Fontanelo Trevisan cc Fábio Borges

| 10.3 Eracilda Fontanelo cc Jerônimo Alves

| 10.3.1 Artur Fontanelo Alves

| 10.4 Juliana Fontanelo Dallabrida cc Ivoney Francener
Dallabrida

| 10.4.1 Vinícius Fontanelo Dallabrida



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
DE CAXIAS DO SUL



A Universidade de Caxias do Sul é uma Instituição Comunitária de Educação Superior (ICES), com atuação direta na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Tem como mantenedora a Fundação Universidade de Caxias do Sul, entidade jurídica de Direito Privado. É afiliada ao Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas - COMUNG; à Associação Brasileira das Universidades Comunitárias - ABRUC; ao Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras - CRUB; e ao Fórum das Instituições de Ensino Superior Gaúchas.

Criada em 1967, a UCS é a mais antiga Instituição de Ensino Superior da região e foi construída pelo esforço coletivo da comunidade.

Uma história de tradição

Em meio século de atividades, a UCS marcou a vida de mais de 120 mil pessoas, que contribuem com o seu conhecimento para o progresso da região e do país.

A universidade de hoje

A atuação da Universidade na atualidade também pode ser traduzida em números que ratificam uma trajetória comprometida com o desenvolvimento social.

Localizada na região nordeste do Rio Grande do Sul, a Universidade de Caxias do Sul faz parte da vida de uma região com mais de 1,2 milhão de pessoas.

Com ênfase no ensino de graduação e pós-graduação, a UCS responde pela formação de milhares de profissionais, que têm a possibilidade de aperfeiçoar sua formação nos programas de Pós-Graduação, Especializações, MBAs, Mestrados e Doutorados. Comprometida com excelência acadêmica, a UCS é uma instituição sintonizada com o seu tempo e projetada para além dele.

Como agente de promoção do desenvolvimento a UCS procura fomentar a cultura da inovação científica e tecnológica e do empreendedorismo, articulando as ações entre a academia e a sociedade.

A Editora da Universidade de Caxias do Sul

O papel da EDUCS, por tratar-se de uma editora acadêmica, é o compromisso com a produção e a difusão do conhecimento oriundo da pesquisa, do ensino e da extensão. Nos mais de 1.500 títulos publicados é possível verificar a qualidade do conhecimento produzido e sua relevância para o desenvolvimento regional.



Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code:

O texto destaca o sentimento de orgulho e valoriza a simplicidade, a honestidade e o trabalho da família Duarte, resgatando a sua história. Organizado por Mario Duarte Canever, neto de Liriano e filho de Ana e Olívio, o livro foi feito com a colaboração das diversas famílias descendentes de Liriano, cada uma contando sua história e compartilhando fatos e fotos. Ele busca tanto aproximar os membros da família como deixar um legado histórico para as gerações futuras.

